CRISTO E A MÍDIA

Malcolm Muggeridge

Prefácios de John Stott e Billy Graham

Tradução: Phoenix Maria Finardi Martins, com autorização da Malcolm Muggeridge's Society.

PREFÁCIO

A influência da mídia de massa sob todos nós é contínua, insistente e penetrante; e nenhuma mídia moderna é mais poderosa do que a televisão. Seria impossível fazer qualquer avaliação da sociedade contemporânea sem levá-la em consideração. Estudos recentes revelam que na Inglaterra os adultos assistem em média de 16 a 18 horas de televisão por semana, o que representa oito anos de vida humana ou um sétimo de todo o tempo que passamos acordados. Esse equipamento eletrônico é benéfico, maléfico ou neutro, ou as três alternativas em tempos diferentes e de maneiras diversas? Em particular, poderia haver um ponto de vista cristão distinto para esta questão? De que forma é apropriado limitar "Cristo" e a "Mídia"?

Estas são algumas das questões que estavam em nossas mentes quando escolhemos a mídia como o tema para as Conferências Londrinas de 1976 sobre o Cristianismo Contemporâneo e convidamos Malcolm Muggeridge para ser o palestrante. O propósito desta conferência anual, patrocinada pelo Fundo Langham*, é promover o pensamento cristão sobre assuntos importantes e contemporâneos.

Ao longo de sua vida Malcolm Muggeridge tem sido um talentoso comunicador. Com palavras e imagens, como palestrante, jornalista e autor, no rádio e televisão, ele tem fascinado, deliciado, provocado – e algumas vezes enfurecido – suas audiências. Além disso, a publicação de **Jesus Redescoberto** em 1969 mostrou ao mundo seu comprometimento pessoal com Jesus Cristo, enquanto que em **Jesus o Homem que Vive** (1975) sua fé parece brilhar ainda mais intensamente. Então muitas centenas de pessoas vieram para as Palestras, em novembro de 1976, e participaram dos debates que se seguiram.

Malcolm Muggeridge revisou suas palestras para publicação. As perguntas e respostas, juntamente com as mini-palestras dos diretores, também estão incluídas neste volume como apêndices; elas foram sub-editadas, mas sem alterar de forma nenhuma seu conteúdo e estilo. Já que o leitor vai encontrar as anotações que eu fiz ao final das três mini-palestras, não vou adicionar aqui nenhum outro comentário, exceto para dizer que, em vez de aceitar qualquer

participação financeira neste livro, Malcolm Muggeridge, com sua generosidade característica, destinou esses recursos para o Fundo de Literatura Evangélica que financia clubes de livros de pastores e outros projetos literários no Terceiro Mundo.

John Stott

Presidente, Conferências Londrinas sobre o Cristianismo Contemporâneo

Fundo Langham – Criado em 1969 por John Stott para financiar bolsas de estudo para jovens líderes evangelistas ao redor do mundo.

PREFÁCIO

Durante minha visita a Londres em 1954 um famoso jornalista chamado Malcolm Muggeridge me entrevistou para a televisão da BBC – British Broadcastring Corporation. Eu não sabia na época que aquela era sua primeira entrevista para televisão, e que ele se tornaria uma das personalidades mais conhecidas da televisão britânica. Ele era conhecido por sua mente brilhante e comportamento inteligente. Ele também era conhecido como uma espécie de cínico a respeito de todas as coisas, incluindo religião e (especialmente) visitantes evangelistas americanos.

Eu não poderia imaginar que quase 20 anos depois seria meu privilégio apresentar Malcolm Muggeridge como meu querido amigo e irmão cristão para quase três mil líderes cristãos de todo o mundo no Congresso Internacional de Lausanne sobre Evangelização Mundial. A história de sua peregrinação espiritual da descrença para a fé em Cristo é emocionante, e atualmente Malcolm Muggeridge é um ousado e perceptivo orador para o Reino de Deus.

O Fundo Langham, sob a liderança do meu bom amigo John Stott, tem feito um grande serviço em publicar as Conferências Londrinas de 1976 sobre o Cristianismo Contemporâneo apresentando Malcolm Muggeridge. Elas formam uma importante contribuição para o debate sobre o lugar da mídia na sociedade atual. Elas também são uma afirmação desafiadora para os cristãos no que diz respeito a nossas atitudes em relação à mídia. Poucas pessoas no mundo estão melhor equipadas do que Malcolm Muggeridge para analisar e dissecar a influência da mídia sob um ponto de vista cristão.

Muggeridge é sempre estimulante, e esta série de palestras não é exceção. As observações de Sir Charles Curran, Sir Brian Young e Dr. John Stott são cheias de sátira, humor e refutação e incluem alguns pensamentos instigantes.

Muito poderia ser dito acerca dos inúmeros pontos que Malcolm Muggeridge levanta mas eu gostaria de comentar dois deles em especial.

Primeiro, o tema básico destas palestras é a convicção de Muggeridge que a mídia (particularmente a televisão) tem tido um efeito extremamente negativo

na nossa civilização e que este efeito só deve aumentar. Em outras palavras, ele vê a televisão não como algo neutro que pode ser usado para o bem ou para o mal. Pelo contrário, ele o vê sempre pendendo para o mal, não para o bem. As complexidades técnicas, necessidade de edição e as demandas do público fazem com que os produtores de televisão transformem a realidade em fantasia.

Será que ele está certo? Será que a televisão está além da redenção? Esteja ele certo ou errado, ele nos faz pensar.

É neste ponto que Muggeridge apresenta um desafio para os cristãos. Ele admite que os cristãos possam trabalhar dentro da e com a mídia, ainda que ele tenha poucas diretrizes para isto. Ele também admite que há situações em que a televisão pode ser usada para transmitir a verdade cristã, embora ele veja isso como uma raridade.

Ele é consideravelmente mais cético sobre o uso que os cristãos podem fazer da mídia do que eu sou. Talvez isso seja assim por causa das diferenças entre as televisões americana e britânica. Eu tenho sido muito grato pelas oportunidades que pessoalmente tenho tido na televisão britânica (seja em entrevistas, notas ou coberturas de cruzadas) para compartilhar a mensagem de Cristo. Ao mesmo tempo, pode ser verdade que a televisão britânica geralmente não dê espaço para nada que tenha conteúdo evangélico. Na televisão americana, por outro lado, qualquer grupo religioso pode comprar tempo da programação. Eu sei que há dúvidas sobre quanto tempo isso deve continuar. De qualquer maneira, eu estou pessoalmente grato por toda oportunidade que temos de apresentar o Evangelho através da comunicação de massa, especialmente televisão. Há muitos milhares de pessoas cujas vidas foram transformadas através de um programa de televisão que apresentou o Evangelho. Muitas destas pessoas certamente nunca teriam ido a uma igreja ou participado de uma cruzada evangelística. Eu freqüentemente penso nas palavras de Paulo em I Cor 9:22-23: *“Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho”.* (Nova Versão Internacional).

Eu penso que há outro assunto que é muito importante apesar de não ser o tema principal do senhor Malcolm Muggeridge. Apesar de ele reforçar o papel da mídia, ele também nos lembra constantemente da natureza do mundo no qual nós vivemos, o qual tem sido profunda e tragicamente afetado pelo pecado. Ele nos lembra com inesquecível eloqüência que os valores do mundo são opostos aos valores do Reino de Deus. Ele nos lembra com uma poderosa introspecção da enganação do poder, da fortuna e do sucesso mundanos. Ele nos lembra com majestosa simplicidade do último derrubar de todos os sistemas humanos de pensamento e ação, e do triunfo certo do Reino de Deus. Ele nos desafia a viver para Cristo no meio de um mundo decadente, fazendo tudo que pudermos para ajudar as pessoas a ter um vislumbre da realidade eterna e da glória do Reino de Cristo.

De certa forma o problema da mídia não passa de um sintoma de um problema mais profundo – o problema do coração humano, alienado de Deus. Somente a transformação radical trazida pelo cristianismo será capaz de

resolver este problema fundamental para sempre. Malcolm Muggeridge enxergou isto claramente e eu sou grato que ele nos lembre uma vez mais da única esperança da raça humana – Jesus Cristo, nosso Senhor.

Billy Graham

ÍNDICE

Mas a sua palavra foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso mais

Jeremias

INTRODUÇÃO

As únicas credenciais que eu posso exibir com justiça sobre a mídia é que eu sou um operador veterano. Por quase toda a minha vida de trabalho – de fato, desde 1930 – eu tenho estado neste negócio desempenhando uma função ou outra, com caneta, voz e face. Mesmo quando eu ingressei no exército como soldado em 1939, eu logo me encontrei trabalhando como oficial da Inteligência e, como tal, para todos os efeitos e propósitos, de volta à mídia. Mesmo que eu não possa pretender ter apreciado totalmente esta fraudulenta ocupação, nem que seja porque isso requer uma disposição incansável além de uma atitude de *voyeur* diante daqueles em posição de autoridade sobre nós e seus atos, eu nunca consegui levar isso a sério. Há um elemento construtor de farsa que o mantém na beira do absurdo.

À medida que eu enfatizo este ponto, sou cercado por cenas do passado. Por exemplo, seguindo Harold Macmillan, quando ele era Primeiro Ministro, durante uma visita a uma fazenda coletiva na Ucrânia, ele vestido com seu melhor calção de golfe, e discursando que no Século Onze uma princesa ucraniana tinha se casado com alguém da família real britânica, desta maneira colocando as relações anglo-ucranianas numa base cordial. Ou andando atrás do Presidente Truman quando ele foi levado, bem cedo de manhã depois de um evento festivo entre canadenses e americanos, para ver as Cataratas do Niágara, o veículo escolhido para ele um carro fúnebre. Ou acompanhando o Imperador do Japão em sua primeira visita a Hiroshima depois do bombardeio atômico, ele usando um terno bem arrumado e um chapéu mole, um traje apropriado agora que, de acordo com a opinião do General MacArthur, ele não era mais um Filho do Sol e só um soberano democrata, e apoiando esse papel com o levantar do chapéu em intervalos regulares, independente de haver ou não qualquer aclamação para responder. Ou ainda, topando com Earl Attlee* no cavernoso Reform Club em um final de tarde, ele a caminho de alguma função oficial, de fraque e com colete branco, e tão pesado com a quantidade de metal presa a sua pequena pessoa na forma de um tipo ou outro de decoração que eu me maravilhei que ele não desabasse sobre todo aquele peso.

Tais episódios – e felizmente seu número é uma legião – representam uma benção especial da qual trabalhadores da mídia são poupados de total imersão, se, como os Cavaleiros Americanos de Watergate, aceitam suas pretensões como verdadeiras, ou desabam em divãs de psiquiatras. Minha própria atitude sempre foi decisivamente ambivalente; por um lado, eu busquei toda oportunidade de livrar a mídia do ridículo e do desprezível; de outro, eu continuei sendo um praticante do jornalismo com, suponho que eu possa dizer, uma certa medida de competência profissional, senão sucesso. Isto se provou desconcertante para os bem- intencionados, e para os mal-intencionados uma

**Earl Attlee – Político britânico eleito Primeiro Ministro sob o PartidoTrabalhador em 1945, trabalhou com Winston Churchill durante a Guerra, ficou conhecido como o Homem do Coração de Ferro.*

abertura pronta para ser abusivo. Em várias ocasiões diferentes eu produzi várias justificativas para continuar fazendo o que eu pretendia desprezar. Por exemplo, como um homem de televisão, eu vejo a mim mesmo como alguém que toca piano num bordel e inclui “Comigo Habita” no seu repertório na esperança de assim edificar tanto os clientes como os trabalhadores do local. Relendo recentemente a obra de Boswell, 'Vida de Johnson', eu me deparei com o seguinte trecho que eu adotei como o exemplo perfeito da minha atitude presente diante da televisão:

Goldsmith: *Eu creio, Dr. Johnson, que o senhor não vai ao teatro agora. O senhor não se dá ao menor trabalho de se preocupar* com uma nova peça, como se o senhor nunca tivesse tido nada a ver com o teatro.

Johnson: *Ora, senhor, nossos gostos mudam.Um rapaz não dá bola para um chocalho de criança, e um homem velho não dá bola para a prostituta de um homem jovem.*

Goldsmith: *Mas senhor, sua musa não era uma prostituta*.

Johnson: *Senhor, eu não acho que ela era. Mas à medida que avançamos na jornada da vida, nós deixamos para trás algumas das coisas que nos davam prazer; seja porque estejamos fatigados e não queiramos mais carregar tantas coisas, ou porque encontramos outras coisas que nos agradam mais.*

Os motivos precisos que fazem com que seres humanos se engajem numa atividade em vez de outra, que procurem uma diocese em vez de um eleitorado, uma cadeira de editor em vez de um púlpito ou um estúdio, geralmente são complicados e difíceis de revelar com honestidade. No meu caso, nas minhas várias evocações, o acaso desempenhou um papel importante; alguém havia feito uma proposta sobre isso ou aquilo, e eu tinha aceitado sem pensar seriamente sobre isso, esquecendo-me de que eu havia me comprometido até receber as passagens de avião, ou o aviso para algum evento do qual, eu constatava horrorizado, esperava-se que eu fizesse parte ativa. Foi precisamente assim que a televisão entrou na minha vida. Aconteceu há uns 20 anos quando eu era editor do Punch, e a tarefa que eu aceitei, desse jeito meio descompromissado – alguns diriam bem descompromissado - foi fazer um comentário para um filme da Cruzada de Billy Graham em Harringay, e depois entrevistar o próprio Billy Graham na frente das câmeras. Tudo foi feito sem maiores problemas e eu me encontrei participando regularmente do primeiro programa de revista televisivo da BBC, chamado Panorama.

Esses eram os primeiros anos da televisão, e nunca me ocorreu que havia qualquer diferença intrínseca entre o jornalismo televisivo e qualquer outra variedade, escrita ou falada. Mais tarde, à medida que eu me envolvi no interesse obsessivo que a televisão despertou, eu participei do interminável inquérito sobre se ela deveria ser considerada um débito ou um crédito na nossa cultura popular; se estimulava ou meramente refletia o crescimento da depravação e da violência no nosso modo de vida, se era causa ou conseqüência do crescimento da falta de leitura; se uma janela no mundo ou um espelho refletindo fielmente até demais os absurdos e as insanidades do

nosso mundo. Meus motivos precisos para continuar, não obstante, fazendo minhas aparições diante das câmeras eram vários; a cupidez era um deles, já que falar parecia uma maneira mais fácil de ganhar dinheiro do que escrever, apesar de que em termos de trabalho mental isto é provavelmente uma falácia; como também a vaidade, no sentido de que se reconhece haver uma certa satisfação infantil em ser reconhecido, apesar de que isto, também, pode ser cansativo e perturbador; também a vanglória, no sentido de que ser o que se chama de personalidade da televisão é ser suscetível a delírios de grandeza, assim também como, ao contrário, a um senso de vergonha. O que eu posso verdadeiramente dizer é que eu nunca saí de um estúdio sem sentir uma espécie de estranha desolação, e que ao deixar os estúdios de Lime Grove ou o Centro de Televisão, até as ruas de Shepherd Bush pareciam o paraíso.

Apesar destas ambigüidades, ordinariamente, suponho, eu deveria simplesmente ter me deixado levar, fazendo comentários para documentários, aparecendo em talk shows de um tipo ou de outro, atuando como âncora se e quando requisitado, entrevistando as relativamente poucas pessoas consideradas com potencial para isto (posso nomear cerca de uma centena nesta categoria, a maioria delas, como um velho jogo de cartas, com sinais de terem passado de mão em mão de diretores de estúdios), e no final dos tempos fazer minha mesura final, criando um black out temporário nas telas para sinalizar minha partida definitiva para outro lugar, onde, eu espero piamente, não haja gravação nem exibição de filmes.

Que as coisas não tenham acontecido assim deveu-se mais a certas mudanças em mim do que a circunstâncias externas. Eu vim a detectar um fio dourado de realidade correndo através da fantasia dos acontecimentos e notícias, através do ego e seus apetites, do poder e suas criaturas – os podersos da terra, vítimas do mais perigoso dos venenos, o da coroa de louros de César. Seguindo este fio dourado, eu fui levado, hesitantemente, com muitos tropeços e meandros, à realização de que o Reino que não é deste mundo, proclamado no Novo Testamento, é, de fato, nosso verdadeiro habitat e que os outros reinos da terra, os quais o diabo oferece, guardam a mesma relação com o Reino de Cristo do que aquelas brochuras de viagens com todos os lugares deleitáveis que elas tentam nos persuadir a visitar. À luz desta descoberta, a mídia virou das avessas: sua luz era escuridão, seus fatos eram ilusões, sua documentação era mito. Sobre sua cópia do Ensaio de Bacon, um dos mais antigos textos da idade da ciência, Blake rabiscou: “Boas Novas para o Reino de Satanás!”. Eu me deparei querendo escrever as mesmas palavras nas ofertas de vários canais de TV, especialmente os mais sérios. A mídia tem, realmente, proporcionado ao diabo talvez a maior oportunidade dada a ele desde que Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden. Eu só gostaria que C.S. Lewis tivesse vivido o suficiente para lidar com isto em outro magistral *Cartas do Inferno*, apontando as vantagens de se infiltrar na mídia, na produção ou atuação (melhor, talvez, o primeiro), onde uns poucos toques hábeis poderiam minar a fé de uma vida, e impecáveis sentimentos humanos poderiam abrir o caminho para debochar do espírito humano numa escala que faria inveja ao próprio Príncipe das Trevas. Realmente, a gente imagina O Velho Nick (apelido do diabo) desconsolado balançando a cabeça diante da facilidade da vida dos diabos jovens: tudo que eles precisam fazer é simplesmente se meter no negócio de transmissão religiosa, e que chances se

apresentam! Screwtape vivia afirmando que, em termos demoníacos, há muito mais uso em boas pessoas como Eleanor Roosevelt do que em perversos cruéis como Stalin. O Rei Herodes sempre teve uma péssima cobertura da imprensa por assassinar inocentes mas Screwtape tinha em mente que hoje em dia uma boa campanha na mídia para a legalização do aborto facilitaria a execução de milhares, sob os mais elevados princípios humanos, antes que sequer tivessem nascido.

Há um livro muito engraçado a ser escrito sobre tornar-se cristão nas últimas décadas do Século Vinte. A comédia reside no fato de que, para a maioria das mentes contemporâneas, precisa haver uma explicação muito boa para tal mudança de atitude, em vez dessa verdade intrínseca e esse apelo irresistível da fé cristã como revelada no nascimento, ministério, morte e ressurreição de seu fundador. Então as teorias mais bizarras são propostas para responder por algo que vem acontecendo continuamente, e afetando toda sorte e condição de pessoas, por vinte séculos. P.G. Wodehouse gostava de lembrar como um colega novelista de enorme solenidade – Hugh Walpole – comentou, quando ficou sabendo que Hilaire Belloc havia dito que Wodhouse era o escritor mais completo de seu tempo: “O que será que Belloc quis dizer com isso?”. Da mesma forma, nossos amigos podem se perguntar qual o motivo de uma decisão tão esquisita, para não dizer ultrajante, publicamente anunciada, de escolher Cristo em vez de Marx, ou D.H.Lawrence, ou Jung, ou um dos gurus contemporâneos como Maharishi, que parecem estar sempre se mudando para o Ocidente nestes dias.

No meu caso, velhos amigos têm uma explicação pronta, que é minha evidente senilidade; o pobre homem, eles dizem balançando tristemente a cabeça, costumava ser muito divertido até que essa aberração incontável o apanhou, e desde então, deve-se admitir, ele se tornou um aborrecimento. Mesmo assim, a maneira pela qual eles continuam sendo decentemente amistosos e considerados sugere como se deve esperar que eles se comportem – embora em tal situação eles seriam mais genuinamente empáticos – se alguém fosse preso no parque pelo que em dias mais reticentes se chamava de “ofensa séria”. Os outros – não tão amistosos – procuram por uma explicação mais sinistra, discorrendo sobre como velhos devassos, quando se tornam impotentes, ficam notoriamente inclinados a denunciar a devassidão, procurando privar outros dos prazeres que já não estão mais ao seu alcance; como um palhaço cujo número se gastou vai procurar por um truque, não importa quão grotesco ou inconvincente, para atrair atenção para si mesmo. Já com relação ao clero – enquanto eles estiverem dispostos a olhar com bondade para alguém taxado pela mídia como um pobre homem de Voltaire, sua reaparição na tela como um pobre homem de Santo Agostinho é pouco para o gosto deles. Para mim, o tom foi dado quando, tendo renunciado ao cargo de Reitor da Universidade de Edimburgo em vez de apoiar a demanda dos alunos para a distribuição gratuita de preservativos na unidade médica da universidade, o primeiro tiro do contra-ataque foi dado por ninguém menos do que o capelão católico da Universidade Católica Romana. Lembrou-me de quando Don Quixote libertou uma galé de escravos, a primeira coisa que eles fizeram quando se viram livres foi atirar-lhe pedras. Muitas outras aventuras farsescas como esta me aconteceram dentro e fora dos estúdios na tentativa de transmitir através da instrumentalidade da mídia, especialmente da

televisão, algo da iluminação que eu experimentei e pela qual, de qualquer maneira, eu sou grato. Deus tempera com ironia inclusive suas ordens rotineiras. Quão compreensível é aquele resignado “Aqui estou” com o qual os profetas do Velho Testamento respondiam aos chamados do Senhor; e quando os discípulos, tendo atendido ao chamado do Senhor para deixar tudo para trás e segui-lo, percebem que ainda terão que pescar, só que agora, lhes é dito – e tenho certeza de que com uma risadinha – eles terão que colocar isca nos anzóis e jogar redes para pegar homens, e não peixes.

Foi à luz das minhas experiências, algumas intrigantes, algumas hilariantes e algumas agonizantes, naquilo que se denomina transmissão religiosa, que eu respondi prontamente ao convite de John Stott para falar sobre Cristo e a Mídia. Na prática eu acabei achando muito mais difícil do que eu imaginava; de fato, eu tenho consciência de ter falhado na produção de algo além de uma visão impressionista e idiossincrática de um assunto que requer mais estudo do que eu possuo e mais diligente concentração do que meus hábitos de pensamento e exposição jornalística me proporcionam.

Como o nosso país em particular, e todo o mundo Ocidental juntamente, se movem cada vez mais para longe das suposições cristãs dentro das quais nosso modo de vida sempre esteve ostensivamente baseado, as dificuldades por aqueles responsáveis pela conduta da mídia irão aumentar de maneira crítica, a menos que, como parece provável, senão certo, eles recaiam na aceitação do que vier pela frente, se contentando com, ao menos, atrasar a nossa inexorável descida na vacuidade moral. O primeiro diretor geral da BBC, John Reith, não tinha nenhuma dúvida de que era sua obrigação não só exibir programas cristãos mas se assegurar que o Cristianismo fornecesse os termos de referência éticos e espirituais para toda a Corporação. Outro diretor geral, Sir William Haley, podia dizer em 1948: “Somos cidadãos de um país cristão e a BBC – uma instituição mantida pelo Estado – baseia sua política numa atitude positiva em relação aos valores cristãos. Ela busca guardar estes valores e promover a sua aceitação. Toda a preponderância de seus programas está dirigida a este fim”. Os sucessores de Sir William Haley têm retrocedido firmemente desta posição, e neste caminho jogado uma cortina de fumaça de conversas sobre justiça, liberdade, tolerância, compaixão, e o direito artístico de recusar ser molestado por costumes atuais no cumprimento de seu dever de mostrar o presente e proclamar o futuro. Se me permitirem citar a transmissão do relatório Longford sobre pornografia pelo qual eu fui responsável:

É por trás desta portentosa cortina de fumaça que os produtores da BBC foram capazes de montar impunes seus shows e programas, cada vez mais sem rodeios, e explorar a terra de ninguém da fantasia que fica entre o drama e o documentário. A busca pela excelência recomendada por Huw Weldon se torna a busca pela notoriedade e matérias que os jornais de domingo podem hesitar em publicar passam adiante como o precioso resultado da criatividade desimpedida.

Eu gostaria de concluir expressando minha gratidão a Sir Charles Curran e Sir Brian Young por terem concordado em presidir as primeiras duas palestras. No caso específico de Sir Charles Curran foi um gesto de magnanimidade. Foi

também muito cortês por parte de Sir Michael Swann, o presidente dos governadores da BBC e vice-chanceler da Universidade de Edimburgo quando eu era reitor, em comparecer à segunda palestra. A terceira palestra, a meu pedido, foi presidida por Sir John Stott. O que ele disse naquela ocasião, apesar de imerecido, será para mim sempre uma memória preciosa. Sobre os discursos dos três e as observações de Sir Michael Swann, veja páginas 94-123.

Palestra Um

A QUARTA TENTAÇÃO

É um truísmo dizer que a mídia, de modo geral, e a tevê em particular, e especialmente a televisão da BBC, são incomparavelmente a maior influência única em nossa sociedade hoje, exercida em todos os níveis, culturais, sociais e econômicos. Esta influência, eu devo acrescentar, é em minha opinião exercida com grande irresponsabilidade, de maneira arbitrária e sem nenhuma referência moral ou intelectual, e ainda menos espiritual. Além disso, se é este o caso, como eu acredito, que aquilo que nós chamamos de Civilização Ocidental está rapidamente se desintegrando, então a mídia está exercendo um papel importante neste processo, promovendo, embora em grande parte inconscientemente, uma enorme operação de lavagem cerebral, através da qual todos os valores e referências tradicionais estão sendo denegridos ao ponto de desaparecerem, deixando um vácuo moral no qual os próprios conceitos de Bom e Mal cessaram de ter qualquer validade. Como um terreno para construção que foi limpo mas onde nada se construiu; nada além de um grande espaço vazio, onde lixo é jogado, onde crianças brincam e discutem e brigam, e vagabundos dormem, e a chuva se amontoa em poças. Futuros historiadores seguramente nos olharão como criadores de um monstro Frankenstein que ninguém sabe como controlar ou dirigir, e ficarão surpresos de como nos submetemos humildemente a sua destruição e freqüente influência maligna. Ainda mais se, como no caso da BBC, for financiada com recursos públicos. Tampouco eu vejo em nenhuma das várias agências de transmissão nenhuma força, real ou potencial, capaz de impedir que sejamos totalmente submersos no mundo de fantasia projetado pelos canais que elas controlam.

Eu estava lendo recentemente as esplêndidas palavras do profeta Isaías, citadas pelo Apóstolo Paulo quando ele encontrou pela primeira vez os cristãos romanos. Palavras, explica São Paulo, entregues a Isaías pelo Espírito Santo para serem transmitidas ao recalcitrante povo de Israel:

Ouvindo, escutareis e não entendereis, e vendo, enxergareis e não vereis, e não percebereis, pois o coração desse povo está embrutecido e seus ouvidos estão surdos e seus olhos estão cegos, senão eles veriam com seus olhos e ouviriam com seus ouvidos e entenderiam com seus corações.

Paulo foi adiante apontando aos cristãos a revelação como sendo a única maneira de fazer com que os olhos realmente vejam e os ouvidos realmente ouçam; como se isso colocasse na devida sincronia o mundo louco da Roma de Nero. Pelo mesmo símbolo, eu estou mais convencido do que qualquer coisa que eu já jamais pensado ou considerado ou acreditado, que o único antídoto para a fantasia do mundo da mídia é a realidade do Reino de Cristo proclamada no Novo Testamento. É por isto que eu estou especialmente

contente de ter sido chamado para dar estas palavras por John Stott, por quem eu tenho tanta consideração e afeição, e por ministrá-las aqui, nesta igreja, onde os ministros dele e seus sucessores têm sido tão evidentemente efetivos, a qual foi tão excelentemente reconstruída com esforços desta própria congregação, em vez de falar em algum ambiente secular ou em algum teatro, como já chegou a ser considerado no passado.

Neste ponto, talvez por causa da proximidade da Broadcasting House, surge irresistivelmente diante de mim a figura massiva de John Reith. Como parece bizarro à primeira vista que ele, um feroz moralista e um calvinista de berço, tenha sido o fundador da BBC como nós a conhecemos hoje, convencido até o final da sua vida que se ele tivesse permanecido no cargo, o navio que ele lançou ao mar nunca teria navegado com a caveira e os ossos cruzados, nunca teria se dado à pirataria em alto mar!

Um dos numerosos prazeres da velhice é a realização de que tudo tem que ser exatamente como é, realizando aquilo que Blake chamou de "Temível Simetria", cujo significado é transparentemente claro para qualquer um que tenha o livro-código e saiba como usá-lo – o livro-código sendo, é claro, os Evangelhos e as Epístolas e outras literaturas correlatas. Cada acontecimento, grande e pequeno, por assim dizer, é uma parábola através da qual Deus fala conosco; e a arte da vida é captar a mensagem. Da mesma forma, ao escutar boa música, ou ler grande literatura, ou se colocar diante de grandes construções, percebe-se um ritmo interior e o coração se regozija e uma luz se acende, que nada mais é do que o amor de Deus brilhando através de toda a criação. "Que deliciosa", escreve Jean-Pierre de Caussade, "é a paz que desfrutamos quando aprendemos pela fé a ver Deus desta forma através de todas as criaturas como se através de um véu transparente. A escuridão se torna luz e o amargo se torna doce". Assim, quando eu tive o trabalho de tentar uma tele-anatomia de Reith não muito antes de sua morte, eu percebi que de alguma estranha forma ele *era* perfeitamente apropriado para ser o primeiro âncora para a grande arlequinada da mídia; grunhindo e sofrendo, como ele fazia, enquanto o show era colocado para rodar, e depois amaldiçoando-o por causa de suas irreverentes performances.

Eu o vejo no seu leito de morte, quando uma maravilhosa paz finalmente desce sobre aquele espírito atribulado. Ao mesmo tempo, eu me encontro relembrando as palavras que ele inscreveu na entrada da Broadcasting House, e me parece até ouvi-lo pronunciando-as com grande unção e ênfase:

Este templo das artes e musas é dedicado ao Grande Deus pelos primeiros diretores de transmissão no ano de 1931, Sir John Reith sendo o diretor geral. É sua oração que boas sementes tragam uma boa colheita, que todas as coisas contrárias à paz ou pureza sejam banidas desta casa, que as pessoas, inclinando seus ouvidos para tudo que seja belo, honesto e de bom testemunho, possam trilhar os caminhos da sabedoria e da retidão.

Que sorte que as palavras estão em latim e não em inglês. De outro modo, por motivo de decência, elas teriam que ser removidas, ou, como o sétimo mandamento no livro Animal Farm, de George Orwell, ajustadas.

Apesar de que a mídia, como nós a conhecemos atualmente, seja um fenômeno recente, já tem se escrito muito sobre ela e existem – sempre um mau sinal – nos nossos recém-plantados bosques nas academias, departamentos com especialistas no assunto, com seus próprios professores, palestrantes e outros graduados, todos ocupados produzindo uma infinidade de teses sobre a mídia. Do outro lado do Atlântico, eu nem preciso acrescentar, isto acontece de forma ainda mais marcante do que aqui. Não só a mídia em si mesma mas o estudo da mídia é uma indústria crescente de trabalho intensivo. Eu tenho tido oportunidade de ler ou revisar (o que não é a mesma coisa) um bom tanto deste tipo de literatura. Honestamente, no entanto, devo alertar qualquer um que embarque nesta exploração que os livros sobre a mídia todos têm pelo menos uma característica em comum – apesar de que seu tema é comunicação eles demonstram uma incapacidade singular de se comunicar. Talvez isso não seja tão surpreendente quanto possa parecer. No nosso estranho mundo, são os impotentes que são propensos a nos instruir sobre a potência, os dispépticos que proclamam dietas para a saúde e a felicidade, os oponentes da pena de morte e do assassinato de focas que insistem na matança de bebês não-nascidos, e os que já se casaram muitas vezes que se propõem a tornar-se conselheiros matrimoniais. Então porque não comunicadores que não conseguem se comunicar?

Aqui, para fins de exemplificar, permitam-me citar os escritos de uma celebrada autoridade nesta área, Mashall McLuhan, criador do mais famoso aforisma da mídia, “O meio é a mensagem”. As frases seguintes foram tiradas ao acaso de seu livro *Do clichê ao Arquétipo.*

Escrever como forma de recuperar a antiguidade levou a uma vasta pilha de sucata de dados antes mesmo do advento do papel. A montanha de dejetos cresce ainda mais com o descarte das culturas e tecnologias. Um dos temas na montanha de dejetos é a qualidade invisível dos meios criados por novos clichês ou técnicas. As formas destas tecnologias estão impressas não somente na linguagem humana mas no mundo exterior também: “Mas o mundo, pense nisso, está, estava e estará escrevendo suas ruínas para sempre, o homem, de todas as formas, nos dá ‘ruínas’, cujo recuperar e decifrar fascina o humanista literato.

O que isso faz com o humanista iletrado nós só podemos imaginar, mas eu sei o que faz comigo – para mim isso não tem pé nem cabeça.

Entre os textos sobre a mídia, também há inevitavelmente numerosos estudos, como são chamados, relativos a aspectos particulares da tevê como a violência e o erotismo. Dez mil inocentes donas de casa em Minnesota terão que responder se a tranqüilidade delas foi perturbada, se seus impulsos eróticos foram estimulados, e suas noites interrompidas por cenas de violência e devassidão nas telas das tevês. O resultado então é pontuado e monitorado, jogado num computador, tabulado e analisado. Pessoalmente eu sou muito cético a respeito de tais investigações as quais, por exemplo, tendem a apoiar a noção de que a violência e o erotismo na televisão não produzem qualquer estímulo importante. Relativo a isso, eu me lembro de ler no jornal The New Statesman a respeito de uma experiência a qual, afirmava-se, “provava conclusivamente” que a pornografia não tem nenhum efeito de corrupção.

Parece que um certo Doutor C. Elthammer do Departamento Psiquiátrico Infantil de Stockholm fez com que algumas crianças com idades entre 11 e 18 anos vissem um filme de uma mulher sendo estuprada por um grupo de vagabundos drogados e depois forçada a fazer sexo com um cachorro. O Dr. Elthammer anunciou triunfantemente que nenhuma das crianças ficou assustada durante ou depois do filme, mas algumas das meninas mais velhas admitiram terem ficado chocadas, enquanto que dois adultos, que também estavam presentes, precisaram de tratamento psiquiátrico durante um mês depois da experiência. A gente se pergunta o que aconteceu com o cachorro. Eu acho fascinante que a credulidade sobre afirmações cientificamente absurdas exceda os mais estranhos exemplos de superstição religiosa. Eu tenho freqüentemente pensado que seria uma boa idéia trazer um feiticeiro africano ou um curandeiro para Londres e deixá-lo fazer um curso intensivo em comerciais de televisão. Eu imagino que o bom homem ficaria verde de inveja quando ele pensasse no trabalho cansativo de carregar suas poções de amor e amuletos de vilarejo em vilarejo na África, enquanto que aqui no Ocidente, com a população ostensivamente mais civilizada, educada e certamente a mais rica do mundo, existe esse reservatório insondável de credulidade para qualquer um que se habilite a valer-se dele.

De qualquer maneira, me pareceria claro que se cenas edificantes na televisão elevam os telespectadores, também deve ser verdade que cenas não edificantes os degradam. Mais que isso, quando grandes somas de dinheiro são pagas para anunciar em horário nobre, isso só pode ser porque os anúncios quase sempre ridiculamente inconvincentes mostrados em horários tão caros têm suficiente poder de atração para justificar esse gasto. Todo apresentador sabe que qualquer aparição na mídia tem um impacto, para o bem ou para o mal. Como então se duvida que espetáculos de carnalidade e violência também afetem o espectador? No que depende de mim nenhum estúdio poderia me convencer de que os oito anos de vida, em média, que o homem europeu gasta assistindo televisão não têm influência significativa em seu modo de avaliar a existência. Felizmente, no entanto, não existe maneira agora de eu tentar deslindar as insondáveis expressões de experts da mídia como McLuhan – alguém que incidentalmente conheci e gostei e não gostaria de denegrir só porque às vezes seus escritos me parecem bobagem. Não há necessidade que eu procure entender os incompreensíveis estúdios. Nestas palestras eu me preocupo não tanto com a mídia em si, um assunto de imenso e indeterminado alcance, mas com o grau no qual a realidade de Cristo e das palavras que ele falou e do modo como ele sinalizou e se colocou podem ser injetados na fantasia da mídia e expostos no contexto que ela oferece. Este é o meu assunto.

“O mundo inteiro é um palco”, disse Shakespeare, mas agora é o contrário. Todo palco é um mundo, apresentado numa tela de tevê e dirigido ao tráfego de notícias e à transmissão da vida real em cores (qualquer coisa que isso signifique), mas na prática transportando o espectador para uma Ilha de Caliban,

cheia de ruídos,

Sons e doces ares, que deleitam,

e não magoam,

Algumas vezes milhares de instrumentos vibrantes

Vão zumbir em meus ouvidos; e algumas vezes

Vozes

Que, se eu tivesse então acordado depois de um longo sono,

Fariam-me dormir de novo; e então, sonhando,

As nuvens do meu pensamento se abririam e mostrariam riquezas

Prontas para cair sobre mim; que, se eu acordasse

Eu choraria para dormir de novo.

Assim também com o espectador, a menos que ele nunca realmente acorde, e então não tenha ocasião de chorar para dormir de novo. Somente, ocasionalmente, vagas reflexões o assaltem. Será que o sangue era real ou só ketchup? Será que os tiros foram realmente disparados ou eram só efeitos sonoros? Será risada de estúdio ou pessoas reais rindo? Quem pode dizer? A primeira vez que eu acompanhei uma expedição de filmagem para tevê em cores eu reparei que um membro da equipe de câmera estava carregando algo enrolado debaixo do braço. Quando eu perguntei a ele o que era aquilo, ele me disse que era grama de plástico, já que a grama verdadeira não era verde o bastante. "Mantenha a loção de hamamelis a mão" foi a instrução dada a um gerente durante as filmagens de um comercial de Nixon durante a eleição presidencial de 1972, "nós não podemos fazer o trecho sobre sinceridade se ele estiver suando". **Cinema verité** ou **cinema falsite?** Não somente a câmera pode mentir, ela sempre mente. Para adaptar uma frase famosa de C.P.Scott, o dono/editor do jornal *Manchester Guardian* nos seus dias de grandeza: "*Comentários são gratuitos mas o tamanho do vídeo é sagrado*".

A impressão prevalente que eu cheguei a ter da cena contemporânea é de um abismo cada vez maior entre a fantasia que a mídia nos induz a viver e a realidade da nossa existência segundo a imagem de Deus, como viajantes no tempo cujo verdadeiro habitat é a eternidade. A fantasia é abrangente: a percepção da realidade requer aquele olho que vê que é dado àqueles nascidos de novo em Cristo. É como voltar de uma anestesia; a névoa se eleva, a consciência retorna, tudo no mundo é mais bonito do que nunca foi, porque agora está relacionado a uma realidade além do mundo – todo pensamento mais claro, todo amor mais profundo, alegria mais abundante, esperança mais certa. Quem poderia hesitar, confrontado com esta escolha entre uma velha fantasia e uma realidade recém descoberta? É a mesma coisa que preferir as fotos coloridas de praias douradas e céu azuis nos folhetos de viagens à praia real; ou meras excitações eróticas ao êxtase do amor, a vida dentro de uma câmera à vida dentro de um universo como um infinitesimal participante dos propósitos de seu Criador. A escolha é suficientemente clara, mas como pode ser melhor apresentada? Com ou sem a mídia? Buscando a

ajuda dela ou apesar dela? Teria São Paulo, quando estava em Corinto, concordado em dar uma palavrinha durante os intervalos dos jogos, os quais eram tais quais a televisão hoje, sendo essencialmente provedores de violência e erotismo para o espectador? Supondo que tivesse havido uma quarta tentação quando nosso Senhor encontrou o Diabo no deserto – desta vez uma oferta para aparecer em uma rede de televisão, em horário nobre, para proclamar e expor o Evangelho. Teria essa oferta, também, sido rejeitada como as outras? Se sim, por quê?

Antes de tentar responder a essas perguntas, deixem-me tentar estabelecer minhas próprias credenciais como um homem da mídia ou, na expressão de Santo Agostinho, "um vendedor de palavras", e no processo, eu espero proporcionar uma espécie de sinopse da mídia como ela tem existido e funcionado no meu tempo. Eu olho para trás agora, para mais de meio século de jornalismo de um tipo ou de outro, compreendendo muito bem tudo nesse negócio, desde um editorial até um parágrafo de fofoca, desde despachos datados dos nossos correspondentes especiais aqui e ali e em todo lugar até matérias sobre bichos de estimação estranhos, ou sobre como viver até os cento e quarenta anos na Georgia só comendo iogurte. Sem mencionar o estranho interlúdio quando, como editor do Punch, eu assumi a sombria tarefa de tentar fazer os ingleses rirem. Então, com a chegada da televisão, me aventurando nos estúdios, onde, sentado sob holofotes, e com os olhos de sangue das câmeras brilhando sobre mim, o barulho da claquete e o editor gritando: "Ação!" e lá íamos nós. "Bispo, existe vida após a morte?" quando ele estava esperando algo mais fácil como "Porque as congregações das igrejas estão diminuindo?". Pobre Bispo Pike, lamentou tardiamente, tomando meu braço a caminho da sala de espera e observando: "São Paulo, você sabe, estava enganado sobre sexo". Então nós prosseguíamos de "Ação!" até "Corta!". No meu leito de morte será que eu ouvirei uma fatídica voz pronunciando uma única palavra: "Corta!"? Eu freqüentemente imagino que sim.

E em locações externas, essa estranha procissão, o ajudante do cinegrafista umbilicalmente ligado ao responsável pelo áudio, suportando diante dele, erguido como um falo, um grande microfone; atrás deles, o produtor e a moça do continuísmo caminhando em uníssono, ela com um grande cronômetro balançando no pescoço, como se fosse uma insígnia de maioridade; o cortejo todo pisando tão delicadamente quanto cavalos esporeados durante uma briga de touros. Ou um esforço de enquete popular, um deles em Chicago, inesquecível, do lado de fora do edifício do Tribune na Avenida Michigan. Posicionando o microfone – "Desculpe-me madame... Perdão, senhor.... Sobre o novo Primeiro Ministro da Inglaterra.... Harold Wilson... algum comentário?". Não, nenhum; claramente, ao longo da Avenida Michigan, Harold Wilson não era um nome para conjurar. Uma dose extra de veneno foi adicionada a esta total indiferença com as notícias do nosso bravo novo Premier fazendo sua entrada no palco do mundo quando eu notei, logo acima do prédio do Tribune, letras de fogo formando a seguinte frase a cada três minutos: *No Reino Unido Situação fora e Wilson dentro*. Foi uma boa imagem.

Há muito mais e seria tedioso enumerar tudo. Revisão de livros, por exemplo, sempre apoiada pela sábia observação do Dr. Johnson a respeito das novelas

de Congreve, de que ele antes as elogiaria do que as leria. E memórias, memórias sem fim. Cavalheiros com altas honrarias que tocaram a vida em muitos aspectos; almirantes, generais e marechais com batalhas para serem vencidas novamente, juízes entendidos com ainda mais um resumo para oferecer, devassos rememorando amores perdidos e adolescentes buscando novos. Adicione obituários, formando grandes pilhas no necrotério, com o nosso no meio deles, refletindo como extrato geológico os altos e baixos da sorte. Difícil não cantar no trabalho enquanto se digitam novos nomes. Como este e aquele, vivos e falantes, foram tomados no apogeu da idade – homens de estado, homens da igreja, capitães da indústria, chefes de sindicatos, um e todos deixando um espaço que nunca poderia ser novamente preenchido; algum cenário, a Casa dos Comuns, catedral, o conselho escolar, a casa dos transportes, que, sem eles, nunca mais seria o mesmo.

E então, os programas de tevê. Senhor Deus, os programas! Sentado diante do microfone, um professor de Sociologia de Leeds, um ressoante fidalgo com um bigode, um indescritível clérigo de costeletas, e eu. “O Painel Pensa?” Oh sim, nós pensamos. Pensantes, todos! Participar de tais painéis ao longo dos anos é provavelmente a causa de um pesadelo que me aflige regularmente. Eu estou num estúdio da BBC, no subterrâneo. Acima, formam-se nuvens de cogumelo e os últimos vestígios de vida civilizada desaparecem. No estúdio estamos envolvidos numa discussão sobre os índices alarmantes da delinqüência juvenil. “O que é necessário”, o fidalgo contesta “é mais de uma melhor educação”. “Se somente”, ele continua, “a maioridade pudesse ser diminuída para nove anos e a idade escolar aumentada para dezenove; se somente pudéssemos distribuir pílulas anticoncepcionais para crianças com seu leite matinal e a educação sexual começasse no jardim de infância, e o livro *O Amante de Lady Chatterley* fosse incluído nas revistas em quadrinhos, tudo estaria bem”. É neste ponto que eu sempre acordo gritando, de modo que eu nunca sei como a discussão continua e qual é o final, se é que houve algum final.

Mas, é claro, o desafio essencial tem sido a notícia. Este é o Cálice Profano, a última das fantasias na qual toda a estrutura da mídia é fundada. Gritada através de um telefone, digitada e enviada para uma impressora, carregada sem fôlego para entrar na última edição, iluminada pelo satélite através da estratosfera, segredada confidencialmente num ouvido favorecido, mandada adiante em comunicados para um e para todos, falada ao microfone, gravada em filme e vídeo – a nulidade da notícia. “Dez mil pessoas gritando a mesma coisa a tornam falsa, mesmo se ela for verdadeira”, diz Kierkegaard. Notícia é dez milhões de pessoas induzidas a pensar a mesma coisa, o que a torna dez mil vezes mais falsa na improvável possibilidade de que ela seja verdadeira.

Meu primeiro contato com a coleta e processamento de notícias foi no Cairo, no início dos anos vinte quando eu era professor da universidade lá. Os padrões acadêmicos eram baixos e minhas obrigações não eram muitas: os estudantes estavam freqüentemente em greve e mesmo assim, pouco entendiam o inglês. Além disso, eles também costumavam ficar estupefatos com haxixe. Incidentalmente, eu acho estranho agora, olhando para trás, lembrar que naquele tempo não havia respeitável cidadão inglês ou egípcio vivendo no Cairo, que não considerasse o haxixe um vício deplorável;

enquanto que hoje em dia, umas cinco décadas mais tarde, personagens eminentes têm insistido que ele não é só inofensivo mas positivamente benéfico.

Com tanto tempo livre, e uma mania nata de usar palavras e expressar opiniões, eu comecei a escrever artigos sobre a política egípcia, dominada naqueles dias por paxás do Clube Mohammed Ali, o Rei Fuad com seu bigode de Salvador Dali e Lord Lloyd, o Alto Comissário inglês em cujo ombro ele me contou, quando nos conhecemos mais tarde, o rei algumas vezes chorava. Planejando e escrevendo esses artigos eu facilmente aprendi a usar a linguagem fraudulenta da reportagem, por exemplo, que a opinião entre os egípcios estava se fortalecendo e que, conscientes de sua recém adquirida nacionalidade, eles seguramente nunca se contentariam com nada menos do que a plena soberania baseada na democracia de voto universal. As palavras pareciam escolher-se a si mesmas na minha máquina de escrever e então voavam para casa como pombos-correio até as janelas da oficina do *Guardian* na Rua Cross, em Manchester, às quais eu próprio acabei seguindo.

Em Manchester eu fui iniciado em outro aspecto do manuseio de notícias – os editoriais. Sentado à minha máquina de escrever, com nada além de uma parede de tijolos à vista, eu me tornei expert em revelar com algumas poucas palavras escolhidas o que realmente havia acontecido em uma Conferência Indígena; da mesma forma, denunciar as sinistras implicações de um recém-formado governo em Atenas. Nossas ofertas editoriais, fossem longas ou curtas, deveriam concluir com expressões generalizadas de boa vontade, as quais geralmente tomavam a forma de uma esperança de que, de um jeito ou de outro, homens moderados com todos os tipos de opinião iriam juntar-se para assegurar que os conselhos mais sábios prevalecessem. Esses trabalhos logo perderam a razão de ser, especialmente à medida que o mundo parecia ficar cada vez mais cheio de homens sem moderação cujos conselhos se tornaram cada vez mais malucos.

A alternativa, eu decidi, era Moscou, onde segundo afirmava Lincoln Steffens, ele havia visto o futuro e ele funcionava. Eu também queria ver o futuro e ter certeza de que ele realmente funcionava e para isso consegui ser transferido para Moscou como correspondente do *Guardian*. Em Moscou, eu logo descobri, a notícia estava limitada ao que aparecia no *Pravda* – uma palavra que como se sabe, significa “verdade” e assim, nas circunstâncias, guardava um tom irônico para a população local. Todas as manhãs minha secretária russa lia para mim em tom cadenciado a tradução que ela havia feito das novas estórias e artigos que apareciam nesta publicação verdadeiramente tediosa. A única experiência similar de que me lembro foi quando o professor Namier leu em voz alta para mim, bem devagar e com muita dificuldade, um artigo interminável do *Suplemento Literário do Times*. Se eu detectasse qualquer coisa na melancólica cadência da minha secretária que pudesse interessar aos leitores ingleses, eu pedia que ela parasse enquanto eu tomava algumas notas. Mais tarde, destas notas eu compunha uma mensagem para o Guardian, a qual tinha que ser escrita de uma maneira telegráfica esquisita para economizar palavras: ENDEREÇANDO ALUNOS COMITÊ EXECUTIVO CENTRAL ONTEM MOLOTOV DISSE SOVGOV DESFAVORECECEU COMISSÃO AMERICANA SONDAGEM RECONHECIMENTO... A mensagem

tinha que ser levada para os censores, um dos quais deveria colocar suas iniciais nela para que ela fosse aceita no escritório telegráfico. Naqueles dias os censores eram todos os judeus russos que haviam morado fora e retornado para a Rússia depois da Revolução; homens joviais, bem dispostos com barbas finas. Um deles, chamado Podolsky, me disse uma vez, depois de ler uma mensagem que eu havia submetido a ele: “Você não pode mandar isso porque é verdade” – um comentário interessante que se tornaria um refrão em um musical chamado News, se algum dia ele fosse produzido. Foi Podolsky quem me passou a única sentença verdadeira que eu jamais telegrafei – talvez a única que tenha sido telegrafada até hoje – para fora de Moscou. Naquela ocasião eu estava esperando por um dos homens da agência e recebi um pedido: MANDE A MAIS RECENTE REAÇÃO DAS MASSAS SOVIÉTICAS SOBRE A PRÓDIGA ESCALA DE DIVERSÃO PARA SEUS EMBAIXADAS FORA DO PAÍS, ao qual eu respondi, sem consultar sequer um simples mujique: REAÇÃO MASSAS SOVIÉTICAS ARDENTEMENTE DESEJAM CHEGAR AO BUFFET MAIS PRÓXIMO. Podolsky, assim como quase todos os colegas dele do Departamento de Imprensa Estrangeiro durante minha estadia em Moscou, no seu devido tempo desapareceu num campo de trabalho, e nunca mais se soube nada dele. Eu espero não ter apressado sua partida.

Depois de Moscou, Genebra, onde a Liga das Nações se afogava em um turbilhão de notícias, para ser reencarnada como as Nações Unidas, o que pode ser descrito como afogar-se num oceano de notícias. E de volta para a India, para Simla, a região montanhosa onde o vice-rei e sua corte e governo descansavam durante os quentes meses de verão. O vice-rei, um homem magro e frágil, num casaco cinza, parecia infinitamente remoto, logisticamente falando e de todas as maneiras, de seus quatrocentos milhões de súditos que ocupavam as vaporosas planícies lá embaixo; mas ele também tinha noticias para dar a favor do seu Governo – de reformas constitucionais que nunca seriam implementadas, de um governo próprio através de uma Federação Indiana que nunca chegaria a ser aprovada, de engenhosos arranjos de franchising que nunca sairiam do papel. Foi um alívio voltar para a Rua Fleet e lá me juntar a uma equipe que produzia parágrafos de fofoca para um jornal vespertino. Este era um outro tipo de notícia, a ser recolhida a partir dos ditos e feitos de um exército de celebridades de um ou outro tipo, de quem nós podíamos depender para estar sempre presentes em ocasiões políticas e sociais. Eu descobri que era mais fácil inventar o que eles tinham dito ou feito do que segui-los com ouvidos atrás das portas. De toda forma, eram pessoas-fantasmas, do mesmo material de que são feitos os sonhos, de modo que encontrá-las em carne e osso só estragaria a estória. O ideal era estar sempre de bem com elas sem nunca conhecê-las realmente.

Nem mesmo a guerra, quando ela chegou em 1939, me liberou dessa servidão à mídia. Primeiro eu fui mandado para o Ministério de Informação para escrever artigos calculados para promover nosso esforço de guerra em casa e atrair ajuda externa. Quando, angustiado, eu me juntei ao exército como soldado, logo me encontrei envolvido com a Inteligência – Inteligência sendo a mídia, no disfarce da guerra. Percebi que isso envolvia o mesmo velho desafio em busca de notícias mas que levava a extremos ainda mais longínquos de fantasia. Como um recolhedor de notícias, esperava-se sempre que eu fizesse

tijolos sem palha, mas como um agente da Inteligência eu tinha que cultivar limões sem uma árvore.

Com o final da guerra, mais uma vez eu retornei à Rua Fleet, mas logo fiquei inquieto e consegui convencer o jornal *Daily Telegraph* a me mandar para Washington, como 15 anos antes eu havia conseguido convencer o *Guardian* a me mandar para Moscou. Naqueles anos pós-guerra Washington era o centro ao redor do qual o campo magnético das notícias girava. Os enormes jornais arrebentavam de notícias; no meu pequeno escritório no National Press Building duas máquinas de telex continuamente cuspiam notícias de agência em cópias de papel amarelo as quais, nas minhas ausências, se acumulavam em pilhas pelo chão – a escória empilhada do meu comércio. Em Moscou o problema era a total falta de notícias; em Washington havia uma super abundância delas. Durante todas as horas do dia e da noite as notícias fluíam; o próprio ar era pesado com elas à medida que o rádio e a televisão transmitiam seus boletins de hora em hora. As notícias eram analisadas sem parar, sintetizadas, liquidificadas, de maneira a formar um fermento calmante – Newzak, uma mistura de fatos e ditos como Muzak é de tons e melodias, os dois juntos, ora o Muzak, ora o Newzak (mas qual era qual?) confortando e acalmando motoristas dirigindo de lugar nenhum para lugar algum ao longo de vias rápidas, seis pistas de cada lado, com um asfalto interminável adiante, um cigarro para fumar, um terno entregue pela lavanderia balançando suavemente no cabide, pressionando sempre adiante através das pequenas cidades – Athens, Windsor, Venice, Babylon – cada uma sinalizada com quatro luminosos de neon brilhando na escuridão: COMIDA, GASOLINA, BELEZA, DROGAS, os quatro pilares do nosso estilo de vida do Século Vinte.

Foi à luz deste longo envolvimento na fantasia da mídia que eu imaginei o diabo fazendo uma quarta tentação para subornar Jesus depois do fracasso das suas três primeiras tentativas no deserto. Eu o vi desta maneira: Nosso Senhor indo pela Galiléia, ensinando e curando e proclamando seu reino de amor, em contradição com o reino de poder do diabo. Em termos de mídia, ele é somente outro lunático entre os muitos que havia naquela época naquela parte do mundo.Se eu fosse um jornalista lá, com certeza eu passaria meu tempo rondando o palácio do Rei Herodes, seguindo as idas e vindas de Pilatos, tentando descobrir o que acontecia no Sinédrio; as câmeras deveriam estar colocadas em Cesareia, não na Galiléia, e muito menos no Gólgota. Não assim o diabo, ele não seria enganado, sabendo muito bem que a Encarnação representava o maior desafio que ele já tinha encontrado, e que Jesus era o mais formidável oponente que já o havia confrontado. O diabo sabe os caminhos do mundo mais do que ninguém, mesmo porque ele teve uma grande participação na conformação do mundo. Da mesma forma, ele pode prever os avanços e retrocessos da história – um show que ele monta; sua própria pantomima espetacular. Então, ele decide fazer uma nova tentativa com Jesus.

A primeira tentação, como pode ser lembrado, foi persuadir Jesus a transformar pedras em pão, desta forma abolindo a fome, atendendo à alegada explosão populacional, e assim beneficiando a humanidade. A segunda era induzi-lo a pular do pináculo do Templo sem sofrer dano algum, assim obtendo celebridade e atraindo a atenção do mundo para o que ele tinha a dizer. A

terceira era aceitar os reinos da terra das mãos do diabo, em cujo poder estavam, e estão, e assim adquirindo o poder requerido para implantar um Reino dos Céus aqui na terra, onde a humanidade poderia viver feliz e prosperamente para sempre – um super estado de bem-estar, uma comunidade cooperativa, uma ditadura do proletariado, de qualquer tipo que fosse, de acordo com a fantasia. Jesus recusou todas as três ofertas, reconhecendo que prover pão de maneira ilimitada induziria os homens a acreditar que eles poderiam viver só de pão – uma prévia da nossa sociedade afluente; que buscar celebridade pela exploração do cuidado de Deus com ele induziria os homens a se verem a si próprios como deuses e a se adorarem, e que a aceitação dos reinos da terra envolveria optar por Cesar em vez de Deus, e assim tornar seu ministério sem sentido. Como Dostoievski mostra tão brilhantemente na famosa cena de *Os Irmãos Karamazov* entre o Grande Inquisidor e o Cristo, o que estava realmente em jogo nas tentações era o maior presente que Jesus nos trouxe quando veio ao mundo – nossa verdadeira liberdade: aquilo que São Paulo chamou de a gloriosa liberdade dos filhos de Deus, a única liberdade remanescente que existe.

Terá alguma geração demonstrado mais claramente do que a nossa que a análise que Dostoievski fez das tentações estava correta? Será que nós não temos visto, da maneira mais dramática possível, como os milagres econômicos terminam em servidão à economia? Como a glorificação do Homem leva infalivelmente à servidão do homem, e sua liberação através do poder para uma variedade ou outra de um Arquipélago Gulag? Isto não obstante, depois da passagem de vinte séculos, o que Jesus recusou tão resolutamente no deserto encontrar muitos aceitadores hoje em dia em nome dele e entre seus seguidores mais ostensivos, que estão prontos para celebrá-lo nos céus como um superstar, elegê-lo com grande maioria de votos para ser um Honorável Membro pelos Galileus do Sul, incluí-lo nas guerrilhas urbanas e adaptar seu Sermão da Montanha para um Sermão das Barricadas.

Vamos então tentar imaginar como seria a quarta tentação. Algum grande magnata romano, muito rico, um empresário dos jogos, Lucius Gradus o Velho, vamos chamá-lo assim, passa pela Galileia e ouve Jesus falando e ensinando lá. Um evento obscuro e insignificante por si só – uma pequena multidão de anônimos reunida ao redor de um professor, ele próprio pouco digno de reconhecimento, de acordo com Gradus. De alguma forma, entretanto, a cena o impressiona, assim como as palavras do orador. A própria extravagância delas chamam sua atenção: como o amor de Deus é derramado com louca abundância sobre justos e injustos, da mesma forma, como nós devemos amar nossos inimigos e fazer o bem aqueles que nos ferem, como se um olho nos leva a pecar ele deve ser arrancado fora e se um membro, ele deve ser amputado. Gradus pensa que se tal prodigalidade verbal capta sua atenção, porque ela não teria um impacto tão forte assim também no público de maneira geral? Apresentado de maneira apropriada, ele pensa, este jeito de falar de Jesus poderia ter um grande apelo e o próprio Jesus provou estar imbuído de potencial para se tornar uma estrela, se não uma superestrela.

Para começo, Gradus decide instruir seus representantes em Jerusalém para elogiarem Jesus publicamente. Depois, ao voltar para Roma, ele pondera com seus associados que eles deveriam trazer Jesus para a capital. Talvez também

fosse uma boa idéia trazer com ele um ou dois de seus seguidores para participar do show. Um deles era um homem de quem ele havia ouvido falar, um tal de Batista, um rapaz muito pitoresco com uma grande barba e vestido com uma camisa feita de pele de camelo amarrada com um cinto de couro. Ele ficaria ótimo no palco com essa fantasia do deserto. Agora mesmo ele estaria na prisão mas Gradus tinha certeza que o Procurador – Poncius alguma coisa – ou o próprio Rei Herodes poderiam facilmente ser induzidos a deixá-lo sair para o show. Seria colocado, é claro, no horário nobre, e não no espaço religioso - isso acabaria com o número antes que ele começasse. Para o cenário eles teriam fontes, uma atmosfera exuberante com música de órgão, um bom coral, se possível de Delphi e grandes nomes do mundo dos jogos – gladiadores e também, se possível, sacerdotes e sacerdotisas do Templo de Afrodite e talvez dos cultos ocidentais que estavam se tornando tão populares entre os jovens. Jesus precisaria, ele próprio, de alguma coisa especial para vestir, um tipo de robe, e um cabelo arrumado e a barba feita. Ele seria a figura central, naturalmente, mas por segurança suas palavras deveriam ser colocadas no teleprompter. E aqui uma dúvida pegou Gradus. Será que Jesus sabia ler? Refletindo melhor, ele resolve que isso não importa. O show teria que ser todo traduzido em mímica, de qualquer forma, e por causa da dificuldade com a linguagem eles teriam que usar lypsinc (um sincronizador de fala). Para evitar qualquer impressão de preconceito ou intolerância, haveria leitura de diferentes escrituras, incluindo as Hebraicas, é claro, e uma discussão de 8 a 10 minutos para a qual eles convidariam professores e alunos da Escola de Filosofia em Atenas – sempre bem avaliados.

Se Jesus concordaria? Gradus ri diante da mera suposição de uma recusa. Como ele poderia recusar aquilo que lhe possibilitaria alcançar um enorme público, através do Império Romano, em vez daquele lote de andrajosos que o seguiam pela Galileia? Na proposta feita a Jesus, Gradus continua, deve ficar claro que não haverá a inclusão de comerciais inapropriados; só um patrocinador de boa reputação – quem sabe a altamente respeitável consultoria de relações públicas Lucifer Inc. Nada além de: “Este programa é oferecido por Lucifer Inc”, no início e no final dos créditos. “Isto”, diz Gradus batendo na mesa “vai colocá-lo no mapa, lançá-lo numa tremenda carreira como evangelista mundial, espalhar seus ensinamentos por todo o mundo civilizado e além. Ele seria louco de recusar”.

Jesus, que nos termos de Gradus *era* louco, acabou recusando a proposta, como fez com as outras três tentações. Ele estava preocupado com a verdade e com a realidade, Gradus com a fantasia e imagens. De qualquer forma, Jesus, como ele bem sabia, estava envolvido com um outro cenário; nada menos do que o grande drama da Encarnação, Paixão e Ressurreição. Pode nos parecer extraordinário agora que este drama, e tudo que ele significou para a humanidade no sentido de elevar nossa existência mortal, possa ter sido levado, sem a participação da Mídia, primeiro da Judeia para a Asia Menor e de lá para a Europa de onde se espalhou através de todo o Império Romano. Como, quando o Império Romano finalmente se desintegrou, ele forneceu a base para uma nova grande civilização – Cristianismo, cujo legado somos nós. Como todos os maiores artistas, poetas e músicos dedicaram seus gênios para celebrá-lo, e como catedrais majestosas foram construídas para consagrá-lo, e ordens religiosas foram fundadas para servi-lo. Como místicos passaram suas

vidas explorando-o e como, durante séculos, ele foi o maior motivo de todo grande esforço humano, a fonte das mais brilhantes e longínquas esperanças a serem criadas pela mente humana, e os mais sublimes propósitos a serem jamais adotados pela vontade humana. Como a simples criatividade originada deste drama, fabulosa em seu alcance, se estendeu a todo campo de exploração, desde as expansões ilimitadas do espaço até a menor partícula da matéria. Que façanha de comunicação para se contemplar!

Nós, por outro lado, temos desenvolvido nossa fantástica tecnologia de comunicação através da qual palavras são transmitidas ao redor do mundo mais rápido do que o som, com satélites para recolhê-las e encaminhá-las; da mesma forma as imagens, até mesmo de planetas que estão a bilhões de milhas daqui, trazidos para as nossas telas de televisão. Todas as facilidades imagináveis e inimagináveis existem para nos fazer ouvidos e vistos. Mas temos algo a dizer? Algo a mostrar? Eu amo a ironia que Deus, em sua infinita misericórdia, coloca em todas as nossas façanhas, e que nos mantêm humildes evitando que nos lancemos na ilusão fatal de sermos deuses, e que nos mantém rindo, evitando que nos levemos muito a sério. Ao lado das torres de escalada para o céu Ele coloca gárgulas fazendo caretas para a terra – uma contribuição celestial para o teatro do absurdo. Isso pode partir o coração de um editor do Punch tentando ser engraçado sobre um mundo que se mostra incorrigivelmente mais engraçado do que qualquer coisa que ele possa inventar, mas é também sublime, demonstrando que toda nossa incrível tecnologia se reduz ao absurdo enquanto que a Palavra que se fez carne e habita entre nós, cheia de graça e verdade, no senso mais literal, fala por si mesma.

Palestra Dois

OS VIDEOTAPES DO MAR MORTO

Na minha primeira palestra eu considerei o mundo de fantasia que a mídia projeta e no qual ela nos enreda, em contradição com a realidade do Reino de Cristo proclamada durante seu ministério na terra, e ainda disponível, como tem estado através dos séculos cristãos, a todos que verdadeiramente a buscam. Conforme me parece, talvez porque eu freqüentemente tenha tido oportunidade, profissionalmente, de atravessar de um reino para o outro e saiba, por experiência própria, quão larga é a brecha entre eles, estes dois mundos estão se distanciando cada vez mais. Ou talvez por estar velho e próximo do fim dos meus dias, o contraste entre a realidade que eu vejo adiante e a fantasia que eu logo terei deixado para trás para sempre me parece mais marcante – como quando olhamos para baixo para uma cidade coberta de poluição em uma planície iluminada pelo sol. De qualquer forma, durante o tempo que me resta neste mundo, eu quero ficar com a realidade de Cristo e usar todos os meus poderes de persuasão para induzir outros a ver que eles devem a todo custo se agarrar a essa realidade; amarrar-se a ela, como antigamente os marinheiros se amarravam ao mastro quando a tormenta rugia e o mar se fazia bravio. Pois, realmente, sem dúvida alguma, as tormentas e os mares bravios estão adiante de nós.

Deixem-me acrescentar, falando como alguém que tem vivido por alguns anos naquilo que eu chamo de zona do NTBR, o que significa pertencer à categoria de pessoas de sessenta e cinco anos ou mais, que na nossa sociedade acredita-se já marcaram seus cartões de assistência médica – caso adoeçam e sejam levadas a algum hospital – com as letras NTBR, “Not To Be Ressuscitated” (Não deve ser ressuscitado). Tendo, assim, passado já do meu tempo permitido, como acontece com os velhos, eu freqüentemente acordo durante a noite e sinto, curiosamente, que estou meio dentro e meio fora do meu corpo, de modo que me parece estar pairando entre a velha e gasta carcaça que eu posso ver entre os lençóis, e vendo na escuridão e à distância um brilho no céu, as luzes da Cidade de Agostinho. Nesta condição, quando parece incerto se eu retornarei ao meu corpo para viver outro dia ou partirei, há duas conclusões particulares, duas fortes impressões que vêm a mim. A primeira é a incrível beleza da nossa terra – suas cores e formas, seus cheiros e suas criaturas; do encantamento do amor humano e do companheirismo, e da abençoada realização proporcionada pelo trabalho humano e pela procriação. E a segunda, uma certeza que vai além de todas as palavras e pensamentos, de que como uma infinitesimal partícula da criação de Deus eu sou um participante dos propósitos Dele, os quais são amorosos e não

malignos, criativos e não destrutivos, ordenados e não caóticos, universais e não particulares. E nesta certeza há uma grande paz e uma grande alegria.

Eu abro minhas observações esta noite dentro desta linha porque eu estou consciente de ter lidado de maneira talvez muito intensa na minha primeira palestra com os aspectos sinistros da mídia, e com a inutilidade de se esperar qualquer coisa boa dela, em termos cristãos. Então, deixem-me acrescentar que o Cristianismo é, sempre foi e sempre será, não só essencialmente uma religião de esperança mas em si mesmo a mais estupenda esperança que o mundo jamais conheceu. Somente Deus Encarnado poderia ter ousado nos oferecer a todos, simples homens e mulheres de toda sorte e condição, doces mongolóides e especialistas e professores e rainhas de beleza, doentes e sãos, os estúpidos e os inteligentes, aqueles que tropeçam assim como aqueles que dão o braço, quem quer e como quer que sejamos, a esperança de estarmos envolvidos em um destino selado na eternidade e abrangendo o universo. Imagine contar às lagartas que elas estão destinadas a se tornar borboletas. Sem necessidade de notas 10, nem testes de escrita, a única qualificação exigida sendo a fé em tornar-se uma borboleta, e pronto, o pobre ser rastejante está voando, o verme tem asas! Com formas mais lindas e decoradas, mais eficientes em sua fragilidade do que qualquer artesão humano poderia conceber. Levando a imagem adiante, eu imagino um painel de lagartas na televisão discutindo as implicações da profecia de que elas foram destinadas a tornarem-se borboletas, com uma delas, do gênero *Papilio Saperino*, insistindo que a profecia significa realmente que todas as lagartas deveriam juntar-se ao Partido dos Trabalhadores.

O fato é que toda a mídia, com seu poder de persuasão e corrupção, não passa de um cenário trivial e de segunda categoria. Ela não pode excluir Cristo tanto quanto o Imperador Nero não conseguiu impedir que as palavras do Apóstolo Paulo se espalhassem por todo o já arruinado Império Romano. Nem pode a mídia conformá-lo – no seu **Jesus Cristo Superstar**, ou no **Estrelas no Domingo**, ou em qualquer outra variedade de estrelato que ela possa criar. É tão ridículo falar da influência benéfica da mídia no ampliar dos horizontes das pessoas, abrindo janelas para o mundo, e toda essa mistificação, como é ridículo culpar a mídia por todos os problemas do nosso presente – um erro, eu admito, que eu estou sempre inclinado a cometer. A mídia em si mesma não tem poder nenhum, não mais do que as armas nucleares; ambas têm poder apenas na medida em que elas podem influenciar e explorar as fraquezas e as desgraças humanas – sua carnalidade, a qual os faz vulneráveis à pornografia; sua ganância e vaidade, que os endereçam para as mãos dos anunciantes; sua credulidade, que os faz suscetíveis aos prospectos fraudulentos dos idealistas e políticos; acima de tudo, sua arrogância, que os induz a cair tão facilmente nas mãos de qualquer agitador ou agitação, revolucionária ou contra-revolucionária, trazendo às suas narinas o cheiro acre do poder.

Aqui me permitam mencionar algumas palavras de Simone Weil, em minha opinião uma das inteligências mais iluminadas do nosso tempo, palavras sobre as quais eu tenho freqüentemente meditado, as quais são muito relevantes para o meu tema:

Nada é tão bonito, nada é tão continuamente fresco e surpreendente, tão cheio de doçura e perpétuo êxtase, como o bem; nenhum deserto é tão triste, monótono e entediante como o mal. Mas com a fantasia acontece o contrário. Na ficção o bem se torna chato e sem graça, enquanto que o mal, na ficção, é variado, intrigante, atrativo e cheio de charme.

Estas palavras foram escritas uma década ou mais antes que a televisão tivesse se desenvolvido para atrair audiências enormes ao redor do mundo, tornando-se o maior fabricante e transmissor de fantasia que jamais existiu. Suas ofertas, conforme me parecem, suportam o ponto de vista de Simone Weil num grau surpreendente. Pois nelas é quase que sempre invariavelmente o *eros* em vez do *ágape* que proporciona toda a excitação; celebridade e sucesso em vez de um coração humilde e contrito enunciadas como desejáveis; Jesus Cristo sob as luzes da Broadway em vez de Jesus Cristo na cruz, quem fica no lugar de herói.

O bem e o mal, afinal, proporcionam o tema básico do drama da nossa existência mortal, e neste sentido podem ser comparados aos pontos positivos e negativos que geram uma corrente elétrica; troque os pontos e a corrente falha, as luzes se apagam, cai a escuridão e tudo vira uma confusão. Assim é conosco. A troca do bem pelo mal no mundo da fantasia criado pela mídia nos deixa sem nenhum senso de ordem moral no universo, e sem isso, ordem nenhuma, social, política, econômica ou de qualquer tipo, é obtida. Há somente o caos. Sair da fantasia para redescobrir a realidade do bem e do mal, e desta forma a ordem que permeia toda a criação – esta é a liberdade que a Encarnação tornou possível, que os Santos têm celebrado e que o Espírito Santo tem santificado.

Sem dúvida meus sentimentos sobre a mídia e minha alta percepção das conseqüências maléficas dos oito anos de uma vida que a maioria dos cidadãos dedica às telas de tevê, são produtos da minha própria televida. De fato, inicialmente eu tive a idéia de chamar estas palestras de: “As Confissões de um Comunicador Justificado”. Há algo de terrível em se tornar uma imagem, que envolve o que é ser filmado ou gravado. Você se vê numa tela, caminhando, falando, andando por aí, posando, e não é você. Ou é você, e a pessoa olhando para você é um outro alguém? Tudo isso é muito confuso e perturbador, o que nos faz entender o horror provocado pelas histórias de *doppelganger* e também nos faz pensar de uma forma diferente sobre o segundo mandamento: “Não fareis para vós nenhuma imagem gravada de qualquer coisa que esteja acima nos céus ou abaixo na terra ou na água”. Este é o mandamento dos Dez Mandamentos que eu sempre imaginei como facilmente contornável, e por isto mesmo o menos exato. Agora estou inclinado a pensar diferente. Uma imagem na tela pode não ter sido esculpida mas é indubitavelmente uma imagem, e carrega consigo tons sinistros de narcisismo. Infringir o Segundo Mandamento fazendo de si mesmo uma imagem poderia ser duplicar a ofensa, e ajuda a explicar porque aqueles envolvidos nesta existência duplicada frequentemente atraem sobre si marcas de tensão e sofrimento. Eu me lembro bem do trágico estado mental de Gilbert Harding (*jornalista britânico conhecido por seu gênio irascível e por sua falta de gentileza com entrevistados. Morreu de um ataque de asma aos 58 anos*

pouco antes de sua morte. E houve outros, até mesmo alguns suicídios. Nos dias em que eu costumava assistir televisão à noite, era comum eu adormecer. Isto, eu observei, acontece com famílias inteiras: a tevê ligada e todos os telespectadores dormindo – certamente uma imagem digna de uma parábola do nosso tempo. Certa vez, tendo dormido diante da televisão, eu acordei e me encontrei dentro dela. A experiência foi aterrorizante – como algum pesadelo horrendo ao qual somente alguém como Edgar Allan Poe ou Dostoievsky poderia fazer justiça.

À luz de tudo isso, eu me pergunto se judeus ortodoxos e membros de seitas como os menonitas estão tão longe da verdade ao recusarem se deixar fotografar. Eu me lembro de ter entrado uma vez com câmeras num bairro de Nova Iorque onde viviam muitos judeus ultra-ortodoxos e como todos saíram correndo buscando abrigo assim que nós aparecemos. O oposto, eu não preciso dizer, é a resposta habitual: as câmeras atraem pessoas como abelhas em volta de um pote de mel. Parece estranho agora mas eu posso me lembrar bem como nos primeiros dias da televisão nós tínhamos que persuadir e convencer as pessoas a entrar nos estúdios; até mesmo políticos ficavam hesitantes em concordar a vir para a frente das câmeras. Como as coisas são diferentes hoje! Eu estou certo de que se fosse colocado um anúncio no The Times de que Membros do Parlamento que andassem descalços com uma corda ao redor do pescoço pelo trecho que vai de John o´Groats até o Shepherd Bush ganhariam dez minutos no horário nobre da televisão, as ruas estariam apinhadas de Honoráveis Lordes e Membros vestidos desta forma.

É significativo, eu penso, que Jesus, ao lidar com os mentalmente doentes, pelos quais ele sempre mostrava uma preocupação particular, os restaurasse à sanidade livrando-os de seus alter egos demoníacos, desta forma fazendo deles novamente uma pessoa e livrando-os de imagens. Ele, o supremo antídoto para a fantasia e o senhor da realidade, como era, extraía essas pessoas da tela da tevê e as trazia de volta à vida. Eu pensei nisso quando tive oportunidade de levar Madre Theresa a um estúdio de televisão em Nova Iorque, onde ela apareceu no Morning Show, um programa que ajuda os americanos de costa à costa a mastigar seu cereal matinal e engolir seu café da manhã. Ela seria entrevistada por um homem a quem podíamos ver num monitor em cores, com um longo bigode verde, um nariz roxo e um cabelo escarlate. Era a primeira vez que a Madre Theresa se encontrava em um estúdio de televisão americano e assim ela estava despreparada para as constantes interrupções dos comerciais. Acontece que, certamente como resultado de uma intervenção divina, aquela manhã todos os comerciais eram de comida enlatada, recomendada como sendo nutritiva e não calórica. Madre Theresa olhava para os comerciais como se estivesse intrigada, sua preocupação constante sendo encontrar com o que nutrir os famintos e como colocar alguma carne em seres humanos esqueléticos. Levou algum tempo para que a ironia da situação a atingisse. Quando isso aconteceu, ela observou numa voz perfeitamente audível: “*Vejo que Cristo é necessário nos estúdios de televisão*”. Um silêncio total se fez e eu realmente achei que as luzes se apagariam e que o diretor do estúdio cairia morto. A realidade havia se intrometido dentro de um dos moinhos de fantasia da mídia – uma ocorrência sem precedentes. De alguma forma isso me deu uma extraordinária e vívida sensação de como deveria ter sido anos atrás no Templo em Jerusalém

quando os cambistas foram expulsos e suas mesas derrubadas. No estúdio os procedimentos normais para o Morning Show foram retomados, exatamente como eu estou certo de que os cambistas logo voltaram para seus lugares de costume no dia seguinte. De fato, eles ainda estão lá. Ambos os incidentes, contudo, confirmam a frase com que Solzhenitsyn concluiu seu discurso ao receber o Nobel: "*Uma palavra de verdade supera o mundo*".

Esta questão de ser uma imagem foi trazida a mim em termos mais frívolos recentemente, quando eu havia estado fora do país durante algum tempo, e portanto fora da televisão. Para minha surpresa, as pessoas do meu vilarejo me cumprimentaram familiarmente, com um tom de admoestação na voz: "*Nós vimos você na telinha*!" Eu disse que isso era impossível, e descobri que existe um homem chamado Mike Yarwood que faz uma imitação de mim na tevê. Claramente a imitação dele impressiona muito mais do que eu mesmo – um pensamento humilhante! E então houve uma competição jornalística; uma dessas bem fáceis, como a recentemente introduzida prova que não reprova ninguém. Os leitores receberam uma lista de nomes e tinham que especificar quais eram reais e quais eram imaginários. Bem, eu era um dos nomes e fico feliz de dizer que sessenta e um por cento dos leitores de jornal acreditaram que eu era uma pessoa real – um resultado bem satisfatório, que me colocou dois pontos acima do Reverendo Ian Paisley *(líder religioso e ativista político norte-irlandês. Primeiro-ministro da Irlanda do Norte de 2007 a 2008).*

Outra experiência sobre ser uma imagem foi tornar-me uma estátua de cera no Museu de Madame Tussaud. Esta distinção me foi dada há alguns anos e me colocaram numa sala ao lado de ninguém menos do que Twiggy, que por sinal aparece tomando banho. Na mesma sala, presumivelmente para assegurar que tudo estivesse como deveria estar, aparece a figura maciça do General de Gaulle. Eu costumava brincar com a possibilidade de trocar de lugar com minha estátua de cera e passar alguns poucos dias quietamente em Baker Street com Twiggy e o General, deixando minha estátua de cera trabalhar em meu lugar. De qualquer forma, o projeto provou-se impraticável e agora eu acabo de saber por meus netos, que são meus grandes informantes neste assunto, que eu fui mudado de lugar, saindo de perto da Twiggy para ficar na entrada da Exposição, o que me parece um sinal de que logo vão me levar embora e derreter. Para um conhecedor de imagens como eu, a parte mais interessante da experiência foi ser levado para um tour pelas regiões inferiores do Museu, onde há uma coleção impressionante de pedaços e peças de estátuas de cera; itens como a perna de Ghandi, o busto de Sophia Loren, as espáduas de um famoso Arcebispo de Canterbury – esquisitices como essas. O que mais me fascinou, no entanto, foi uma coleção de nada menos do que seis cabeças de Harold Wilson, que era Primeiro Ministro na época. Eu perguntei por que as seis cabeças e me explicaram, acreditem ou não, que era porque durante seu período como primeiro ministro a cabeça dele tinha crescido, então foi necessário refazê-la de tempos em tempos. E porque, vocês devem perguntar-se, conservar todas as seis cabeças usadas? Porque, calculou-se, fora do ministério a cabeça dele poderia encolher novamente, e as velhas cabeças poderiam ser úteis.

O anfitrião desta noite, Sir Brian Young, falou sobre o fato de eu ter mandado retirar as antenas de tevê da minha casa; e isto é verdade. Eu mandei retirá-las

e me sinto muito melhor com isso. A retirada delas, no que me concerne, é um equivalente moral a uma operação de próstata. O que finalmente me levou a desistir de assistir televisão foi uma série de programas chamada **Família**, exibidas no **Radio Times** – este compêndio de inépcia – como "um documentário real". Supor que a vida pudesse ser vivida por alguém seguido por uma câmera a toda parte realmente representou para mim a última fantasia de todas, não só da televisão, mas da própria vida. Mais do que isso, pode-se acrescentar que a alegada vida real da família em questão, da forma como apresentada na tevê, era calculada para desvalorizar todo o conceito de vida familiar em termos cristãos.

Era esse o propósito consciente daquelas pessoas preocupadas com a produção e edição do programa? Eu diria que não. Da mídia de mais baixo calão, como a **Penthouse** ou **Forum**, até as alturas estonteantes como **Radio 3** palestras sobre a política de Milton ou imagens de Dante, de **Steptoe and Son** e **Upstairs Downstairs** até a **Civilização** de Clark e a **Ascenção do Homem**, de Bronowski, por toda a gama da mídia, corre um consenso ou uma ortodoxia que é, dentro de amplos limites, seguida e em alguns casos, imposta. Certamente, qualquer outro desvio que não seja em termos de excentricidade – a síndrome "Alf Garnett", por exemplo – é até certo ponto, ou de alguma forma, desautorizado. (*Alf Garnett é um personagem de uma série cômica exibida pela BBC entre os anos 1965 e 1998).* Ao mesmo tempo, há toda razão para acreditar que isso acontece por si mesmo. As pessoas não são escolhidas para este ou aquele trabalho porque elas aceitam o consenso. Nem são também pressionadas a aceitar o consenso no curso de seu trabalho. E ainda assim, há um consenso, se não fixado, que serve de orientação. De um jeito ou de outro, conheço muita gente que trabalha na mídia; em jornais, revistas, em agências de notícias, no rádio e na televisão, e acreditem em mim, eu teria a maior dificuldade em nomear mais do que umas cinco cujas opiniões não fossem absolutamente previsíveis em assuntos como aborto, a explosão populacional, planejamento familiar e qualquer outro assunto contemporâneo, assim como estética, política e economia, ou que não dissessem mais ou menos a mesma coisa nas mesmas palavras sobre, digamos, Nixon ou Solzhenitsyn ou apartheid, ou Rodésia. Se, como acontece de vez em quando, alguém da mídia que eu não conheço vem me entrevistar ou consultar, e eu faço algumas observações sobre seus pontos de vista, de acordo com o consenso, raramente eu estou equivocado.

Na minha experiência, isso se aplica tanto à transmissão religiosa como a qualquer outra; se não mais. Grandes variações aqui são muito raras; padres católicos romanos que de todo coração apóiam **Humanae Vitae**, ou evangélicos que acreditam sem dúvida nos Dez Mandamentos, estão em pouca evidência. A criação e a promoção de consenso, eu diria, devem ser vistas historicamente como uma preparação instintiva para algum tipo de sociedade coletivo-conformista que segue adiante, não importa o que aconteça, colocando tudo em dúvida, sendo esta precisamente a ideologia que a caracteriza. O que está fora de questão é que o poder do consenso tem bastado, por exemplo, nos Estados Unidos, para trazer uma derrota americana na Guerra do Vietnã, destituir um Presidente e danificar, talvez permanentemente, a instituição da Presidência, além de desmantelar a CIA, o braço da Inteligência Americana, da forma como é. Neste país, a mesma força

tem desacreditado e provado inútil toda a estrutura da ética cristã, e conseguido expor ao ridículo e ao desprezo todos que continuam a afirmar que a castidade é uma virtude bela e necessária, que o erotismo só tem validade no contexto do amor duradouro, que é sua condição, e na procriação, que é seu propósito, e que tornar filmes como **O Bebê de Rosemary** acessíveis para telespectadores jovens e imaturos, mostrando-os na televisão, é um absurdo. Fazendo um levantamento do futuro da mídia, as sempre crescentes programações de tevê não poderão ser preenchidas exceto com a ajuda de filmes, o que significa que quanto mais bem sucedidos forem os filmes nos cinemas, mais automaticamente eles serão exibidos nas telas de televisão. Como muitos pertencem a uma categoria que antes só teria bilheteria em esquálidos mergulhos no Soho ou Montmartre, pode-se assegurar que logo crianças estarão assistindo o que antigamente era reservado para os doentes, perversos e depravados. Somente os mais ingênuos ou os mais hipócritas entre os chefões da mídia poderão convencer a si mesmos que, em condições normais, as crianças podem ser impedidas de assistir a tais filmes se eles forem exibidos em um horário mais tardio.

Pensando nesta aparentemente deliberada corrupção dos jovens e inocentes por causa do dinheiro, ou, no caso da BBC, de forma ainda mais desprezível, por causa do ibope, ocorreu-me que o seguinte exercício seria útil, ainda que fosse necessário um Jonathan Swift para explorar totalmente suas possibilidades com a ironia pertinente. Vamos imaginar que, de uma maneira ou outra, um monte de fanfarronada contemporânea – vídeotape e filmes de programas de televisão com os respectivos comerciais, cópias de jornais e revistas, gravações de grupos de música pop e cacofonias, novelas best-seller, uma seleção de filmes de sucesso, gravações de discursos políticos, exortações, comédias e shows de auditório e outras gravações de diversões, interesses e passatempos do nosso tempo – fosse preservada, como os manuscritos do Mar Morto, em alguma remota caverna de sal. E então, daqui séculos, ou talvez milhares de anos, quando a nossa civilização já tenha há muito tempo se juntado a outras passadas, e agora só possa ser pacientemente reconstruída a partir de ruínas empoeiradas, hieróglifos incompreensíveis e outras relíquias, arqueólogos descobrem a caverna e começam a explorar seu conteúdo, tentando deduzir dele que tipo de pessoas nós éramos e como vivíamos.

O que será que os arqueólogos iriam fazer de nós? Materialmente tão ricos e tão poderosos, espiritualmente tão pobres e tão dominados pelo medo, tendo feito incursões tão espetaculares aos segredos da natureza e aos mecanismos de nosso meio ambiente material, começando a explorar, e talvez a colonizar, o próprio universo, tendo desenvolvido meios para produzir em quantidades quase que ilimitadas tudo que pudéssemos precisar ou desejar, para transmitir mais rápido do que a luz todo pensamento, sorriso ou palavra que pudessem possivelmente nos entreter, instruir ou deliciar, dispondo de tesouros além de qualquer cálculo, abrindo possibilidades além de qualquer imaginação, e no entanto, assombrados por um pânico de tornar-se muito numerosos, a ponto de que não houvesse espaço na terra para seus habitantes e que a comida fosse insuficiente para sustentá-los. De um lado, uma paixão neurótica para aumentar o consumo, promovida por toda sorte de persuasão entre as pessoas da avançada tecnologia do mundo Ocidental; de outro, com uma necessidade e

fome sempre crescentes entre o resto da humanidade. Nunca, os arqueólogos certamente concluiriam, houve outra geração de homens numa perseguição tão ostensiva da felicidade e abundância, numa posição tão vantajosa para obtê-las, que, com aparente deliberação, tomasse o curso oposto, em direção ao caos, não à ordem; em direção à falência, não à estabilidade; em direção à morte, destruição e trevas, não a vida, criatividade e luz. Uma ascendência que vai ladeira abaixo, uma abundância que se torna uma terra devastada, uma cornucópia cuja fartura produz fome, um desejo de morte inexoravelmente desdobrado. Não poderia ser outra, me parece, a conclusão geral dos arqueólogos a partir do material disponível a eles.

Todos esses anúncios absurdos, tecnicamente falando, o melhor trabalho de cinegrafia, lindamente produzido, nas revistas, no papel mais brilhante, em filme ou videotape, perfeito, recomendando este ou aquele cigarro como o condutor de encontros românticos sob uma cachoeira, este creme ou cosmético que acrescenta a qualquer rosto, mãos ou membros linhas irresistivelmente amorosas, ou medicamentos que proporcionam sono, curam depressão, acabam com dores de cabeça, acidez, mau odor e outras doenças – teriam sido, os arqueólogos se perguntariam, à luz da mais inconcebível credulidade requerida, algum remoto e esquecido culto religioso? Um culto de consumo cujos templos seriam os supermercados com uma música suave tocando ao fundo; com vozes persuasivas de sacerdotes e sacerdotisas dizendo "Compre isso! Coma aquilo! Visto isso! Beba isso!"; os milagres seriam as transformações ao adotar determinada dieta, ao usar determinados aparelhos, esticar-se em determinada cama; com música de elevador como trilha sonora, computadores como oráculos, caixas-registradoras como ofertórios – assim, eles irão concluir, era feita a adoração do grande deus Consumo, com visível reverência e dedicação. Havia inclusive ordens religiosas, com prodígios na linha do asceticismo sendo realizados em benefício do emagrecimento e embelezamento de homens e mulheres.

Contrastando com este culto aparentemente florescente, os arqueólogos iriam detectar vestígios de uma fé anterior chamada Cristianismo, que parece ter se tornado grandemente associada a causas sociais e políticas. Assim, a ética cristã prevalecente, se é que se podia detectar alguma, teria sido baseada no conceito de que seres humanos eram vítimas das circunstâncias; na nomenclatura usada por alguns moralistas, "situacional". Nas histórias folclóricas, abundantemente representadas nos filmes e videos, o mau comportamento era quase sempre mostrado como sendo resultado de condições de vida adversas, ou estados mentais e morais que iam além do controle dos indivíduos; nunca o mal era deliberado, de modo que a noção do pecado parece ter desaparecido, e a virtude, na medida em que este conceito ainda existia, teria encontrado expressão exclusivamente em atos sociais e atitudes. Se algum dos arqueólogos estivesse suficientemente interessado, ele poderia traçar os ajustes e distorções feitos aos textos cristãos – sempre, nem é preciso dizer, ostensivamente a serviço do esclarecimento – para conformá-los com o conceito de Jesus como um líder revolucionário e um reformista, um Barrabás superior ou um Che Guevara, cujo reino indubitavelmente era deste mundo, encontrando nestes ajustes textual e doutrinário um exemplo da infinita ingenuidade da mente humana em formatar verdades eternas para conformá-las com exigências temporais. Poderia divertir um ou dois arqueólogos notar

quão facilmente conceitos reverenciados eram distorcidos para significar o oposto; por exemplo, que é absolutamente essencial guardar tesouros na terra, na forma de um sempre crescente produto interno bruto; que a carne milita contra o espírito, e o espírito contra a carne, de modo que nós devemos fazer o que tivermos vontade, e que aquele que amar sua vida neste mundo irá preservá-la para a vida eterna, e assim por diante.

Não havendo nada no material disponível aos arqueólogos que sugerisse que o Cristianismo tivesse tido qualquer possibilidade de sobrevivência, especialmente depois do anúncio de que Deus estava morto, sua suposição de que um culto ao consumismo teria tomado o lugar do cristianismo como uma fé popular seria reforçada. Claramente, no entanto, eles iriam calcular, o culto precisava de alguma doutrina que o sustentasse, alguma base mística, e algum processo de redenção que substituísse a tradicional conversão cristã.

No tocante à primeira destas três necessidades, os arqueólogos não teriam tido nenhuma dificuldade em identificar a doutrina apropriada – a crença no progresso, claramente uma doutrina básica na sociedade examinada. A noção de que seres humanos como indivíduos deveriam necessariamente tornar-se cada vez melhores é ainda hoje considerada insustentável pela maioria das pessoas, e indubitavelmente pareceria assim aos nossos arqueólogos, apesar de estarem examinando nossa mídia muitos séculos depois; eles observariam, no entanto, um conceito coletivo equivalente de que circunstâncias sociais, valores e comportamentos tinham uma tendência intrínseca a ir melhorando cada vez mais, o que viria a ser considerado como axiomático. Com base nisto, toda mudança representaria progresso e, portanto, seria boa; mudar qualquer coisa seria por si só, melhorá-la e reformá-la. Nossos arqueólogos não teriam dificuldade em descobrir inumeráveis instâncias das conseqüências deploráveis da aplicação desta proposição falaciosa. Por exemplo, guerras, uma mais feroz que a outra, seriam esperadas para estabelecer de uma vez por todas um reinado de paz duradouro na terra. Liberações que escravizavam, revoluções que criavam tiranias piores do que as que elas substituíam, divórcios que minavam a instituição do casamento, e abortos que resultavam em ainda mais abortos sendo realizados – diante deste quadro de uma sociedade evidentemente destruindo-se a si mesma na ingênua expectativa de que estava se reformando, caminhando inexoravelmente para trás quando supunha estar avançando, como poderiam os arqueólogos concluir outra coisa a não ser que a doutrina do progresso aplicada à existência social do homem provou ser a mais deletéria, para não dizer ridícula, previsão jamais feita?

Sobre algum conteúdo místico no culto ao consumo, não haveria dificuldade em encontrá-lo. Sexo é o misticismo do materialismo, uma proposta que teria nascido entre os arqueólogos quando eles se viram confrontados com uma superabundância de erotismo de todo tipo e descrição, em jornais e livros e periódicos, assim como em filmes, programas de televisão, peças e entretenimento; um vasto apanhado para todos os gostos e idades, o coxo, o imóvel, o inseguro, todos igualmente chamados para espremer de suas frágeis carnes uma resposta; todos os impedimentos deixados de lado, sem restrições morais, nem legais. E então, com a chegada da pílula anticoncepcional, a glória, a obtenção de um processo de procriação não procriador, de um coito

não interrompido que também é não fecundo, o sexo finalmente santificado com a esterilidade.

Sobre a conversão, o instrumento aqui era claramente a educação em todos os seus aspectos, desde pequenas peças da escola fundamental até estudos da pós graduação, de forma que o velho Adão da ignorância e superstição, a cega aceitação dos valores e modos tradicionais, teve que ser abandonado para dar lugar ao novo homem do Século Vinte, erudito, culto, cultivado. Os arqueólogos vão seguramente ficar maravilhados diante das altas expectativas colocadas neste processo educacional, aparentemente considerado na tal sociedade como uma panacea para todos os males, material, mental e espiritual; diante dos campi proliferantes, os sempre multiplicados professores e mestres instruindo mais e mais estudantes em mais e mais assuntos; diante das vastas somas de dinheiro público gastas, e de como os especialistas das salas de aula e palestras eram tidos em alta estima, a ponto de serem convidados para programas de rádio e televisão, e até para participar de governos, nos mais altos níveis. Mais livros publicados, mais peças produzidas, prédios erguidos numa questão de décadas em comparação com todo o resto do tempo registrado; a cena arrumada para a maior explosão cultural da história, uma Veneza ou uma Florença em escala continental. E o resultado? Em vez de sábios, reis da filosofia e santos, artistas pop, psiquiatras e gurus. Procurando por um Leonardo da Vinci ou um Shakespeare, os arqueólogos só encontraram um Rolling Stone.

Analisando e pesando a cena toda, então, será que a conclusão deles não seria que o homem ocidental decidiu abolir-se a si mesmo, criando seu próprio tédio de sua própria afluência, sua própria vulnerabilidade de sua própria força, sua própria impotência de sua própria erotomania, ele próprio soprando a trombeta que derrubou os muros de sua cidade, e tendo convencido a si mesmo que ele era muito numeroso, trabalhou com a pílula e o escalpo e a seringa para se reduzir, até que no final, tendo educado a si mesmo na imbecilidade, e poluído e drogado a si mesmo até a estupefação, ele tombou, um velho e cansado brontossauro, e tornou-se extinto?

Esta conclusão pode parecer um tanto sombria. Por outro lado, deve-se lembrar que os arqueólogos estão invariavelmente errados, e está em aberto para qualquer um tirar uma conclusão diferente sobre os dados disponíveis na forma dos Videotapes do Mar Morto. De qualquer modo, felizmente, dificilmente os tapes vão sobreviver, imagens sendo menos duradouras do que palavras, as quais têm demonstrado uma inacreditável capacidade de sobrevivência. Não foi uma jactância vazia quando Jesus disse: "*Os céus e a terra passarão mas minhas palavras não passarão*". Veja o homem no campo de trabalho descrito por Solzhenitsyn, que tinha um beliche acima de si, e costumava subir nele de noite, e tirar velhos e amarrotados pedaços de papel de dentro do bolso, e lê-los com evidente satisfação. Acontece que eles tinham passagens dos Evangelhos rabiscadas neles, que eram seu consolo e alegria naquele lugar terrível. Ele não teria sido edificado e confortado de forma semelhante por reprises de programas religiosos de tevê.

E então os fragmentos e restos do passado nos dizem pouco exceto que o passado se foi. Da mesma forma, propriamente falando, não existe uma tal

coisa chamada história; somente o que Blake chamou de “temível simetria”, a elaboração da verdadeira natureza das coisas. O que se faz passar por história é meramente a propaganda do vitorioso transcrita por diferentes mãos e descrita em diferentes ângulos. A razão pela qual a Bíblia nunca poderá tornar-se irrelevante ou fora de moda é que, ao contrário de todas as outras histórias, no caso dela o vitorioso é Deus. Assim, no senso mais literal, a Bíblia é a Palavra de Deus. Se, no entanto, ela fosse gravada em imagens em vez de em palavras, não seria a Palavra, mas a imagem de Deus. Neste sentido, quando os Filhos de Israel se afastaram de Deus e fizeram um bezerro de ouro, pode-se dizer que eles o televisionaram. Similarmente, em todas as fantasias do nosso tempo, aqueles que têm olhos para ver podem ler a anti-fantasia. O que, por exemplo, explode mais perfeitamente a fantasia do dinheiro do que a inflação; a fantasia do sexo, do que a pornografia; a fantasia do conhecimento, do que a educação; a das notícias, do que **Newzak**; a do poder, do que as armas nucleares; a da felicidade, do que a sua busca. Eu poderia continuar indefinidamente. Então, devemos agradecer a Deus inclusive pela mídia, que tão convincentemente e insistentemente demonstra sua própria fantasia – agradecê-lo realmente por tudo, já que tudo que sempre foi, é ou será manifesta sua existência e é parte da totalidade do seu amor. Acima de tudo, temos que agradecer a Ele pela Encarnação, **quando todas as coisas estavam na quietude e aquela noite estava no meio de seu curso tranqüilo, vossa poderosa Palavra saltou dos céus de seu trono real.** Aquela Palavra poderosa foi o meio, e a mensagem foi Cristo.

Palestra Três

VENDO ATRAVÉS DO OLHO

Tenho tentado mostrar que, da maneira como eu vejo, a mídia criou e pertence a um mundo de fantasia, ainda mais perigoso porque ele pretende ser, e é freqüentemente considerado o mundo real. Cristo, por outro lado, proclamou uma nova dimensão de realidade, de forma que o Cristianismo, baseado nesta realidade, poderia emergir da fantasia de uma civilização romana em decomposição.

Agora nós, que recebemos o legado do Cristianismo, estamos por nossa vez sucumbindo à fantasia, da qual a mídia é uma manifestação visível e externa. Assim, o efeito da mídia em todos os níveis, é arrancar as pessoas da realidade, o que significa para longe de Cristo, e para a fantasia, mesmo que seja no mais baixo nível, em apelos à nossa cupidez, nossa vaidade, nossa carnalidade, em publicações e espetáculos manifestamente pornográficos, colocando em palavras ou imagens, em um contexto ou outro, a degeneração e a depravação, o divórcio de qualquer conceito de bom e mau, o ensino através da perversão e violência e do caos de uma sociedade que perdeu seus limites, e está materialmente, moralmente e espiritualmente à deriva.

Há uma passagem no *Pensamentos* de Pascal, um livro que eu grandemente admiro, e que freqüentemente cito, que me parece altamente relevante:

É em vão, ó homens, que vocês buscam em si mesmos a cura para as suas misérias. Todas as suas reflexões somente levarão vocês ao conhecimento de que não é em si mesmos que vocês irão descobrir a verdade e o bem. Os filósofos prometeram isso a vocês e não foram capazes de manter sua promessa. Eles não sabem o que é o verdadeiro bem ou qual é o verdadeiro estado de vocês. Como poderiam eles prover a vocês uma cura para males que eles sequer conseguem entender? Seus principais males são orgulho, o qual arranca vocês de Deus, e sensualidade, que amarra vocês à terra, e eles não têm feito nada a não ser promover pelo menos um desses males. Se eles têm dado a vocês Deus como objeto, foi para alcovitar o seu orgulho – eles fizeram vocês pensarem que vocês são como Ele, e se assemelham a Ele por sua natureza; e aqueles que agarraram a vaidade de tal pretensão lançaram vocês no outro abismo de fazê-los acreditar que a sua natureza é como a das bestas do campo, fazendo com que buscassem o seu bem na luxúria, coisa que pertence aos animais.

Substitua ‘filósofos’ por ‘mídia’ e a passagem é perfeitamente aplicável hoje. O que está escrito é que sem Deus nós somos deixados com a escolha de sucumbir à megalomania ou à erotomania, e Deus sabe, há muito no mundo, e

nos corações e mentes do homem contemporâneo, para justificar essa proposição. Nesta fuga da realidade promovida pela mídia, suas ofertas supostamente sérias, especialmente no campo da televisão, são geralmente mais enganadoras moralmente e prejudiciais do que simplesmente a pornografia repugnante do tipo que trafica neste mercado particularmente esquálido, seja em livros, periódicos, filmes ou entretenimento ostensivo. Tais materiais são pelo menos facilmente reconhecíveis pelo que são, exceto talvez aos olhos de algum intelectual iludido, e os aspirantes que viajam no seu rastro, incluindo, ai, clérigos e bispos.

As ofertas ostensivamente sérias da mídia, por outro lado, representam uma ameaça diferente precisamente porque elas são capazes de se passar por autênticas e objetivas, enquanto que elas, também, pertencem ao reino da fantasia. Aqui, o advento e a exploração de material visual com a chegada da câmera, tem tido um papel crucial. Isto se aplica especialmente a notícias e aos chamados documentários, ambos declarados factuais, mas os quais, na prática, são processados tal como todo o resto, na máquina de fantasia da mídia. Assim as notícias se tornam não aquilo que aconteceu, mas aquilo que pode ser visto acontecendo, ou parece ter acontecido. No que toca aos documentários, qualquer um que tenha trabalhado neles, como eu fiz extensivamente, sabe que o elemento da simulação sempre foi considerável, e só aumentou à medida que a produção e direção deles se tornaram mais sofisticadas e desenvolvidas tecnicamente. Christopher Ralling, um talentoso produtor da BBC, em um artigo no *Listener (O Ouvinte),* expressou sua preocupação em adentrar numa terra de ninguém entre o drama e o documentário.

Quatro linhas de Blake, como quase tudo que ele escreveu, agora parecem proféticas, quase que como se ele tivesse previsto o surgimento da câmera (certamente não sem propósito originalmente chamada ‘câmera obscura’) e tudo que faria conosco na forma de nos induzir a aceitar a fantasia como realidade:

Nesta vida, as opacas janelas da alma

Distorcem o Paraíso de polo a polo

E levam você a crer na mentira

Quando você vê com, e não através, do olho.

Já houve algum outro instrumento mais perfeito para ver **com** em vez de **através** do olho, do que uma câmera? E à medida que ela vem se desenvolvendo de daguerreótipos embaçados para os últimos produtos de vídeo, que multidão de mentiras ela induziu, ficando entre os loucos apelos da publicidade e a sofisticada prática de Orwell´s Newspeak (linguagem fictícia inventada por George Orwell na novela **1984**) e Doublethink (palavra criada na mesma novela de Orwell, que descreve o ato de aceitar simultaneamente como corretas duas crenças contraditórias), sem mencionar a aparência dos Grandes Irmãos – ou Irmãs! Ver através do olho é agarrar o significado daquilo que é visto, é ver aquilo em relação à totalidade da criação de Deus – “*todo o mundo num grão de areia*”, para citar Blake novamente. Visto somente com o olho,

que é tudo que uma câmera pode fazer, um grão de areia não passa de um entre inumeráveis outros grãos idênticos, fazendo uma praia ou um deserto. Então a câmera é insensata, um instrumento meramente para olhar. E assim ela está mais e mais tomando conta da mídia. Em jornais, revistas e suplementos coloridos, em locações, nos estúdios, cada vez mais a câmera tende a dar a palavra final, e seriamente, pode não demorar muito para que a produção de televisão, assim como tudo o mais, seja totalmente automatizada, sem necessidade de qualquer participação humana, que não seja a manutenção das máquinas e a programação dos computadores.

Perambulando em busca de notícias, o que a câmera quer é uma cena excitante ou dramática que prenda o espectador, desta forma colocando em jogo sua própria especialidade. Imagens são tudo. Se existe uma filmagem de, digamos, um desastre aéreo, ela tem precedência sobre qualquer outro desastre, digamos, um terremoto, que não tenha sido filmado. Um assassinato em Belfast é menos digno de notícia do que um ocorrido em Fulham (bairro de Londres) por causa de sua familiaridade; fomes só ocorrem quando foram filmadas; as outras – e há muitas – continuarão sem ser noticiadas. Novos cinegrafistas querem direcionar os boletins de TV assim como repórteres querem mandar nas manchetes de primeira página dos jornais onde trabalham, e estão sempre em busca de alguma cena surpreendente. A tentação de forjar uma é correspondentemente muito grande. Quando o muro de Berlim estava completo, dois *vopos* – policiais da Alemanha Oriental – decidiram pulá-lo para a Alemanha Ocidental. Um cinegrafista presente no local me contou que eles tiveram que pular o muro três vezes até que sua ‘performance’ fosse considerada visualmente satisfatória.

E há aquelas fotos da Guerra do Vietnã com os soldados americanos ateando fogo em cabanas ou atirando em prisioneiros Vietcongs. A chance de cenas como essas acontecerem justamente quando havia uma câmera pronta para filmar, na posição e iluminação corretas, e assim por diante, é de uma contra um bilhão. E, no entanto, elas eram a verdade das câmeras e, portanto, válidas, e incidentalmente decisivas no final para mostrar uma vergonhosa derrota americana. Uma das cenas mais famosas na Guerra de 1939-1945 e usada muitas vezes subseqüentemente em documentários, é a de Hitler fazendo uma pequena e esquisita dança de triunfo ao ouvir as notícias de que a França havia caído diante da Wehrmacht. E isto também foi falso, forjado através do simples truque de remover alguns frames de um filme de Hitler caminhando. A pisada de Hitler não era digna de nota mas na versão da câmera ele irá dançar através da história para sempre.

O exemplo mais horrível que eu conheço do poder e da autoridade da câmera, que certamente irá constar de livros de história como um exemplo da degradação que nossa subserviência à ela pode envolver, ocorreu na Nigéria na época da Guerra de Biafra. Um prisioneiro seria executado por um pelotão e as câmeras entraram à força para fotografar e filmar a cena. Justamente quando se ia dar o comando para atirar, um dos cinegrafistas gritou “Corta”; ele tinha ficado sem bateria e precisava trocá-la. Até que isso tivesse sido feito, a execução foi suspensa. Então, com a bateria substituída, e sua câmera funcionando novamente, ele gritou “Ação” e bang, bang, bang, o prisioneiro caiu ao chão, sua morte devidamente gravada para ser mostrada em milhões

de salas no chamado mundo civilizado. Algum futuro historiador pode especular onde está a maior barbárie, se entre os espectadores, os executores ou os cinegrafistas. Eu desconfio que ele optaria pelos cinegrafistas.

No que tange as palavras que acompanham as imagens, elas têm, é claro, que ser editadas e adequadas e assim são tão maleáveis como os vídeos, se não mais. Há tantos casos autenticados de adulteração de palavras, como de adulteração de imagens. No caso, por exemplo, do vencedor do programa de televisão *The Selling of the Pentagon (A venda do Pentágono),* algumas das entrevistas exibidas foram editadas para dar uma impressão completamente falsa do que realmente foi dito. Não é preciso dizer que nenhum dos prêmios foi retirado quando a adulteração foi exposta. Nem o apreço pelo programa diminuiu. A fraude aparentemente não interessou aos telespectadores: aos olhos deles, simplesmente não importava. Outro exemplo do mesmo tipo de fraude é a obra de Marcel Ophulus *The Sorrow and the Pity (A Tristeza e a Compaixão) (Le Chagrin et la Pitié),* um estudo da Resistência Francesa na Guerra de 1939-45, que foi exibida na BBC e muito apreciada. Acontece ser este um assunto sobre o qual eu sei muito porque eu fui um oficial de ligação com a Inteligência Gaulista (de Gaulle) e passei o último ano da guerra em Paris com eles. Eu só posso dizer, à luz desta experiência, que o filme de Ophuls é distorcido e desviado a um nível inacreditável. No entanto, assim como aconteceu com *The Selling of the Pentagon*, isso não impediu o filme de ter uma recepção entusiasmada. As possibilidades de fraude, especialmente na sala de cortes, são ilimitadas e aqueles que agora clamam pela Televisão do Parlamento deveriam observar isso, assim como o grande poder que será colocado nas mãos de quem quer que edite as filmagens. Ele terá que trabalhar rápido para obter uma exibição atualizada e será muito fácil para ele tornar a atuação de qualquer MP admirável, absurda ou condenável, dependendo somente de como ele colocar as cenas juntas.

Quando eu fui para Washington pela primeira vez como correspondente de um jornal, em 1946, havia uma Conferência de Imprensa da Casa Branca regularmente; jornalistas credenciados se reuniam em volta da mesa Presidencial na famosa Sala Oval e faziam perguntas, as quais o presidente respondia de imediato. Nós não tínhamos permissão para citar suas palavras ou para publicá-las, é claro, mas o procedimento ajudava muito. Então, no governo do Presidente Eisenhower a Conferência de Imprensa foi colocada no ar e com a vinda dos Kennedys, extravagantemente televisionada. Isto significava, inevitavelmente, que os cinegrafistas precisavam saber com antecedência quem iria fazer a pergunta porque de outra forma eles não conseguiam filmá-lo. A partir daí é um pequeno passo começar a organizar o tipo de pergunta certo. E de novo, se numa conversa informal o Presidente falaria com alguma franqueza, no momento em que as câmeras vieram, toda a operação se tornou completamente artificial, e ultimamente inútil, a ponto de jornalistas sérios como James Reston não se preocuparem mais, hoje em dia, em atender a nenhuma dessas Conferências. É isto certamente que irá acontecer no Parlamento se o MP cair nesta armadilha e permitir que seus procedimentos sejam televisionados. A câmera se provará muito mais eficaz em destruir o Parlamento como uma assembléia deliberativa e um órgão do governo do que Guy Fawkes*. (1570-1606 – *soldado inglês católico que teve participação na "Conspiração da Pólvora" na qual se pretendia assassinar o rei*

protestante Jaime I da Inglaterra e todos os membros do Parlamento. Guy Fawkes era o responsável por guardar os barris de pólvora).

A manipulação de palavras e imagens para adequá-las ao tema tem sido particularmente usada em programas feitos para reconstruir com filmagens de arquivo algum evento ou cena histórica. Este foi o caso, por exemplo, de um programa que celebrou o 50º aniversário da Revolução Russa e usou takes de um filme de Eisenhower de uma tempestade de neve no Palácio de Inverno de Petrogrado. Esta representação da cena trazia pouca ou nenhuma relação com o que realmente ocorreu, mas aí está, gravada. Visualmente falando, isto foi o que aconteceu: o filme prova. A documentação acumulada do nosso tempo será tão vasta e por uma razão ou outra, tão distorcida, que a posteridade seguramente não saberá nada de nós. Os primeiros Anos da Idade Média estão perdidos na antiguidade, virtualmente quase sem nenhum registro; a próxima Idade das Trevas será igualmente perdida na luminosidade da iluminação do estúdio, com uma superabundância de registros, quase todos falsificados.

Da mesma forma, a câmera também exerce um dominio na gravação de eventos contemporâneos. Eu me lembro, certa vez, de estar voltando para o meu hotel em Nova Iorque e observar no caminho que uma multidão havia se reunido do lado de fora do que era obviamente uma embaixada ou consulado de algum tipo – depois eu descobri que pertencia a um país árabe. Havia os estudantes de costume – garotas sem sutiã, homens de barba, segurando cartazes com slogans; também um carro da polícia e um certo número de policiais que permaneciam ali com seus cassetetes – tudo pronto para uma demonstração. “O que está acontecendo?”, eu perguntei, e me informaram, como se fosse óbvio, que as câmeras ainda não haviam chegado. Eu fiquei lá até que elas chegassem e observei enquanto eram ligadas e começavam a gravar. “Ação”, e logo os cartazes foram erguidos, os slogans gritados e os punhos cerrados; alguns poucos manifestantes foram presos e levados para o carro da polícia e alguns poucos policiais deram chutes, até que “Corta”. Em poucos minutos as câmeras, os policiais e os manifestantes haviam todos partido, deixando a rua silenciosa e deserta. Mais tarde, naquele mesmo dia, no meu quarto de hotel, assisti à manifestação na tela de tevê em um dos programas de notícia. Parecia bem impressionante.

Então, eu sugiro que as câmeras são os olhos do nosso ego, o foco da nossa época, o repositório e a emanação de todas as nossas fraudes. Leve-as para qualquer lugar de conflito e confusão e eia! – em questão de minutos, o conflito se acirra para ser registrado. No seu livro *Do It (Faça-o),* Jerry Rubin, um dos principais no julgamento da conspiração de Chicago alguns anos atrás, disse algumas palavras sábias sobre este assunto:

A televisão cria mitos maiores do que a realidade. Enquanto uma manifestação se arrasta por horas e horas, a TV coloca toda a ação em dois minutos – um comercial para a revolução. Na tela da tevê a notícia não é só transmitida, ela é criada. Um evento acontece quando ele vai para a televisão e se torna um mito... A televisão é um instrumento não verbal, então desligue o som, já que ninguém nunca se lembra de nenhuma das palavras que ouviu, a mente sendo

um cinema de imagens coloridas, não de palavras. Não existe essa coisa de uma cobertura mal feita de uma manifestação. Não faz diferença o que foi dito: as imagens são as estórias.

Estas observações me trazem à memória, de maneira irresistível, uma frase na profética novela de Dostoievky, *The Devils (Os Demônios),* dita pelo personagem Peter Verkovensky, que tem mais do que uma mera semelhança com Jerry Rubin. *"Uma geração ou duas de indulgência excessiva",* exulta Peter Verkovensky, "*seguida por uma pequena gota de sangue bom e fresco, somente para acostumar as pessoas, e assim começa a agitação".* Bem, de fato foi assim na Rússia, exatamente como Dostoievsky previu, e parece agora estar acontecendo em todo o lugar. Me parece que as câmeras deveriam tomar seu lugar ao lado das armas nucleares e da pílula anticoncepcional como um dos três maiores portentos apocalípticos dos nossos tempos; as primeiras significando o poder em termos de destruição, a segunda, o sexo em termos de esterilidade e as últimas, a atualidade em termos de fantasia.

Será que isto significa que a câmera e todos as suas façanhas são totalmente más e incapazes de cumprir os propósitos de Deus? Claro que não. Tudo e todos podem fazer isso. Até mesmo Judas teve um papel essencial no sublime drama da Paixão. Deus se assegura de que, não importa o que façamos para nos iludir, no fim seremos alcançados pela realidade. Para cada fantasia ele provê um antídoto. Então a câmera tem que mentir, mesmo que seja só para nos convencer que a verdade não pode ser vista com, mas só através do olho, como disse Blake. Da mesma forma, nós amamos o dinheiro; então temos a inflação para revelar o absurdo do dinheiro; nós somos obcecados com o erotismo e então temos a pornografia, a *reductio ad absurdum,*ou melhor, talvez, *ad disgustum,* do sexo; nós acreditamos na vinda de um reino dos céus na terra, e temos o Arquipélago Gulag; nós imploramos por fatos e temos computadores; nós somos ávidos por notícias e *Newzak* vem sobre nós – notícias sem fim, amém.

Não é somente para fazer suas maravilhas mas também para revelar suas ironias que Deus se move de formas misteriosas. Não pode existir algo inventado pelo homem, como a mídia, que seja inútil para Deus. Se ele colocou em suas criaturas talentos que as capacitam a mandar palavras girando pela terra e através da estratosfera, então de alguma forma e em algum tempo isto deve servir a seus propósitos. Para mim, pessoalmente, a mídia emite um aroma sulfuroso, e ainda assim no final do dia tenho que admitir que ela pode tanto enriquecer como degradar a vida. Por exemplo, certa vez quando eu estava esperando por um trem numa estação subterrânea, um pequeno homem – de fato, um grego – veio até mim e me pediu permissão para apertar minha mão. Eu estendi a mão com cortesia mas friamente, assumindo que ele estava me confundindo com A.J.P. Taylor ou talvez Mike Yarwood. Enquanto nos cumprimentávamos, ele observou que algumas palavras minhas num programa de rádio haviam evitado que ele cometesse suicídio. O mais humilhante é que eu não conseguia me lembrar à qual programa ele se referia; sem dúvida um show ou outro qualquer, para mim uma tolice, e no entanto, uma vida humana se agarrou a ele.

Um exemplo mais vulgar provando quão incalculáveis são as consequências daquilo que a gente fala na televisão aconteceu na sequência de uma discussão que eu tive certa vez com o Arcebispo Anthony Bloom sobre a dor e a aflição. Quando nossa sessão diante das câmeras terminou, por uma vez eu me senti razoavelmente satisfeito com o resultado da nossa troca de impressões. O Arcebispo é um homem de grande espiritualidade, e me pareceu que nós havíamos feito uma contribuição enriquecedora, séria e iluminada para um assunto que incomoda muita gente, hoje em dia. Pois bem, na manhã seguinte, quando tomei um táxi na Estação Charing Cross, o motorista me disse num tom de voz jovial e apreciativo, como se ele estivesse comentando sobre alguma boa jogada durante uma partida de futebol: “Eu vi o senhor na telinha ontem discutindo com aquele velhote de barba; certamente o senhor acabou com ele” – uma observação que mostra, mais uma vez, que nos termos de Blake, as pessoas olham para a tela da televisão com, e não através, do olho, e vêem ali aquilo que elas esperam ver, ou que foram induzidas a esperar para ver.

No entanto, eu devo dizer que devo à mídia, especificamente à televisão, aquilo que se tornou uma das maiores benções da minha vida – encontrar Madre Teresa. Isto ocorreu por acaso. Me pediram para entrevistá-la para a BBC e no trem, a caminho de Londres, eu resolvi olhar um material que me haviam disponibilizado sobre ela. No momento em que a vi eu percebi que, nas palavras do profeta Amós, “o Senhor a havia tomado”. Encontrá-la pessoalmente, mais tarde, só confirmou isso. Ela tem me falado mais do nosso Senhor e me ajudado mais a entender sobre a fé cristã do que qualquer coisa que eu jamais tenha ouvido, ou pensado, ou lido sobre o assunto. No programa de televisão que fizemos sobre ela, *Something Beautiful for God (Algo Belo para Deus),* o fato de que ela realmente vive em Cristo, e ele nela, brilha triunfantemente através da fraude da câmera. Com Deus, todas as coisas são possíveis, conforme Jesus disse aos discípulos quando, depois de falar sobre o homem rico e o buraco da agulha, eles chegaram à conclusão de que não haveria milionários no céu. Sim, com Deus, todas as coisas são possíveis, até mesmo trazer a realidade de Cristo para a tela da televisão.

Nós tínhamos apenas cinco dias de filmagens em Calcutá para fazer o programa de 45 minutos sobre Madre Teresa. O período normal de filmagens para um programa deste tamanho seria de dois a três meses. Em cada etapa do trabalho nós tivemos que lidar com o acaso, um deles tendo sido filmar na luz insuficiente da casa que ela mantém para os moribundos, para onde os enjeitados das ruas de Calcutá são trazidos, a maioria para morrer, algumas vezes para viver. Para espanto de todos, inclusive meu e do cinegrafista Ken MacMillan, este trecho da reportagem ficou muito bom, mostrando a casa para os moribundos, que antigamente era um templo para a deusa hindu Khali, banhada numa luz muito bonita. Houve alguma discussão sobre isso. Minha própria impressão era, e continua sendo, que o amor levado ao ponto em que Madre Teresa o leva, tem sua própria luminosidade e que os pintores medievais que mostraram santos com halos não estavam tão longe da verdade como as mentes do Século Vinte podem supor. De qualquer forma, o programa foi exibido muitas vezes, em muitos lugares diferentes, sempre com grande impacto.

A moral disso poderia ser que para fazer um programa de televisão cristão bem sucedido é preciso simplesmentes encontrar um cristão verdadeiro e colocá-lo na tela. Isto, mais do que qualquer ferramenta ou habilidade, seria a chave do sucesso. Apesar de minha própria participação no programa ter sido bem pequena – somente fazer o comentário, o que significou deixar Madre Teresa falar e depois produzir um livro sobre ela, o que significou segurar uma caneta para ela escrever – é uma grande satisfação e alegria para mim, e uma coisa pela qual eu sou realmente grato à mídia, saber que um bom número das Missionárias da Caridade foram atraídas para a Ordem de Madre Teresa pelo filme ou pelo livro.

Um dos grandes atrativos do Cristianismo para mim é o seu puro absurdo. Eu amo todos aqueles ditos malucos no Novo Testamento – os quais, incidentalmente, são literalmente verdadeiros – sobre como os tolos e iletrados e as crianças entendem sobre o que Jesus falava melhor do que os sábios, os cultos e os veneráveis; sobre como os pobres, e não os ricos, são abençoados; os humildes, e não os arrogantes, herdam a terra; e os puros de coração, não os de mente privilegiada, veem a Deus. Tudo isto está muito na veia de Madre Teresa. Muito do que ela e suas Missionárias da Caridade fazem, em termos mundanos, é absurdo. Por exemplo, resgatar os rejeitados das ruas somente para que eles possam ter o conforto de ver, mesmo que por poucas horas ou minutos antes de morrer, um rosto e cuidado amorosos, ao invés de fechar os olhos em um mundo implacavelmente hostil. Em termos puramente humanos, tal procedimento é claramente ridículo – tanto esforço por um propósito tão pequeno. Quando as necessidades dos vivos são tão grandes, certamente, deveria se pensar, a melhor coisa a fazer pelos moribundos é simplesmente deixar que eles morram, talvez com uma injeção para induzir o esquecimento, pondo-os para dormir. Madre Teresa pensa diferente. Quando eu perguntei a ela, uma vez, qual era a diferença entre serviço social e o que as Missionárias da Caridade fazem, ela disse que a assistência social trabalha por uma ideia, um propósito social, e que ela e as Missionárias da Caridade trabalham por uma Pessoa. Aquilo que fazemos por uma pessoa é bem diferente do que fazemos como obrigação para a sociedade em que vivemos, ou a favor de um ideal social. Mães passam fome por seus filhos, esposas marcham milhas e enfrentam perigos assustadores quando seus maridos estão em campos de concentração para levar a eles pacotes de comida e roupas limpas. Não há limites para o que o amor pode fazer, a ponto de dar uma vida por uma outra vida. Madre Teresa insiste que em cada ser humano sofredor ela vê o Cristo sofredor. De forma que uma cabeça grisalha, um rosto marcado deitado na sarjeta, é Ele para quem todo o cuidado e amor são devidos. Isto é mais uma paixão do que um propósito iluminado. Não pode ser ensinado, é contagiante como um vírus, que a gente pega onde os santos cuidam dos pobres. Madre Teresa é uma notável agente infecciosa.

Há uma outra coisa ainda que eu devo à televisão e que me trouxe grande conforto e alegria. Por ter um rosto que, por causa da televisão, é facilmente reconhecível e sendo alguém conhecido hoje em dia por assumir uma posição cristã, as pessoas muitas vezes chegam e por um meio ou outro, me contam que também são cristãs. Assim, às vezes, quando estou de saída de um restaurante, um garçom vem correndo atrás de mim e silenciosamente aperta

minha mão. Ou, nos lugares mais inusitados, numa sala de maquiagem, a menina que está cuidando do meu visual sussurra no meu ouvido "Eu amo o Senhor". Ou, virando uma esquina, eu me vejo face à face com um Indio Ocidental, quem, com um enorme sorriso de reconhecimento, grita "Querido irmão em Cristo!". Ou uma aeromoça, se inclinando para arrumar meu assento, dá um jeito de murmurar que ela, também se tornou cristã recentemente. Eu poderia continuar dando exemplos como esses para sempre.

A experiência é, em si mesma, deliciosa, porém há mais nisso. Reparem que nunca me ocorreu, nem por um momento, querer saber se essas pessoas que me cumprimentaram tão charmosamente são educadas ou não, burguesas ou proletárias, Católicas Romanas ou Anglicanas ou Testemunhas de Jeová, ou pardas ou amarelas ou brancas, qual é o seu QI, quanto elas ganham ou que tipo de sotaque elas têm. Todas as diferentes categorias que acabamos de mencionar não importam: nossa irmandade comum é Cristo. Isto, me parece, é uma imagem verdadeira da fraternidade cristã. Encontros de um dia, glorificados pela participação num todo comum, como crianças do mesmo Deus, redimidos pelo mesmo Salvador, destinados à mesma salvação. Marx viu o apogeu da existência humana na vitória do proletariado vivendo alegremente para sempre numa sociedade em que o governo havia sido banido. Bunyan nos viu como almas para quem, ao fim da nossa peregrinação, soariam as trombetas do outro lado. Estou com Bunyan.

Em todas estas palestras eu venho contrastando a fantasia da mídia com a realidade de Cristo. Sobre o primeiro, a fantasia da mídia, eu disse muito – alguns podem achar que falei demais! Deixem-me, então, concluir falando sobre a realidade de Cristo, e como podemos não só reconhecê-la mas viver com ela e por ela, fazendo-a parte de nós mesmos. Anthony Smith, um velho homem da mídia e amigo que foi sábio o bastante para pegar o caminho dourado de Shepherd´s Bush para a Universidade de Oxford, preferindo pináculos sonhadores a antenas sonhadoras, em seu excelente livro, *The Shadowin the Cave (A Sombra na Caverna),* usa a famosa imagem de Platão dos prisioneiros na cela para ilustrar o papel da mídia. É bem adequado.

Os prisioneiros, explica Sócrates para Glauco, vivem numa caverna que tem uma grande boca aberta em direção à luz. Eles são mantidos no mesmo lugar, olhando para frente somente em direção à boca da caverna e impossibilitados de virar as cabeças, pois suas pernas e pescoços foram fixados em correntes desde o nascimento. Bem alto acima deles queima um fogo e entre eles e os outros prisioneiros há um caminho com um muro baixo construído ao lado, como a tela sobre a qual manipuladores de fantoches colocam seus bonecos. Homens caminham por detrás desta parede carregando todo tipo de coisas, cópias de homens e animais, em pedra ou madeira ou outro material; alguns podem estar falando e outros não.

'É uma imagem estranha', observa Glauco, 'e estes são estranhos prisioneiros'.

'Eles são como nós', replica Sócrates. 'Não enxergam nada de si mesmos a não ser suas sombras ou as dos outros, as quais o fogo projeta nas paredes das cavernas. E é assim também com as coisas que carregam. Se eles

pudessem falar uns com os outros será que eles não achariam que os nomes que eles usam eram os das sombras que se dissipavam? E se a prisão fizesse um eco, sempre que algum dos que passavam dissesse uma palavra, o que mais eles poderiam achar senão que era a voz da sombra?... ***A única coisa real para eles seria a sombra dos bonecos'.***

Assim é o mundo de sombras da mídia. Contrariamente a isso, Cristo nos mostra a realidade, o que a vida realmente é, sobre o que ela é, e nosso verdadeiro destino pertencendo a ela. Nós escapamos da caverna, emergimos da escuridão, e em vez de sombras nós temos ao nosso redor a glória da criação divina; em vez de escuridão, luz; em vez de desespero, esperança; em vez do tempo marcado nos relógios, a eternidade, a qual nunca começa e nunca termina, e ainda assim é sublimemente AGORA.

O que, então é essa realidade de Cristo, contrastando com todas as fantasias as quais o homem busca para evadir-se dela – fantasias do ego, dos apetites, do poder ou sucesso, da mente e da vontade; uma realidade validada quando primeiro vivida e exposta pelo próprio Nosso Senhor dois mil anos atrás, capacitando o homem ocidental através de todas as vicissitudes e incertezas dos séculos cristãos, e disponível hoje, quando é mais necessária, talvez, do que nunca antes, assim como disponível amanhã e para sempre? Ela se levanta simplesmente acima das circunstâncias através da nossa identificação com Cristo, nos absorvendo em seus ensinamentos, vivendo o drama da sua vida com ele, incluindo especialmente a Paixão – esta poderosa fonte de amor e criatividade; vivendo com, por e nele nós podemos ser renascidos para nos tornarmos novos homens e mulheres em um novo mundo.

Parece loucura, como soou para Nicodemus, um intelectual contemporâneo e um potencial palestrante da BBC, que perguntou como seria possível para alguém já nascido voltar ao útero e ser nascido de novo. E, no entanto, acontece; tem acontecido inúmeras vezes; e continua acontecendo. O testemunho deste efeito é esmagador. Ser capturado subitamente na maravilha do amor de Deus inundando o universo, ficar consciente da estupenda criatividade que anima toda a vida, da nossa própria participação nela – toda cor mais brilhante, cada significado mais claro, cada forma mais perceptível, cada nota mais musical, cada palavra escrita e falada mais explícita: acima de tudo, cada rosto humano, toda a companhia humana, todo encontro humano reconhecido como um evento familiar. Os animais também, voando, rastejando, rondando, todos os seus gritos diversos e grunhidos e ruídos, e as majestosas montanhas, as rochas magníficas dando suas sombras abençoadas, e os rios fielmente fazendo seus caminhos para o mar – tudo irradiando com a mesma nova glória aos olhos do renascido.

Que outra realização existe que se possa comparar a esta? Qual ida à lua, ou exploração do universo, qual vitória ou derrota, qual revolução ou contra-revolução, qual destronar de poderosos e exaltação de humildes, os quais, é claro, se tornam poderosos por sua vez e prontos para serem destronados? Uma realização que transcende toda realização humana e no entanto, é acessível para todos os humanos; baseada nos absolutos do amor em vez de nos relativos da justiça, na universalidade da irmandade em vez de na

particularidade da igualdade, no perfeito serviço o qual é liberdade em vez de na perfeita servidão que se faz passar por liberdade.

E agora, uma última palavra pessoal. Acontece que nos últimos meses, aqui e ali, eu tenho andando totalmente envolvido com o meditar e o falar sobre a realidade de Cristo em distinção da fantasia tão evidente em todo nosso mundo do Século Vinte. Pode parecer uma coisa pequena, mas para mim tem sido uma experiência tremenda, culminando em estar aqui nesta igreja e falando estas palavras a voces. A partir do que eu disse, voces sabem que eu estou convicto de que dias difíceis e desafiadores estão adiante de nós. Pela natureza das coisas, minha própria participação nestes prospectos apocalípticos é estritamente limitada, e eu não posso fingir que eu desejaria que fosse diferente. Como é lindo, sempre, o final da jornada! Que precioso o ocaso no final do dia! Que gloriosas são as últimas notas da *Missa Solemnis,* ecoando triunfantes, como ecoam, sobre tudo o que veio antes! Ainda assim, me sinto induzido a renovar meu propósito de servir e viver na realidade de Cristo, e deixar escritas, como estão, minhas ordens operacionais para o tempo que me resta nesse mundo. Eu me aventuro agora a repeti-las caso elas possam servir de auxílio a qualquer que as ouça ou leia nessas palestras. Aqui estão elas:

1. Buscar incessantemente a Deus e sua mão em toda a criação, no menor átomo ou elétron assim como na maior expansão do universo, em nosso mais íntimo assim como nos nossos semelhantes. Então, buscando, nós o encontramos, e encontrando-o, nós o amamos, e percebemos que em toda grande palavra dita ou escrita nós ouvimos a sua voz, assim como em toda palavra cruel ou sórdida nós a perdemos, fechando-nos para a glória da sua presença.
2. Viver de maneira abstêmia. Viver de outra forma – como Pascal diz, "*lambendo a terra*" – nos aprisiona no escuro calabouço do ego, e nos envolve na servidão impiedosa dos sentidos. Então, aprisionados e escravizados, nós somos separados de Deus e da luz do seu amor.
3. Amar e considerar todos os homens e mulheres como irmãos e irmãs, cuidando deles exatamente como deveríamos cuidar de Jesus se tivéssemos a honra impensável de ministrar a ele.
4. Ler a Bíblia e literatura relacionada a ela, especialmente obras místicas como os Poetas Metafísicos e *A Sombra do Desconhecido.* Esta é a literatura do Reino proclamado no Novo Testamento; palavras que se tornaram carne e habitaram entre nós, cheias de graça e de verdade. Quem viveria em um novo país e não se preocuparia em estudar sua literatura? Eu adicionaria aqui um pequeno codicilo extra particularmente para mim: A Risada do Amor, a qual soa alta à medida que os portões do Paraíso se abrem, e morre quando eles se fecham.

   Finalmente:

5. Conhecer Jesus e segui-lo, como o Peregrino de Bunyan, onde quer que ele me leve; através de pastos verdejantes, ou montes formidáveis, por pântanos e através do Vale da Sombra da Morte, mas sempre com a luz

da Cidade Celestial, não só em prospecto mas **no** olho. Assim nós podemos aprender a viver e aprendemos a morrer.

Assim fortalecidos, nós podemos rir para a mídia como Rabelais, com o personagem Panurgio, riu das palhaçadas do homem carnal; como Cervantes, com o personagem Dom Quixote, riu das palhaçadas dos homens das Cruzadas; como Shakespeare, com Sir John Falstaff, riu das palhaçadas do homem mortal.

Não há necessidade de nos desesperarmos por estarmos vivendo num tempo em que perdemos um Império no qual o sol nunca se punha, e por termos adquirido outro no qual ele nunca se levanta. É na falência do poder que nós podemos discernir sua verdadeira natureza, e quando o poder parece forte e firme é que nós estamos mais sujeitos a ser tomados de assalto e supor que ele pode ser usado para conseguir a liberdade e bem estar humanos, esquecendo que Jesus é o profeta dos perdedores, não dos vitoriosos, e que ele proclamou que os primeiros serão os últimos e que os fracos serão os fortes, e que os tolos serão os sábios. Deixem-nos, portanto, como Cristãos, rejubilarnos pelo fato de vermos ao nosso redor, em toda parte, a decadência das instituições e instrumentos do poder; impérios caindo aos pedaços, dinheiro em total desordem, ditadores e parlamentaristas igualmente perplexos pela confusão e conflitos que os assolam. Pois é precisamente quando toda esperança terrena tiver sido explorada e perdida, quando toda possibilidade de ajuda de recursos terrenos tiver sido buscada e não for suficiente, quando todo recurso que este mundo oferece, moral assim como material, tiver sido sugado até não ter mais efeito, quando no frio congelante a última fagulha tiver sido jogada ao fogo e na crescente escuridão todo brilho de luz tiver finalmente se apagado – é então que a mão de Cristo se estende, segura e firme, que as palavras de Cristo trazem seu conforto inexprimível, que sua luz brilha ainda mais clara, abolindo a escuridão para sempre. Então, ***encontrando em tudo somente decepção e vazio, a alma é constrangida a procurar socorro no próprio Deus e descansar nele.***

PERGUNTAS

PERGUNTAS SOBRE A PRIMEIRA PALESTRA

Como o senhor reconcilia sua própria aparição na televisão com o que o senhor fala sobre ela? Seguramente como cristãos nós devemos colocar ideias construtivas no rádio e na televisão.

Minha aparição na televisão é meramente a mesma de qualquer revista ou jornal ou outro veículo que seja, no qual eu tenha funcionado como um comunicador. Em outras palavras, televisão é um meio de comunicação, e quando uma oportunidade surge para que eu me utilize dele, eu tenho feito isso. Mas se você diz “colocar algo construtivo nela”, é claro, enquanto se toma parte nisso, se faz o melhor possível para usá-lo neste sentido. O que eu estava tentando indicar, usando uma imaginária quarta tentação à qual Nosso Senhor teria sido exposto, era realmente que este meio, *por sua natureza,* não leva a propósitos construtivos.

Sir Charles Curran foi bastante insistente na questão de que eu não mencionei nenhum programa específico, mas eu não vi nenhuma razão para mencionar programas. Eu tomei parte em muitos, e acho que sei tão bem quanto qualquer um como eles são produzidos. Eu estava tentando pensar não no efeito deste ou daquele programa, mas no efeito da mídia em si mesma nas pessoas; o papel que ela tem desempenhado em nossas vidas, mais especificamente em nossas vidas como cristãos.

Você acha que o conteúdo da televisão, e a fantasia e tudo mais que você vem falando a respeito, é de fato um reflexo de uma sociedade corrupta, e como cristão você não acha que, em vez de simplesmente criticar a televisão como uma mídia, você deveria tentar se colocar mais nela, e mudar seu conteúdo?

É claro, eu concordo inteiramente; o que eu estava criticando ou chamando a atenção para a televisão reflete o que está acontecendo na nossa sociedade. Da mesma forma, São Paulo, na sua Epístola aos Coríntios, disse aos Cristãos em Corinto que a sociedade na qual eles viviam não era compatível com a sua fé cristã, o que é claramente o caso. No entanto, ele não disse que eles deveriam participar do modo de vida dos coríntios; por exemplo, arrumar trabalho como gladiador, e tentar mostrar que podem haver gladiadores cristãos. É uma falácia dos nossos tempos que nós podemos participar de maneira útil em qualquer coisa que exista. De fato, muito frequentemente na história, o que existe é antipatia por aquilo que nós, como cristãos, acreditamos. Se vocês querem saber minha absoluta e cândida opinião, eu acho que a melhor coisa a fazer é não assistir televisão, e para isto eu me livrei do meu aparelho. Mas isto é apenas minha opinião pessoal. O que eu estou dizendo é que nós criamos um meio o qual, por sua natureza, trafega na

fantasia, e eu tentei mostrar, muito inadequadamente, que a fantasia se estende ao que se chama de notícia, que é o produto principal deste meio de comunicação. Isto não é culpa das pessoas que dirigem e operam as redes de televisão. Elas têm um trabalho terrível em suas mãos, porque, seja o que for que elas façam, o que aparece na tela é fantasia e não a realidade. Eu acho que é importante que nós cristãos reconheçamos isto, e que saibamos o que isto está fazendo às pessoas, em todas as áreas, incluindo especialmente aquela na qual deveria se supor que a objetividade factual fosse mais importante, a projeção de notícias – a maior fantasia e engano de todas.

Qual influência, se existe alguma, o senhor crê que um cristão pode ter por estar envolvido com a mídia, e eu não me refiro somente à televisão?

Fico satisfeito que você tenha frisado o fato de não se ater somente à televisão. A mídia, como tenho tentado deixar claro nestas palestras, inclui jornalismo em todos os seus aspectos, assim como a televisão. O que um cristão pode fazer, em qualquer mídia em que esteja trabalhando, onde quer que ele esteja, é continuar sendo um cristão. Desta forma, pode ser que ele não consiga mudar significativamente a mídia; ela tem suas próprias condições e circunstâncias. Dentro da mídia, no entanto, ele pode e deve manter seu testemunho cristão. Ele poderá achar isso difícil, extremamente difícil, de fato, por causa da incompatibilidade entre Deus e Mamon – neste caso, entre Cristo e a mídia. Nos é dito para fazer nossa luz brilhar diante dos homens. Esta é nossa obrigação cristã; os resultados são problema de Deus, não nossos.

Eu falo como alguém que tem grande respeito pelos homens da mídia, e eu estou pensando em pessoas como Mateus, Marcos, Lucas e João, a quem nós devemos muito, e eu me pergunto se o senhor não gostaria de comentar se o perigo real com a televisão não seria a quantidade da coisa.

Eu concordo totalmente com isso. Eu tenho dito frequentemente que se, por algum acaso, eu me tornasse ditador, meu primeiro decreto seria permitir televisão somente das sete às dez da noite. Eu acho que o que você diz é verdadeiro, que é totalmente impossível encher a tela com material que seja útil durante a enorme quantidade de horas que ela funciona. Para mim, é um fato terrível que a média dos cidadãos gaste cerca de oito anos de sua vida assistindo televisão. Apesar disso, é um fato que precisamos aceitar e as implicações dele devem ser enfrentadas. Não no sentido de meramente apontar o dedo para aqueles responsáveis por encher a tela da televisão, ou no sentido de nos persuadirmos de que, no entanto, apesar das aparências contrárias, o que ela mostra é benéfico.

Nas tentações, Cristo não disse que o pão era ruim, ele não disse que ele era inútil. Ele viu numa perspectiva muito maior, e nesta perspectiva ele viu o pão com um uso positivo. De tudo o que o senhor vem dizendo, eu não estou convencido que o senhor esteja apresentando sua quarta tentação da mesma forma que seria vista por Cristo. Na perspectiva dele, a mídia poderia ser vista como tendo um uso positivo no mundo atual.

Eu estaria muito interessado, se você tiver tempo para isso, em entender qual é a base que você usa para crer que Nosso Senhor teria aceito a oferta do diabo de ter um horário nobre na televisão. Eu mesmo não posso vê-lo fazendo isso. Eu pensei muito sobre isso quando eu estava preparando estas palestras e me pareceu quase certo que ele teria rejeitado esta quarta oferta tão certamente como ele fez com as outras três. A maneira como seus ensinamentos se espalharam ao redor do mundo, seguindo as surpreendentes jornadas missionárias de São Paulo, certamente foi a maneira que ele quis que eles se propagassem e eu não acho que a televisão teria se encaixado nisso. É um ponto controverso, eu concordo. É claro que devemos fazer uso dos meios de comunicação que existem. Mas nós também temos essa outra obrigação, que é a primeira para os cristãos, de fazer nossa luz brilhar diante dos homens, e nem sempre é fácil saber como isso deve ser feito.

Eu não estou muito interessado em saber se Jesus de Nazaré teria aceito aparecer na televisão caso ela fosse disponível naquela época. O que me interessa é saber se a vida de Cristo, que está encarnado hoje nos membros do seu corpo, pode ser vista e ouvida e descoberta através da mídia. Me parece que o que o senhor diz implica que o senhor consideraria, por exemplo, um erro de Madre Teresa ter participado daquela entrevista consigo anos atrás.

Com Deus todas as coisas são possíveis, e a aparição de Madre Teresa na televisão foi extremamente útil e bem sucedida porque, daquela vez, a total dedicação da vida dela quebrou a fantasia e ficou evidente na mídia. Nem por um momento eu estou dizendo que não existem casos especiais. Estou tentando dar minha visão da natureza da televisão; da natureza da sua influência, da relação de sua fantasia com a realidade de Cristo, e do enorme abismo que existe entre esses dois. Eu concordo que é um abismo que pode, em circunstâncias muito especiais, ser transposto. Se pareceu que eu estava dogmaticamente sugerindo que não há nenhuma possibilidade, não é assim. Mas o abismo existe, e está se tornando cada vez maior, e os espectadores aos milhões estão todos do lado da fantasia.

Eu gostaria de saber qual é a base ética da BBC? Que padrões eles têm? Se eles não são cristãos, eles têm padrões que governam sua seleção de programas? Ou é um vale tudo? À medida que a sociedade se torna mais degenerada, a televisão também se tornará mais degenerada, juntamente com ela? Ou será que eles têm padrões além dos quais eles não irão?

Acho que esta é uma questão absolutamente primordial. É, de fato, **a** questão. Eu acredito firmemente – mas é claro, posso estar absolutamente enganado – que uma das dificuldades que pessoas como Charles Curran são confrontadas em seus difíceis trabalhos é que, uma vez que se deixem os valores cristãos, não existem outros valores alternativos. Teoricamente existem, mas na prática, não. Por isso eu citei Reith, porque ele era um homem – talvez o último grande chefe da mídia – que desesperadamente, até loucamente, tentou agarrar-se aos padrões cristãos. Mas uma vez que eles deixam de ser aceitáveis não existe outro grupo alternativo – humanisticamente ou o que queiram – de fato, não há nenhum. É por isto que, em minha opinião – e eu suponho que Charles poderia concordar comigo aqui – o padrão está em queda o tempo todo.

Sir Charles Curran:

Deixem-me dizer uma ou duas palavras.Eu não sei se você tem estado tentando me provocar, Malcolm. Minha vida não é uma penitência. Eu me orgulho da minha vida. Tenho orgulho do que fazemos, como Jimmy Carter. Eu não passo minha vida me angustiando se estou no lugar errado. Eu me preocupo em fazer a coisa certa no lugar onde estou.

A questão aqui é muito relevante. Haveria algum padrão além do qual a BBC não iria? É uma pergunta engraçada porque eu estou interessado em liberdade, não em tabus. Eu não acredito que a maioria das pessoas neste país compartilhe minhas crenças dogmáticas, e você sabe que eu poderia provar isso automaticamente no censo. Não existe um corpo comum de dogmas aceitos. Portanto, não existem princípios que sejam universalmente aceitos – nem mesmo, Malcolm, princípios cristãos. O que eu devo fazer, então, se não tenho uma base dogmática comum – e não existe nenhuma na Europa desde a Reforma, e muito menos no mundo – se não existe nenhuma base dogmática comum, eu devo procurar por uma base pragmática sobre a qual nós possamos prosseguir. E a única base pragmática que responde é a aceitação daquilo que você faz. São os fatos práticos do comportamento que decidem o que você pode fazer. Pode não ser um credo muito elevado, mas é o único pelo qual se pode viver, se você está tentando oferecer coisas a pessoas de diferentes bases dogmáticas e algumas vezes, sem nenhuma base dogmática. O que você não pode fazer, sob nenhuma circunstância – e não me importa que credo você siga – o que você não pode fazer é dizer “Minha vontade é superior a sua e ela me capacita a usar o instrumento que você me deu para impor alguma coisa a voce”. Há algo sagrado na personalidade humana que eu não tenho direito, como um servo, de invadir. Esta é a minha crença fundamental, e esta é a minha resposta à pergunta.

Poderia pedir a Sir Charles Curran, por favor, para fazer alguns comentários? Cyril Bennet se matou na semana passada, ou na semana anterior. Ele estava numa posição similar, eu acredito, à sua, embora num nível mais baixo, e engajado na tentativa de contentar todas as pessoas de todos os tempos. De acordo com o Sunday Times, *foi isso que eventualmente quebrou o homem*. *Ele descobriu que seu ibope ia mal, e a situação, como o senhor disse, foi que ele não foi capaz de impor sua personalidade na mídia. Eu gostaria de ouvir do senhor se não seria esta toda a base do problema com a televisão – que alguém precisa escolher o que colocar na televisão, e aqui devemos ser especificos sobre nossa avaliação dos programas – programas, eu digo, como* O Jogo das Gerações*,* Mr. & Mrs.*, ou quatro horas de esporte a cada sábado. Esses programas são mostrados puramente porque são o que as pessoas querem, não porque existe alguma coisa particularmente edificante neles, ou porque eles sejam de qualquer forma aquilo que o senhor classificaria como válidos. Eu acho que esta é provavelmente a base para a tensão dentro da indústria e talvez dentro do seu trabalho também – que vocês tenham que providenciar programas que as pessoas queiram, e ainda assim tentar manter um padrão. Portanto, eu estava me perguntando se o senhor colocaria a*

televisão no mesmo patamar que outras mídias como o teatro e o cinema, por exemplo.

Sir Charles Curran:

Não tenho muita certeza de qual seria o sentido disso. Não, eu não faria isso – é uma resposta muito simples. Sobre Cyril Bennett – todos os homens e mulheres, e especialmente as mulheres, têm seus julgamentos, e alguns deles não conseguem enfrentá-los, e quando não conseguem, a única coisa que você deveria dizer, mesmo que tenham sido judeus, é: "Deus tenha misericórdia deles". Esta é a única coisa que vocês deveriam dizer. Sobre as matérias na imprensa – não é verdade que ele tenha chegado a este estado mental por causa do ibope. Ele pode ter ficado estressado; todos nós estamos, neste negócio. Da maneira como eu vejo, este foi um caso clássico daquilo que os médicos chamam de estresse duplo. Problemas em casa e um grande estresse no trabalho. E eu acho que é muito errado pensar que um homem talentoso como Cyril Bennett teria cedido para algo que era inteiramente uma questão de sua vida profissional. Agora sobre O Jogo das Gerações – eu me divirto muito com ele, como acontece com muitas outras pessoas, e a meu ver não existe nada de corrupto nele. Eu também gosto de esporte. Eu interrompo minha leitura dos papéis da BBC no domingo, coisa que eu faço todos os dias, durante uma hora para ver *Rugby Special,* e nada vai me afastar disso, porque, uma vez mais, isso é relaxante, e há também o interesse técnico no jogo. Não posso ver nada de errado nisso. Não gosto de usar a palavra 'puritano' num sentido pejorativo, mas você, eu suspeito, é um 'Puritano'.

Posso fazer rapidamente minha pergunta? Simplesmente perguntar se você faria uma distinção entre Cristo aparecendo ao vivo na televisão e tendo sua aparição editada. Nós acabamos de ter um exemplo disso com Sir Charles, que nos diz que as matérias da mídia são equivocadas, e ele nos disse aquilo que ele acredita ser a verdade. Muitos de nós sofrem com isso; há o caso recente de dois programas sobre a Igreja da Inglaterra que deram uma impressão completamente falsa por causa da forma como foram editados. Eu me pergunto se você faria uma distinção – se Cristo teria aparecido ao vivo porém não numa versão editada.

É claro, é substancialmente verdade que o editor tem um poder enorme, e isto pode e geralmente é usado para distorcer e desviar aquilo que havia sido gravado em filme ou videotape.No entanto, eu não creio que uma aparição ao vivo teria induzido nosso Senhor a sucumbir à quarta tentação. Eu acho que ele teria recusado em qualquer circunstância, e eu acho que ele teria estado certo. Veja, a maravilha da Palavra que se torna carne, e habita entre nós não pode ser captada em filme, não pode ser capturada em video, não pode entrar numa câmera, nem com ajuda de Madre Teresa. No começo era a *Palavra*, e a Palavra se fez carne, não celulóide.

PERGUNTAS SOBRE A SEGUNDA PALESTRA

Não li nenhum de seus livros, mas quando o senhor realmente se converteu, e quando aceitou Cristo como seu Salvador? Desde sua última palestra na segunda feira eu tenho estado lendo alguns de seus textos em antigas edições do Punch *e não consegui achar nenhuma exortação nos seus escritos no* Punch *para que a mídia propagasse o Evangelho através da palavra impressa ou através da imagem.*

Esta é uma pergunta que eu posso facilmente responder no sentido de que não há nenhum ponto da minha vida no qual eu tenha sofrido qualquer mudança dramática. Eu diria que, para mim, o processo não foi uma experiência súbita em uma estrada de Damasco, porém algo mais parecido à jornada do Peregrino de Bunyan, que constantemente perdia seu caminho, caía em pântanos, era trancado no Castelo da Dúvida e ficava aterrorizado e fora de si no Vale da Sombra da Morte, mas assim mesmo, através de tudo isso, tinha a impressão de estar se movendo em direção à luz, se movendo para fora do tempo em direção da eternidade. Isso é o melhor que eu posso descrever. Sobre meus textos passados – não considero que minhas contribuições para o *Punch* (a maioria anônimas) sejam um exemplo justo.

Eu gostaria de perguntar ao senhor sua visão da mídia: incluindo tudo, desde A Ascenção do Homem *de Bronowski até as turvas profundezas de* Família*. O senhor parece projetar essa visão – de que a mídia é totalmente espúria, mais do que isso, irremediavelmente inútil e que a verdade, ou Deus, não pode de nenhuma maneira vir através da mídia. Na semana passada Sir Charles Curran chamou o senhor de maniqueísta, e me parece que o senhor o é, porque certamente o ensino da Encarnação é que através da Encarnação Deus pode entrar em todo o aspecto da experiência humana e do mundo. Mas o senhor está dizendo que ele não pode, que há um aspecto do mundo no qual Deus não pode entrar.*

Entendo perfeitamente sua posição. Eu não diria de maneira alguma que a mídia está além do alcance de Deus, e que não pode conter a verdade, mas eu diria que ela é, por sua natureza, primeiramente dedicada à fantasia, e que seu efeito nas pessoas é encerrá-las na fantasia. É por isso que eu imaginei que Nosso Senhor teria rejeitado uma quarta tentação de aparecer na televisão em horário nobre pela mesma razão que ele rejeitou as outras três – porque elas o teriam envolvido no aparato do poder – tempo, dinheiro e todo esse tipo de coisa. O que eu tentei fazer nestas palestras foi mostrar que há um abismo entre a realidade, a qual para os cristãos é Cristo, e o mundo da fantasia projetado pela mídia, e que as pessoas ocidentais estão sendo enormemente enganadas por serem induzidas a considerar as coisas na tela como sendo

reais, quando na verdade são uma fantasia. Mas, é claro, Deus pode usar todas as coisas – inclusive a televisão, inclusive você e eu.

Seus argumentos, segundo me parece, estão construídos grandemente em volta de analogias, e eu gostaria de sugerir neste ponto que algumas das suas analogias são inapropriadas, e vou mostrar-lhe duas delas. Primeiro, eu sugeriria que é o legado da retitude moral do Século Dezenove que nos tem dado a fé capitalista no consumismo e no individualismo, enquanto que fé na revolução de Cristo é a chamada à responsabilidade em direção aos não consumidores menos privilegiados. Em segundo lugar, me intriga que a sua objeção ao consenso esteja parafraseada de tal modo a definir consenso como qualquer coisa que ouse divergir do consenso previamente estabelecido.

Em primeiro lugar eu gostaria de explicar que quaisquer críticas que eu possa dirigir contra o mundo de hoje, não significam que eu pense que o mundo do século passado era bom. Esta implicação não existe. Eu penso que os seres humanos sempre foram mal governados, e no que tange a seus desejos mundanos, eu concordo com Pascal, que eles são distrações do verdadeiro propósito da vida, que é buscar a Deus. Se você fizer de Cristo um revolucionário, então você o associa com o poder e não há nada que eu possa encontrar nos Evangelhos que jamais tenha sido atribuído a ele, ou a qualquer dos místicos cristãos que jamais viveram, que possa sequer sugerir que seu Reino pudesse vir através do exercício do poder. Portanto, aqui você e eu discordamos. Mas eu entendo o seu argumento e não gostaria que você pensasse que, porque certas tendências atuais são abomináveis, eu acredite que houve uma época de ouro no passado – de modo algum. Afinal de contas, a fé cristã foi espalhada pela Europa por São Paulo no reinado do Imperador Nero – um governante não exemplar; de fato, comparados a ele, alguns dos nossos governantes até parecem razoavelmente iluminados.

Com relação à pergunta sobre o consenso, minha objeção a ele não é que seja diferente da versão antiga, mas que ele seja coletivo, e eu desconfio e temo isso. Há algo muito sinistro, para mim, acerca da emergência desta forma esquisita de conformidade, ou ortodoxia, particularmente entre as pessoas que trabalham na mídia, de modo que você pode prever exatamente o que elas dirão e pensarão a respeito de qualquer coisa. É verdade que até agora eles não criaram uma Inquisição para reforçar sua ortodoxia, mas eles têm maneiras de reforçá-la que fazem os velhos instrumentos de tortura parecerem quase reles.

Tanto quanto sabemos, Jesus nunca escreveu nada. O senhor crê que isso confirma sua ideia da impotência das imagens da mídia, e teria o senhor outros comentários sobre esse fato?

Jesus certamente não escreveu nada e eu imagino que seja bem possível que ele não soubesse escrever, o que para mim é um enorme realce da estória. Eu não creio, contudo, que o fato dele não ter escrito nada tenha algo a ver com a questão das imagens. A fé cristã chegou a nós em palavras, não em imagens; eu tenho a passagem no primeiro capítulo do Evangelho segundo São João – a Palavra se tornando carne e habitando entre nós cheia de graça e verdade –

como uma das mais lindas e profundas coisas que jamais foram escritas. Se tivesse chegado a nós em imagens em vez de palavras, não teria vivido como viveu.

*Meu nome é John Lang e eu sou o Chefe da Transmissão Religiosa na BBC. O senhor me conhece de vista, eu creio, embora da última vez que nos encontramos o senhor me confundiu com um Membro Conservador do Parlamento que havia perdido sua cadeira. (*Muggeridge responde – Mas isso foi um elogio; se eu tivesse confundido o senhor com um Membro Conservador do Parlamento que tivesse ganhado uma cadeira, então o senhor poderia reclamar!) *Eu gostaria de me referir brevemente ao que o senhor disse sobre o consenso de opinião entre os meus colegas. Gostaria de dizer humildemente que o senhor não conhece muitos deles. É bem verdade que até 1971, talvez começo de 1972, o senhor trabalhou muito proximo de alguns deles na televisão, mas o departamento é bem grande e as opiniões são variadas. Me parece que falando da maneira que o senhor falou, o senhor se tornou de fato culpado de um insulto. Eu sinto muito por isso, porque não creio que sua observação seja baseada em conhecimento. Não posso falar de seu conhecimento sobre um campo vasto, mas posso falar sobre este campo que eu conheço bem.*

Posso perguntar-lhe uma coisa? O senhor acha que quando eu sugeri, por exemplo, que um padre católico romano que acredita de coração na ***Humanae Vitae*** dificilmente se sentiria confortável numa organização de transmissão religiosa – o senhor acha que isso seria verdadeiro ou não?

Existe um padre assim no departamento...e você encontraria muitas pessoas que acreditam que Os Dez Mandamentos são algo para nunca ser negado, são a voz de Deus para o homem, e não somente no sentido histórico.

Bem, isto são boas notícias.

O ponto que quero ressaltar para você é este: Nós ganhamos perspectivas tremendas com a Encarnação – a vulnerabilidade de Deus, o amor incondicional que o induz a se arriscar tomando sobre ele a natureza da nossa humanidade decaída. Eu me pergunto se você tem uma palavra de encorajamento, porque ela ainda não apareceu, para aqueles que em nome de Cristo também tomaram o risco de trabalhar na mídia que você descreve tão negativamente.

Eu tenho o maior respeito por eles, e tenho frequentemente expressado isso. Eu não quero dizer que os cristãos não devam trabalhar na mídia, mas eu penso que ao fazer isso eles estão trabalhando contra algo em vez de com algo, por causa da propensão da mídia para a fantasia. Este era o ponto que eu estava tentando frisar, mas eu certamente me alegraria de pensar que um cristão como você trabalha na mídia, assim como me alegra saber que há padres na sua equipe que realmente acreditam de todo o coração na *Humanae Vitae,* assim como eu, e que ele tem colegas que não estão prontos para quebrar os Dez Mandamentos.

A propósito desta noção de consenso, você poderia dizer uma palavra sobre o porquê de nós não termos na televisão ou no rádio grupos minoritários como Testemunhas de Jeová, Mórmons, Adventistas do Sétimo Dia e outras pessoas desta natureza? Me parece que há um consenso na televisão que exclui estas pessoas de apresentarem seus pontos de vista. Eu me pergunto se você teria algo a dizer a esse respeito.

Eu temo que você deva dirigir esta pergunta ao Sr. Lang ou Sr. Charles. Eu não tenho nada a dizer sobre isso. Que existe um consenso, eu não tenho dúvida alguma. É minha opinião que nossa sociedade, de certa forma, está gerando este conceito e que a mídia, quase sempre de maneira inconsciente, se ajusta a ele. Esta é a minha impressão.

Eu estou um pouco confuso sobre sua colocação da imagem contra a palavra, como se a imagem fosse ruim e a palavra fosse boa. Certamente a Bíblia tem muito a dizer sobre palavras, e sobre a Palavra de Deus, mas eu acho que imagem na Bíblia não é somente um termo negativo e que o cristão é descrito como a Imagem de Deus, e não a Palavra de Deus. Estou interessado em saber se o senhor mandou retirar sua antena de rádio.

De fato, você não precisa ter antena para rádio e mais, você não precisa comprar uma licença para isso. Tem essa enorme vantagem, embora às vezes você vá ouvir coisas que não deseja ouvir. A imagem no sentido que eu estava usando é aquela à qual o Segundo Mandamento se refere – a imagem feita pelo homem e depois adorada. Eu acho que é um uso diferente da palavra, se você me permite dizê-lo, dos homens feitos à imagem de Deus.

Onde você traça o limite entre o uso correto das imagens e o uso errado?

É claro que a imagem feita pela câmera não pode ser igualada com a imagem feita por artistas; e a chave para toda esta questão da mídia, no que tange à sua parte visual, é a câmera. Se homens fizeram uma imagem no sentido de uma pintura, como por exemplo as pinturas de Blake, as quais eu grandemente admiro – elas são expressões em cor e forma de seu senso de realidade. Eu não posso comparar isso ao que uma câmera faz. Quando falamos de imagens em conexão com a mídia nós estamos falando de imagens feitas por câmeras.

Sir Michael Swann:

Senhor Muggeridge, me parece que eu deveria falar em favor da BBC porque o senhor tem estado nos golpeando, mesmo depois do nosso Chefe de Transmissão Religiosa ter lhe respondido serenamente. Eu gostaria, se puder, de fazer algumas reminiscências. O senhor se lembrará da última ocasião em que eu o ouvi falar numa igreja – a Catedral de São Giles em Edinburgh – naquela época o senhor era o reitor eleito pelos estudantes daquela antiga universidade e eu era o vice-chanceler. O senhor subiu ao púlpito e denunciou o corpo de estudantes de maneira grandiosa por todos os pecados da carne, drogas, pílulas e tudo o mais; o senhor então renunciou como Reitor, e foi uma ocasião esplêndida e dramática.

Uns cinco anos mais tarde eu me mudei para a BBC e uma vez mais eu me encontrei em uma igreja, com o senhor batendo na minha organização. Se eu não fosse um homem de natureza fleumática, talvez eu me sentisse paranóico. Eu pensei então que o senhor escutava aos estudantes barulhentos e extremistas e não escutava aos mais calados que eram boas pessoas mas que não faziam tanto barulho. O senhor sentiu isso, e eu acho que inclusive o senhor disse isso na época, que eles deveriam se levantar e ser contados.

Eu tenho a sensação que o senhor está cometendo o mesmo erro sobre a mídia. O senhor está apontando para algumas poucas faltas, talvez numerosas faltas, mas o senhor está ignorando um grande número de pessoas que fazem muitas coisas boas. Eu creio que o senhor deveria mandar reinstalar suas antenas e escutar e assistir um pouco mais do que o senhor tem escutado e assistido: eu acho que John Lang está certo, e o senhor está errado.

Se me perdoa por dizer isso, eu não acho que a diferença à qual o Sr. Lang se refere seja algo que as antenas poderiam corrigir: eu estava simplesmente (de acordo com ele) desinformado sobre sua atual equipe.

Estou fascinado pela sua lembrança das circunstâncias nas quais eu renunciei à reitoria da Universidade de Edinburgo, e, é claro, não quero reviver esta velha controvérsia. Me parece, no entanto, uma coisa extraordinária para se dizer, quando o jornal dos estudantes e toda expressão das opiniões dos estudantes eram livremente e até mesmo veementemente dirigidas contra mim, que eu tenha falhado em observar que isso era uma minoria. Se a maioria estava a meu favor, eles ficaram muito quietos. A mesma coisa vale para um bom número de membros da equipe.

Neste negócio de televisão eu estou simplesmente tremendamente consciente de que este meio está fazendo algo à sociedade cristã que é perigosamente destrutivo. Não deliberadamente, eu não acredito nisso nem por um momento! Eu creio que o Sr. Lang e seus colegas são homens bons. Mesmo assim, eu considero que com a conivência deles algo terrível está sendo feito, e eu expresso isso em termos de fantasia e realidade, o que é admitidamente uma simplificação da coisa. Tendo trabalhado na televisão como eu trabalhei, por um longo período, eu vi isso crescer, eu vi como isso opera, e o efeito que tem nas pessoas; nos seus valores, na maneira como elas enxergam a vida, e eu vejo que é um grave perigo. A única resposta que eu posso encontrar é a resposta cristã. Não creio que exista nenhuma resposta humanista ou racionalista. Mas eu não vejo você, Michael, ou Charles Curran, ou o Brian aqui, como figuras diabólicas: de certa forma seria muito mais fácil se vocês fossem. Mas eu acho que vocês têm em mãos algo que está, eu repito, no processo de destruir a base moral e espiritual do nosso modo de vida. Veja por exemplo a exibição de filmes antigos. Por mais que eu tente, não consigo entender como alguém poderia querer colocar um filme como *O Bebê de Rosemary* na sala das pessoas. Não sei como eles podem fazer isso. E eles estão fazendo isso, e estão fazendo filmes ainda mais horríveis. Também não consigo imaginar como eles se convencem a si mesmos de que passar esses filmes tarde da noite realmente funciona, no sentido de prevenir que crianças

assistam programas que possam lhes fazer mal, porque todo mundo sabe que isso não funciona.

Vejam que falamos muito sobre televisão, mas a maior parte da minha vida se passou trabalhando em jornais e revistas, e a situação lá é ainda mais clara. Eu penso que vamos ter que enfrentar esse fato, e provavelmente, porque eu tenha uma visão muito pessimista de como esse reconhecimento vai se dar, isso vai envolver não somente mandar retirar minhas antenas mas também, junto com outros que enxergam tudo isso, nos isolar da mídia. Bem, eu suponho que os cristãos primitivos em Corinto se mantinham longe dos jogos.

PERGUNTAS SOBRE A TERCEIRA PALESTRA

Me parece que nesta noite você completou um círculo ao dizer que a mídia pode apresentar a verdade sobre Cristo só por um milagre. Será que não podemos dizer isso de toda comunicação, seja ela entre uma pessoa e outra, seja por meio de palestra ou pregação, ou por qualquer coisa que tenha sido escrita? Não é um milagre cada vez que esta verdade é realmente comunicada? Temos que corrigir nossa escala de prioridades e reconhecer que quanto mais tecnologia colocamos na comunicação, mais difícil é para a verdade sobressair. Poderíamos ter uma escala que começasse, eu diria, pela comunicação pessoal e depois fosse descendo. Pelas coisas que o senhor nos disse, obviamente colocaria a televisão na base desta escala. E no entanto, o fato é que, onde Deus é realmente comunicado, isto permanece um milagre.

Eu concordaria inteiramente com isso, e só discordaria quando você diz que eu completei um círculo. O que eu tentei mostrar é precisamente o que você mesmo disse – que a tecnologia em si mesma, incluindo a câmera, tem interferido enormemente com a comunicação entre os homens, distorcendo-a, desviando-a, tornando-a, por um lado, do ponto de vista do Diabo, vantajosa no sentido de facilitar o engano, e de outro, mais difícil de comunicar coisas que são verdadeiras e reais. O milagre da nossa existência é que nós sejamos capazes, mesmo que de maneira inadequada, por palavras ou por quaisquer outros meios, de compartilhar com outros seres humanos algo do que nós tenhamos visto e olhado e aprendido sobre as grandes verdades transcendentais da nossa existência. Eu concordo totalmente com isso. Mas por favor, lembre-se que hoje eu tenho o mais empático dos mediadores enquanto que nas outras duas ocasiões eu tinha a mídia aqui, e é a sua terrível complacência, sua terrível crença de que por que ela pode alcançar milhões de pessoas isso torna o que ela tem a dizer um milhão de vezes mais efetivo, que eu acho tão chocante. As obviedades que a mídia exibe tão imoderadamente são cheias de veneno; é para isto que eu venho tentando chamar a atenção.

É uma coisa maravilhosa, como eu disse na primeira palestra, que nós tenhamos esta realidade em Cristo para viver com e nela, por causa do brilho de um comunicador como o apóstolo Paulo, por causa do brilho de comunicadores como os homens que escreveram os Evangelhos, por causa da comunicação brilhante transmitida por toda a arte, literatura, filosofia, e toda estupenda criatividade de um tipo ou de outro derivada do sublime drama do Novo Testamento. Então nós chegamos à mídia, sempre buscando, por todos os meios, alcançar mais e mais pessoas, e o perigo que ela se torna ao constituir-se uma influência viciosa, corrupta, sempre sobrepondo qualquer possível vantagem na forma de velocidade ou transmissão que possa se oferecer. O que eu estou dizendo é que pode ser necessário, em tal caso, para os cristãos decidirem o que vão fazer a respeito disso, assim como foi necessário para os cristãos em Corinto decidirem o que eles iriam fazer sobre os jogos na sociedade corrupta e depravada em que eles estavam vivendo.

Dado ao que o senhor estava dizendo hoje à noite, que a câmera pode exibir a realidade de Cristo...eu mesmo, sendo um cristão, estou retornando aos Estados Unidos para entrar na escola de jornalismo na esperança de me tornar um repórter fotográfico. Como posso, como um cristão, fazer isso da melhor maneira possível? Que tipo de dicas o senhor poderia me dar? Ou que limites o senhor poderia estabelecer para mim? Como posso usar o fotojornalismo nos Estados Unidos para mostrar a realidade de Cristo?

Não creio que existam regras para isso. Creio que você descobrirá dificuldades inesperadas, não por razões pessoais, não por causa de seus colegas, mas somente por causa da própria câmera, por causa daquilo que é requerido da câmera. Supondo que houvesse um cinegrafista perambulando pelas ruas de Jerusalém nos tempos da Crucificação, eu duvido que ele tivesse subido o Gólgota para filmar lá. Os valores sobre os quais ele estaria operando não se aplicariam naquele cenário. Ao mesmo tempo, devemos nos lembrar de que com Deus todas as coisas são possíveis. Então eu lhes digo que se vocês, como cristãos, permanecerem firmes e convictos, fiéis à realidade de Cristo, e nunca permitirem que ela se perca de vista, então qualquer coisa que vocês tentem fazer será servi-lo. Isto é tudo que se pode dizer. Não há regras.

Se vemos algo na televisão de que não gostamos, o que o senhor sugere que façamos? Qual é o meio mais efetivo de combater isso?

Esta é uma pergunta muito difícil, sobre a qual eu tenho refletido muito, especialmente quando eu era presidente da seção de transmissão do Relatório de Pornografia de Lord Longford. Se você escreve reclamando, é extremamente improvável que qualquer coisa seja feita sobre isso – há um departamento especial, com longa experiência e alta eficiência em neutralizar reclamações. Se você protestar publicamente, você pode, sem querer, estar ajudando a própria coisa sobre a qual protesta, porque é muito difícil que parem de exibi-la, e não há nada que os produtores de programas de tevê, peças, livros e filmes questionáveis gostem mais do que protestos. Eu mesmo já ouvi dentro de um estúdio de televisão a esperança expressa de que com um pouco de sorte, aquilo que estava sendo exibido na tela conseguiria provocar uma explosão da Senhora Whitehouse. Eu devo honestamente dizer a voces que eu acho que chegará uma hora, e talvez já tenha chegado, que cristãos simplesmente não terão televisão, por causa da crescente mistura daquilo que é realmente mau nela. Obviamente isto será particularmente o caso se você tem crianças em casa. Como eu tenho sempre dito, é a hipocrisia mais nojenta afirmar que o fato de colocar horário em um programa, ou colocar alertas sobre ele, vai impedir os jovens de vê-lo.

Senhor Muggeridge, o senhor obviamente tem passado algum tempo cogitando sobre a sua vida e eu me pergunto se, caso o senhor tivesse a oportunidade, o senhor a viveria novamente da mesma maneira e se não, o que o senhor gostaria de mudar?

Teoricamente uma pessoa deveria ser capaz de dizer: “Eu gostaria de não ter feito todas as coisas horríveis que eu fiz”. Mas isso não seria verdade. Estive escrevendo minha autobiografia e isso nos força a examinar a própria vida de

maneira bem profunda. À medida que eu procedi nesse exame eu comecei a ver a minha vida como parte do gigantesco drama da criação, encenado por criaturas feitas à imagem de Deus, vivendo no tempo, capazes de conceber a perfeição mas imperfeitas por natureza. Portanto, se eu fosse dizer que não gostaria de ter feito isso ou aquilo, seria o mesmo que dizer que minha vida, na sua totalidade, foi outra e que eu não tive relances da verdade confirmados vivendo-a. É complicado, realmente. Se você fosse dizer a Shakespeare quando ele estava escrevendo *O Rei Lear*: "Porque você faz esse pobre velho rei sofrer assim? Porque você não dá a ele um sedativo no final do Primeiro Ato?". A resposta de Shakespeare teria sido: "Bem, eu entendo seu argumento e sinto muito pelo velho mas se eu fosse dar um sedativo a ele no final do Primeiro Ato não haveria peça alguma". Quando oferecemos nossas vidas a Deus é em sua totalidade, não revisadas pela inspeção dele. Eu tremo só de pensar que dever ser assim, mas assim é.

Eu ia perguntar quando o senhor começou a atacar os seus próprios filmes – ou como o senhor falsificou tudo isso – mas eu acho que o senhor já nos demonstrou que a verdade pode vir à tona. Eu gostaria de acrescentar, eu acho, que é a pureza do motivo das pessoas que realmente importa. É isto que eu queria dizer para nosso amigo americano: eu acho que um cristão com motivos puros pode ser usado por Cristo. Me parece que São Paulo foi a Roma porque lá era o centro do poder do mundo nos dias dele, um modo de levar as idéias cristãs para todo o império, para todo o mundo conhecido, rapidamente, e eu não vejo como os cristãos podem levar as idéias cristãs para o mundo todo sem usar a mídia, sem mais cristãos militantes entrando na mídia e usando a mídia e levando o cristianismo para milhões de pessoas ao redor do mundo.

Eu entendo seu argumento. É claro, antes de tudo eu concordo inteiramente que cristãos que trabalham no negócio de comunicação devem trabalhar como cristãos. Isto é claro. Com relação a São Paulo indo para Roma, historicamente ele foi levado para Roma como prisioneiro. Ele não comprou uma passagem pela Pan-Am. Ele estava feliz de ir para lá e se propôs a ir para a Espanha; ele era um viajante, um enviado do Nosso Senhor.

Com relação aos milhões de pessoas, eu não tenho tanta certeza. Eu considerei isso na minha primeira palestra em conexão com a quarta tentação: se o Nosso Senhor teria aceito uma oportunidade no horário nobre da Televisão Romana como cortesia de Lúcifer, Inc. Veja, esse negócio de comunicação é muito misterioso; depois de cinquenta anos nele, ele permanece enormemente misterioso. Deixe cair uma palavra, uma palavra casual, e ela tem um impacto; monte uma operação elaborada, com muitas pessoas participando e palestras de longo alcance, e ninguém dá a mínima. Deixe-me dar um simples exemplo tirado de assuntos seculares. Eu tenho certeza que o livro *Animal Farm* de George Orwell causou muito mais mal ao comunismo do que todas as atividades da Voz da América, do Serviço Além Mar da BBC, da Rádio Livre da Europa, ou todos esses juntos. Eu adorei saber outro dia que ele chegou à Polônia classificado como livro sobre agricultura!

Então eu tenho sempre muitas dúvidas sobre estimar influências através da contagem de cabeças. Deus fala conosco numa voz calma e baixa, e deixa as palavras estrondosas para Cesar. A verdade é que o que é verdadeiramente efetivo é a verdade. Eu suponho que se você tivesse visto São Paulo desembarcando na Europa e alguém tivesse dito: “Você acha que este homem será o fundador e inspirador de uma civilização que vai durar por dois mil anos?” você teria dito: “Não, ele é um pobre homem; ele teria que ter alguém com poder e influência para apoiá-lo”. Ele tinha, é claro, mas não deste mundo. Essas coisas são muito misteriosas.

Eu espero que o senhor não encerre estas super palestras nos fazendo jogar fora nossos aparelhos de televisão, ou realmente nos pedindo que não haja cristãos envolvidos em todas as artes e comunicação de mídia. Durante tempo demais os cristãos permaneceram na linha do chute esperando o jogo e não envolvidos nele. É duro e é difícil, mas alguns certamente precisam estar lá, trabalhando nisso. Não foram os artistas no Livro de Êxodo as primeiras pessoas, sob a ordem de Deus, a receber a benção de Deus e o presente do Espírito Santo? Então, um pequeno grupo de nós está lutando.

Eu sei que estão e ninguém poderia admirar mais o que vocês estão fazendo do que eu. Acho que é uma coisa maravilhosa e tenho certeza que tal missão é amplamente justificada e necessária e eu aplaudo o que vocês estão fazendo com todo o meu coração. Mas esse negócio de envolvimento também tem seus riscos. Um preço muito alto pode ser pago pelo envolvimento. Novamente, eu não acho que exista nenhuma regra segura à qual se possa recorrer.

A música de Noel Coward ‘Não coloque sua filha no palco, Mrs. Worthington’ ainda está na memória de muitas pessoas aqui hoje; quando a filha deles, que recebeu um talento, vier e perguntar ‘Será que não posso ser uma cristã e uma dançarina?'... Ela pode ser uma cristã e uma dançarina?

Oh sim, absolutamente, mas eu penso que você não deve se equivocar pelo outro lado, tampouco. Eu tenho uma grande simpatia pelos puritanos que fecharam o teatro, dadas as circunstâncias sociais quando eles fizeram isso. Obviamente nenhum cristão deve se divorciar do mundo enquanto vive nele. Mas novamente, pensando em São Paulo, supondo que algum jovem cristão convertido tivesse vindo e dito: “Acabam de me oferecer um trabalho maravilhoso como gladiador, o senhor acha que um gladiador cristão seria uma boa ideia?" Eu suponho que o querido velho homem teria dito, "Não, eu não acho". Depende inteiramente das circunstâncias do caso. Uma das muitas razões pelas quais eu abomino a presente mania pelo erotismo e pela arte pornográfica e o entretenimento é por causa dos infelizes que têm que fazer parte disso profissionalmente. Se a arte se torna decadente para além de um certo ponto, eu tenho certeza que você não desejaria aprovar isso.

Estou certo ao supor que George Orwell escreveu Animal Farm *enquanto trabalhava na porta ao lado? Na BBC? (*Muggeridge responde – Sim). *Eu estou surpreso por não ter ouvido uma repreensão ferina da sua parte sobre todo o barulho com o qual essas fantasias nos são arremessadas. Se houvesse qualquer método de controle desse barulho pelo DOE (Departamento de*

Energia), ou dos fabricantes de aparelhos de TV e autoridades de transmissão, talvez pudesse haver uma coexistência com a televisão. Como o senhor não é mais um telespectador, quero dizer-lhe algo que o senhor está perdendo: é possível atravessar o Deserto do México com Geoffrey Boswall, se divertir com a vida nos submarinos sem sair da sua poltrona e ver um grande condor voando pelos Andes.

Vou chorar a qualquer momento.

Eu imploro que o senhor aceite de volta uma pequena antena, uma da BBC.

Não, não. Eu nunca a pegarei de volta, embora seja muito gentil da sua parte sugerir isso. Sua observação sobre Orwell é interessante. Ele me disse uma coisa sobre a qual eu nunca me canso de rir e repetir quando tenho oportunidade – quando ele estava criando o Ministério da Verdade, no livro *1984,* a BBC era o seu modelo. Ele trabalhou lá na guerra, e o Ministério da Verdade guarda traços indiscutíveis desta experiência – todos aqueles longos e frios corredores são inconfundíveis, são a Casa da Transmissão. Sobre a questão do barulho , é claro, é uma coisa terrível; uma das coisas entre muitas outras que está levando as pessoas gradualmente à loucura. Eu mesmo não tenho tolerância com isso. Você diz que pode aproveitar os Andes sem sair da sua poltrona; mas esta é precisamente uma das razões pelas quais eu mandei retirar as antenas. Eu não quero aproveitar os Andes sentado na minha poltrona.

Falando como alguém que trabalha na televisão, será que eu posso fazer uma última tentativa de mudar o foco do seu ataque à televisão para um alvo maior da mídia? Nos seus argumentos sobre a verdade transmitida pela televisão eu fiquei interessado, na sua primeira palestra, ao notar que seus exemplos vieram dos seus dias de jornalismo, quando o senhor se sentava no Cairo e imaginava o que estava acontecendo, e escrevia para nós aqui em casa. O senhor não acha que se isso tivesse acontecido, digamos, quatro séculos atrás, lá pela época da invenção da imprensa, o senhor teria retirado seus óculos, porque o senhor estaria nos dando exatamente a mesma palestra? Não é uma coisa terrível a gente receber toda essa opinião subjetiva em palavras escritas e acreditar que ela seja verdadeira?

Isso está muito bem colocado e talvez eu deveria ter lidado com a questão que você levanta. De maneira alguma eu comparo a invenção da imprensa com a invenção da televisão. Há diferenças enormes entre as duas, e uma das mais óbvias é que a palavra impressa – a qual eu guardo em veneração – não está submetida ao mesmo controle centralizado da televisão. Em outras palavras, muitas pessoas podem imprimir clandestinamente e abertamente, com prensas caseiras ou rotativas, e assim por diante; mas no caso da televisão, você tem que ter, por causa da natureza da tecnologia, um controle centralizado. O que não se descobriu é o controle de quem, ou em que termos esse controle está sendo exercido.

Palavras, palavras impressas, são palavras que se levantaram na mente humana. Elas estão conectadas com o pensamento e com a arte. Mas

fotografia ou filme é uma coisa completamente diferente. É feita por máquinas; como eu disse na minha terceira palestra hoje, é ver com e não através do olho; olhar sem ver.

É possível mentir e falar a verdade em ambas as mídias; com fotografia e com palavras. Certamente o que o senhor está dizendo é que isso é mais fácil de fazer com imagens do que com palavras.

É praticamente impossível dizer a verdade na televisão, mas você pode se esforçar. No que diz respeito à palavra, falada ou escrita, ela tem sido usada e continua a ser usada, com o propósito de enganar e com propósitos malignos como a pornografia. Isto é absolutamente verdadeiro. Mas, veja, uma palavra vem de um homem. Colocando em termos bem simples, se eu escrever uma novela, assinar meu nome, eu estou dizendo que esses são os meus pensamentos, essas são as minhas ideias, são as minhas impressões e a resposta do leitor é de acordo. Se você armar uma câmera e fizer um filme, isto não é considerado o ponto de vista de ninguém; é a realidade e, é claro, é muito mais fantasia do que palavras. Supondo que houvesse sido feito um filme da vida do Nosso Senhor, você acha que isso teria provocado os homens como os Evangelhos provocaram?

Se eu puder replicar, se o Espírito do Senhor tivesse trabalhado nele, sim. Mas eu entendi seu ponto de vista sobre as palavras serem mais específicas e as imagens, mais contundentes. O uso de imagens para informar as pessoas de fatos que elas acreditam serem verdadeiros simplesmente porque os viram, é um problema, mas eu não creio que seja um problema insuperável. Já que o senhor gastou três palestras atacando basicamente a fantasia, sendo um dos mais brilhantes expoentes da linguagem da fantasia, eu penso que eu poderia falar um pouco mais com o senhor sobre isso. Hoje nós vimos Nicodemus como um expert no jogo dos painéis; na semana passada tivemos lagartas adivinhando no rádio se elas se tornariam borboletas ou não. A razão pela qual nós acreditamos no que o senhor está dizendo, e entendemos a mensagem que o senhor está transmitindo, é porque nós entendemos que o senhor está usando a fantasia para nos ajudar a enxergar mais longe. Eu acho que a televisão pode ser usada da mesma forma.

Isto é uma questão de semântica. Quando eu uso a palavra “fantasia” eu não estou me referindo à imaginação, porque a imaginação é o coração e a fonte de toda a arte. Coleridge fez uma exposição esplêndida sobre a diferença entre a fantasia e a imaginação. Quando Blake disse que ele acreditava na imaginação, ele viu a imaginação provendo uma imagem da verdade. Mas a fantasia é a criação de imagens e idéias que não são verdade, que não têm relação com a verdade e que não podem ter relação com a verdade. Este é o ponto da observação de Blake sobre ver com e através do olho. Ver através do olho é este dom maravilhoso da imaginação, que você está confundindo com a fantasia. É uma coisa totalmente diferente – como a diferença entre sentimentalismo e sentimento.

PALESTRAS DOS MEDIADORES

POR SIR CHARLES CURRAN

DIRETOR-GERAL DA BBC

MEDIADOR DA PRIMEIRA PALESTRA

Eu alertei John Stott, quando ele me convidou para tomar assento na primeira destas conferências, que apesar de que me daria grande prazer e seria muito interessante ouvir Malcolm Muggeridge nesta ocasião, eu poderia me encontrar em algum conflito com ele, como aconteceu no passado. Sabe-se que eu o acusei de pessimismo maniqueísta em sua atitude com relação à crença cristã e sua prática social.

Portanto Malcolm, tendo sido devidamente avisado, disse que estava preparado para correr o risco se eu fosse crítico, e se ele está falando sobre a mídia, então eu sei que temos visões distintas, porque eu a valorizo, não sem críticas, como ela é, e suspeito que ele não está nem um pouco convencido como eu de sua utilidade presente. Quando ele acrescenta que o título de sua primeira palestra é “A Quarta Tentação”, eu suspeito que ele realmente a considera trabalho do diabo.

Então me perdoem se eu relembrar aqui algumas palavras ditas por mim no início de 1971 sobre o que eu via como as responsabilidades das transmissoras públicas neste país. Eu disse então: ‘Nós não entendemos pela frase “responsabilidade moral” uma obrigação de pregar uma forma particular de conduta’. Eu acrescentei que não era nosso trabalho adotar uma moralidade particular e depois tentar persuadir todos a segui-la. Porque nós na BBC e outras organizações de transmissão éramos monopolistas, ou quase monopolistas, nós não poderíamos ser, *como último recurso,* uma arma moral, mas somente um meio de transmitir mensagens que poderiam ser morais de acordo com o critério usado por cada um de nós na audiência. Finalmente, eu sugeri que durante meu tempo na BBC eu vi a sociedade pluralística na qual nós agora vivemos refletida sempre entre os membros de nossa mesa de governantes, e tendo visto isso, eu não posso acreditar que eles, conforme foi dito, ‘tenham concordado sobre qual moralidade seria exposta pela BBC’. Para melhor entendimento eu acrescentei: ‘Nem eu conheço por qual autoridade eles se devotariam a tal moralidade mesmo que eles estivessem capacitados coletivamente a concordar com alguma’. Eu acrescento nesta noite: ‘Nem eu conheço qualquer outra corporação de transmissão fora de um estado totalmente teocrático que poderia alcançar tal concordância e acordo’.

E devo acrescentar finalmente que como um católico romano, eu mesmo estou bem consciente de ser diferente de outros e do desejo de ser um com outros cristãos. Neste desejo eu vejo televisão como uma indulgência, mas não como

uma tentação. E agora, tendo jogado estas poucas fagulhas eu deixo para Malcolm Muggeridge acender a tocha enquanto eu me retiro.

MALCOLM MUGGERIDGE

Senhoras e senhores, eu desejo começar expressando meu apreço pela presença de Charles Curran aqui nesta noite. É uma atitude muito amistosa da parte dele – especialmente quando eu reconheço que ela envolve perder um show do Royal Command no Palladium – e também magnânima, porque é verdade que em diferentes períodos ao longo dos anos eu tive coisas duras a dizer sobre a BBC a qual ele preside como herdeiro do reino de John Reith, acho que o quinto na sucessão. Portanto bater na BBC, mesmo que seja por implicação, pode ser considerado depreciativo para ele. É também verdade que a BBC sempre me tratou com consideração, senão indulgência. Houve essa fascinante, e tão característica, diretiva, de que o efeito dos documentários da BBC deveriam ser impecavelmente objetivos, exceto se nos fosse permitido, a James Cameron e a mim, presumivelmente equilibrando um ao outro, mostrar nossas fantasias e preconceitos.

Então, minhas piadas ocasionais às custas da Corporação podem ser desta forma reconhecidas como exercícios em morder a mão que me alimentou, mas eu gosto de ver isto de uma maneira diferente. Eu sempre pensei comigo mesmo que havia uma semelhança bem próxima entre a BBC e a Igreja da Inglaterra. Então o nosso diretor aqui nesta noite seria o primaz, e os outros diretores seriam os comissionários eclesiásticos, e as várias cabeças dos departamentos seriam os bispos, como se houvesse a televisão de Alastair e a rádio de Edward e assim por diante, todos com direito a manifestar seu lugar na hierarquia adicionando um pequenino microfone às suas assinaturas. Então, em vez de um servo ingrato, eu prefiro pensar em mim como, na melhor das hipóteses, um pregador leigo turbulento, o qual é dado a procurar toda oportunidade para vociferar. De qualquer forma, Charles, saudações, e não se esqueça que eu tenho a dúbia distinção de ser provavelmente o mais velho e certamente o mais antigo praticante de seus livros.

A RÉPLICA DO MEDIADOR

Tenho certeza, Malcom, que devo agradecer a você em nome de todos por uma maravilhosa proeza oratória. Me deram um direito de resposta. Não vou demorar muito. Depois disso, será minha obrigação levantar os questionadores do chão. Vocês entenderão, depois de ouvir Malcolm, a justiça do comentário de que minha aparição aqui nesta noite é um ato de magnanimidade. Eu sabia que ele pensava que nós éramos trabalho do diabo. Seja como for.

Voltemos a este lema por um momento, porque é uma questão de verdade. O lema da BBC está em latim porque um dos diretores pensou que poderia escrever em latim. Ele era um seguidor de Wykeham (fundador do Colégio de Winchester) e traduziu parte do lema direto da Vulgata, a qual não está na clássica tradição do latim. A verdade não é sempre como parece, mesmo diante da Broadcasting House.

Porém, fora a elegância barroca – e fantasia, do que Malcolm disse, nós temos que encontrar uma estrutura subjacente naquilo que ele está tentando dizer. E eu não tenho certeza se consigo. Ele citou, ou talvez deliberadamente se equivocou ao citar C.P. Scott, autor da famosa afirmação de que “fatos são sagrados, comentários devem ser livres”. Ele não mencionou a segunda parte desta frase, ‘É bom ser livre. É ainda melhor ser justo”.

Pelo meu relógio, só depois das sete horas é que nós chegamos à primeira menção de qualquer programa que poderia justificar as reestrições anteriores. E essa menção foi de um comercial nos Estados Unidos, e um comercial político. E não foi nem sobre o comercial em si, foi sobre a gravação do comercial. E cinco minutos depois, nós tivemos a próxima menção de um programa, a qual também foi sobre a produção do programa e não sobre o programa em si. Eu não poderia, como um árbitro de justiça dentro da BBC, considerar isso aceitável dentro de um de nossos programas.

A grande afirmação veio no começo. ‘A transmissão da mídia é a maior influência singular na sociedade neste momento’. Eu deveria estar preparado para argumentar contra isso. Acho que existem outras importantes influências. Eu escolheria, por um momento, lembrar a família. No entanto, deixemos a família de lado, e vamos aceitar a televisão como a maior influência. Exercida, e eu tenho as palavras exatas, arbitrariamente, irresponsavelmente, sem qualquer convicção espiritual. Eu simplesmente digo que este não é o mundo que eu reconheço na indústria da transmissão da mídia. Tudo isso, sem uma referência a qualquer programa transmitido pelo corpo que é culpado de toda essa ação arbitrária e irresponsável.

Notícias. Houve uma longa passagem sobre notícias. A maior parte foi de anedotas da época anterior à televisão, admitidamente estabelecendo as credenciais de Malcolm como um homem da mídia; não, creio eu, como um homem da televisão. Houve uma estória sobre notícias do Cairo adquiridas de um jornalista que não falava árabe. Notícias podem ser obtidas por meios melhores. Em abril, eu estive em Madri. Eu passei três horas com o atual Primeiro Ministro e seu adjunto, antes que eles fossem o primeiro ministro e seu adjunto. Eu falei espanhol o tempo todo. E eu descobri, naquela reunião, tudo o que aconteceu depois disso. Eles me disseram exatamente o que iria acontecer, e eu farei uma profecia: eles farão tudo que for necessário para trazer a Espanha a uma democracia constitucional. É isso que eles me disseram; a evidência do que eles já fizeram para cumprir o que eles haviam dito que fariam é suficiente para me convencer que eles estavam dizendo a verdade, e essa notícia verdadeira foi transmitida. Não é necessário que a notícia seja sempre uma inverdade.

Mas a questão fundamental foi deixada sem resposta. Como você faz televisão? Você a governa através de uma asserção de suas próprias crenças, ou das dos outros? Não no meu mundo. Não sob a minha fé, a qual descansa na convicção pessoal e no consentimento daquilo que está proposto para ser acreditado, e não numa imposição arbitrária de algo que alguém diz que eu devo acreditar, independente de eu tê-lo aceitado ou entendido. Em algum lugar daquilo que Malcolm disse nós perdemos Cristo. Exceto pela história da

Igreja, e incompleta, nenhuma menção das agonias e tristezas da Reforma, e dos quatrocentos anos de dificuldades que vieram desde então. Somente o esplendor da igreja medieval, a qual algumas vezes não era tão esplêndida assim.

Se a televisão será usada pelas igrejas, então ela deverá ser usada para afirmação no sentido que um dos Pais descreveu o ensinamento de Cristo: "Me amem e façam o que quiserem".

MALCOLM MUGGERIDGE

Com todo respeito, a citação de conclusão usada por Sir Charles está mal interpretada, da forma como ele a usa. Ela foi tirada da Homilia VII das Homilias de Santo Agostinho sobre São João. O tema da passagem em questão é conforme segue. Havia uma *traditio* (entrega) de Jesus por Deus, o Pai, pelo Filho, e por Judas. A coisa feita é a mesma, mas o pai e o Filho a fizeram em amor, enquanto Judas a fez em traição. Se nós medirmos o que foi feito pela divina intuição, no caso do Pai e do Filho, isso deve ser admirado, no caso de Judas, condenado. Tal é a força da caridade (*agape)* que ela sozinha distingue os feitos dos homens. 'Uma vez por todas', conclui Santo Agostinho 'um preceito nos é dado por Vós: AMAI, E FAZEI O QUE QUISERDES; enquanto conservardes a vossa paz, pelo amor conservai-a; enquanto gritardes, gritai por amor; enquanto corrigirdes, corrigi por amor; enquanto poupardes, por amor poupai; QUE A RAIZ DO AMOR ESTEJA EM TUDO, POIS DESTA RAIZ NADA PODE BROTAR QUE NÃO SEJA BOM'.

SIR BRIAN YOUNG

DIRETOR-GERAL DA AUTORIDADE INDEPENDENTE DE TRANSMISSÃO

MEDIADOR DA SEGUNDA PALESTRA

Senhoras e senhores, vocês todos se lembrarão do que Hamlet disse numa ocasião que ele encontrou uma cabeça, muito parecida com a de Malcom: “Oh, pobre Yorick, um sujeito de infinita jocosidade". Malcolm Muggeridge é, certamente, um ‘sujeito de infinita jocosidade’. Seu temperamento e seu estilo de prosa são, para mim, deveras incomparáveis. Acrescentem a eles o charme, a vigorosa flagelação de si mesmo como dos outros, e vocês podem ver porque ele é o mais atraente monge da nossa era não-monástica.

Meu primeiro encontro com ele, um breve encontro, realmente faz um contraste irônico com o lugar onde estamos nesta noite. Vinte anos atrás, como editor do *Punch,* ele publicou algo tão chocante para o velho público daquela revista, que um deles, meu pai, cancelou sua assinatura. Como Malcolm agora, ele mandou remover as antenas. E ele escreveu para este sujeito Muggeridge para protestar que em sua paixão para satisfazer um público imoral e sem raízes, ele estava acabando com todos os padrões de decência. Meu pai me disse o que ele havia feito, pois um diretor deveria ter empatia em matérias desta natureza. Eu pedi para ver a resposta. Eu gostaria de lê-la para vocês agora, ou mesmo emprestar algumas frases dela para ocasiões em que eu respondo cartas similares. Mas, oh, um silêncio seguiu-se. Não houve resposta.

Hoje à noite é tudo diferente. Malcolm dispara os tiros, e eu estou aqui para ser São Sebastião, junto com Sir Michael Swann.

Malcolm começou nos falando da quarta tentação. Mas será que caiu uma página do texto dele? Eu creio que nas tentações Cristo estava descobrindo uma maneira pela qual ele pudesse usar seus poderes divinos para trazer os homens a Deus. E que ele decidiu que não quebraria as leis da criação. Ele não chantagearia os homens com bens materiais, não os deslumbraria montando os céus, ou os coagiria como um mágico rei do mundo. Nós sabemos que ele se recusou a transformar pedras em pão. Mas nós também sabemos que ele transformou cinco pedaços de pão em comida para milhares. E me pareceu a mim que a questão que precisava ser respondida era se Cristo permitiria que os meios eletrônicos espalhassem rapidamente a sua mensagem única da mesma maneira que ele multiplicou e apressou o reinado de Deus para ser o alimento de muitos. Ou será que ele pensaria que esta distorção poderia tornar seu pão em pedras? Eu não ouvi nenhuma tentativa de lidar com esta questão. Eu só ouvi as piadas adjacentes.

Mas esta noite, com os Videotapes do Mar Morto, nós vamos nos sair melhor. Pois Malcolm Muggeridge é certamente o nosso Aristófanes do Século Vinte. No tempo em que Atenas alcançou o pico da civilização, quando todo cidadão podia sentar-se com aqueles que tomavam decisões e cada cidadão podia

assistir a mesma peça de teatro, tudo o que Aristófanes podia ver eram padrões caídos, tolos enganados, demagogos grotescos. Ele zombou deles com humor e fantasia, mas no meio disso, no meio dos ataques violentos e distorcidos e deliciosos, havia amor, não meramente amor pelo passado estável, mas amor pelos seus semelhantes. Assim como Malcolm zomba e satiriza os transmissores da mídia hoje, eu estarei procurando nos textos dos seus manuscritos por aquilo que eu encontro na comédia de Aristófanes: visão assim como exagero, cuidado assim como caricatura mordaz.

* * *

Malcolm, obrigado. Essa foi eloqüente e comovente e eu não peço nenhum direito de resposta: eu gostaria meramente de ocupar três minutos enquanto alguns de vocês pensam sobre o que gostariam de perguntar ao Malcolm ou de dizer a ele. Esta noite eu me perguntava de vez em quando se ele estava usando o contrário dos óculos cor-de-rosa. O que seriam eles, óculos marrom-arroxeados? Me parece que ele estava olhando para o mundo e vendo apenas alguns aspectos muito tristes dele, e eu espero que alguns de vocês aqui, talvez particularmente os mais jovens, possam dizer a ele algumas coisas que me parecem estar faltando no diagnóstico dele. Suas palavras sobre a Encarnação, e sua gratidão por isso, nos fazem lembrar a necessidade de não usar o espiritual como um escape, um lugar onde de muitas maneiras ele gostaria de estar, mas de ver e enxergar nas coisas materiais algo da bondade de Deus.

Obviamente ele tem sentimentos muito fortes sobre as imagens. Iconoclastas, acho que eram, as últimas pessoas que insistiram que todas as imagens deveriam ser quebradas. Eu acho que o sentimento de Malcolm era, por assim dizer, o reverso de Narciso: ele olhou para uma imagem dele mesmo, e em vez de amá-la sentiu ódio por ela porque ele sabia muito a respeito daquilo que parecia a ele ser falsidade, os meios artificiais pelos quais a imagem era trazida para a tela. Eu não tenho certeza de que isso seja uma causa muito profunda para se rejeitar as imagens, e me parece que muitas das parábolas são imagens, e se eu pudesse pensar numa seria o terceiro capítulo de Gênesis, uma das imagens mais poderosas de todas. Talvez a transmissão seja algo como a árvore do conhecimento do bem e do mal, essa imagem de todo homem crescendo da inocência até o ponto da escolha e liberdade, talvez de toda a humanidade crescendo assim: a retirada da fruta simboliza a escolha mais difícil, viver perigosamente. Mas lembrem-se da segunda imagem – em algum lugar no livro dos Pais da Fé, eu acredito – onde a mesma árvore é tomada e é levada para o Calvário para ser erguida numa cruz; e colocada depois como uma velha raiz novamente na terra, ela volta a florescer.

Eu acredito que os frutos pelos quais nós somos responsáveis, de uma forma vívida e visível, como Malcolm nos lembrou – nós, homens da mídia, os trazemos às pessoas de uma forma que provoca muita controvérsia – eu acredito que esses frutos (alguns deles, é claro, não particularmente nutritivos, estão lá para se relaxar num fim de tarde; alguns, certamente, têm os elementos do showbiz que Malcolm e outros desgostam) – eu certamente acredito que mais deles do que Malcolm admite trazem um senso de

compaixão e preocupação, e maravilha, e admiração, em ficção assim como em não-ficção, apesar da citação que ele fez de Simone Weil; e então talvez, numa discussão, nós poderíamos buscar não somente aqueles elementos do mundo moderno vistos particularmente na mídia os quais podem invocar nosso desgosto mas também aqueles elementos os quais nos dão esperança e coragem. Agora, isso deve ter dado a vocês tempo suficiente para pensar nas questãos, comentários e maneiras de continuar o debate.

REVERENDO JOHN R.W.STOTT

MEDIADOR DA ÚLTIMA PALESTRA

Eu gostaria de tomar somente uns poucos minutos, se puder, para expressar nossa gratidão conjunta a Malcolm Muggeridge. Eu estou extremamente hesitante em fazer isso, em parte porque eu temo ser um daqueles modernos clérigos de cabelo comprido que Malcolm Muggeridge não perde oportunidade de anatematizar. De qualquer forma, eu realmente quero dizer duas coisas, uma sobre ele e outra sobre nós.

Alguns de vocês devem saber que Malcolm Muggeridge acaba de retornar do que eu posso somente descrever como uma procissão triunfante pela Austrália e Nova Zelândia. Dr. Marcos Loane, o arcebispo de Sidney, descreveu-o numa reunião no Sínodo em Sidney como "o mais significativo leigo desde C.S. Lewis, altamente inteligente e um evidente e articulado apologista para Cristo". Um amigo meu escreveu-me logo depois da visita de Malcolm Muggeridge a Sidney para me contar que ele causou um impacto real na Austrália pagã assim como na Austrália cristã, e então acrescentou, acho que significamente, 'Oh, dá-nos mais profetas, Senhor!'.

Eu gostaria de sugerir a vocês que nós deveríamos considerar Malcolm Muggeridge como um verdadeiro profeta do Século Vinte, e agora só por um momento eu tomo a liberdade de caracterizar para vocês o Profeta Muggeridge. Esta é a maneira como eu quero demosntrar minha gratidão, e espero, também a de vocês.

Primeiro, ele tem coragem. Enquanto a civilização cristã parece estar se desintegrando ao nosso redor no Ocidente, e há uma urgente necessidade por liderança cristã, Malcolm Muggeridge é novamente uma voz clamando no deserto.

Em seguida, ele tem percepção. Os profestas eram videntes, eles viam coisas com límpida clareza enquanto outros permaneciam ajuntados na névoa. Voces notaram quantas vezes durante as palestras Malcolm Muggeridge disse "é assim que eu vejo"? Ele frequentemente vê coisas que nós não vemos, vê coisas, na frase de Blake que ele mesmo usou esta noite, 'através e não somente com os olhos'.

Em seguida, profetas são sujeitos esquisitos para se conviver. Eles denunciam o mal, eles fazem soar o alarme, enquanto a nação está dormindo pacificamente; eles têm ao mesmo tempo uma profunda compaixão pela nação e cultura à qual eles estão criticando.

E, algumas vezes, profetas exageram. Estritamente falando, a precisão matemática não é o forte deles. Enquanto eu escutava as três palestras de Malcolm Muggeridge eu me flagrei colocando-o no rol de Elias e João Batista, pois os dois são equivalentes nos Dois Testamentos. Não me

parece difícil visualizar Malcolm com a roupa de pele de camelo. Não tenho dificuldade em imaginá-lo comendo gafanhotos com prazer, ou até mesmo chorando. ‘Eu, até mesmo eu, fui deixado sozinho’. Mas vocês sabem, o interessante é que o Senhor Deus teve que fazer, ou ajudar Elias a fazer, drásticos ajustes a seus números. Elias cometeu um erro: com ele haviam outros sete mil. Mas o ponto que eu quero frisar é que Deus não descartou Elias por conta disso. Eu concluo assim: eu creio que para Deus, a fidelidade profética é mais importante do que a precisão estatística.

E agora tenho algo final a dizer. Esta é minha maneira, Malcolm, de agradecer a você: espero sinceramente que você não se importe com a roupa de pele de camelo e os gafanhotos. A palavra final, e muito breve, é sobre nós.

Ao longo de todas as eras os cristãos têm debatido uns com os outros sobre como deve ser nossa atitude em relação ao mundo, se nós devemos negá-lo, renunciar a ele, afirmá-lo, transformá-lo, mudá-lo, etc., etc., e tudo isso tem estado em nossas mentes durante essas palestras. Por mim, quero fazer um apelo a vocês como mediador, a vocês que fazem parte da geração que se levanta como cristãos, que vocês entrem na mídia e a salguem. Vejam, eu acredito que se a mídia vai mal, a BBC e todos os outros – não adianta culpá-los: quando a carne apodrece não adianta culpar a carne e a bactéria que faz a carne apodrecer; é a falta do sal que não estava lá para impedir o apodrecimento. E se a mídia estragou e está tão ruim que queremos mandar retirar nossas antenas, quem é culpado? Vocês estão apontando o dedo para eles? Para lá? Então apontem o dedo para cá. É culpa *nossa*. É culpa do povo cristão. Se apenas nós pudéssemos ser o sal da terra como deveríamos ser, e refinar, e reformar e resgatar para Jesus Cristo. Mas enquanto procuramos fazer isso, continuemos a ouvir o alarme que Malcolm tem soado tão fielmente e tão alto nestas palestras. Eu mesmo jamais esquecerei, durante toda a minha vida, o contraste que ele fez entre a fantasia e a realidade, e eu espero levar comigo as palavras dele na palestra desta última semana: fiquem com a realidade de Cristo. Lançam-se para a realidade de Cristo, como marinheiros num mar tempestuoso. Eu deixo estas palestras com a franca determinação de fazer isso mesmo neste mundo fantasioso em que vivemos. Então Malcolm, nós agradecemos a você, e ainda mais a Jesus Cristo, cuja realidade brilha, se podemos dizer assim, muito claramente em você. Obrigado.